



GINNUNGAGAP

Um Livro de Contos e Começos

Haroudo Satiro Xavier Filho

GINNUNGAGAP

Um Livro de Contos e Começos

Haroudo Satiro Xavier Filho

GINNUNGAGAP

Um Livro de Contos e Começos

Editora
Universitária  UFPE

Recife, 2012

Universidade Federal de Pernambuco

Reitor: Prof. Anísio Brasileiro de Freitas Dourado.

Vice-Reitor: Prof. Sílvio Romero Marques.

Diretora da Editora UFPE: Prof^ª Maria José de Matos Luna.

Editora associada à



Comissão Editorial

Presidente: Prof^ª Maria José de Matos Luna.

Titulares: Ana Maria de Barros, Alberto Galvão de Moura Filho, Alice Mirian Happ Botler, Antonio Motta, Helena Lúcia Augusto Chaves, Liana Cristina da Costa Cirne Lins, Ricardo Bastos Cavalcante Prudêncio, Rogélia Herculano Pinto, Rogério Luiz Covalleski, Sônia Souza Melo Cavalcanti de Albuquerque, Vera Lúcia Menezes Lima.

Suplentes: Alessandro da Silva, Arnaldo Manoel Pereira Carneiro, Edigleide Maria Figueiroa Barretto, Eduardo Antônio Guimarães Tavares, Ester Calland de Souza Rosa, Geraldo Antônio Simões Galindo, Maria do Carmo de Barros Pimentel, Marlos de Barros Pessoa, Raul da Mota Silveira Neto, Sílvia Helena Lima Schwamborn, Suzana Cavani Rosas.

Editores Executivos: Edigleide Maria Figueiroa Barretto, Rogério Luiz Covalleski, Sílvia Helena Lima Schwamborn.

Capa: Ildembergue Leite de Souza.

Revisão: Flávio Emmanuel Pereira Gonzalez.

Impressão e acabamento: Editora Universitária da UFPE.

Catálogo na fonte:

Bibliotecária Joselly de Barros Gonçalves, CRB4-1748

X3g	Xavier Filho, Haroudo Satiro. Ginnungagap : um livro de contos e começos / Haroudo Satiro Xavier Filho. – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2013. 181 p. – (Coleção Novos Talentos). ISBN 978-85-415-0176-7 (broch.) 1. Contos brasileiros. 2. Literatura fantástica. I. Título.
B869.3	CDD (23.ed.)
	UFPE (BC2013-012)

COLEÇÃO NOVOS TALENTOS

É com grande satisfação que a Editora Universitária (EdUFPE) e as Pró-Reitorias para Assuntos Acadêmicos (Proacad) e de Gestão de Pessoas e Qualidade de Vida (Progepe) apresentam ao mercado editorial a *Coleção Novos Talentos*. Trata-se de mais uma iniciativa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) pela democratização do acesso ao conhecimento, desta feita por meio do incentivo à publicação de obras inéditas, produzidas por seus servidores técnico-administrativos e estudantes em nível de graduação.

O nome escolhido não poderia ser outro, pois, como indica, há, entre graduandos e quadro funcional da universidade, novos talentos à espera de uma oportunidade editorial. Em 2012, lançamos o edital de inscrição de propostas e, na primeira fase de publicação, vêm a lume nada menos que 17 títulos, cobrindo diferentes áreas de conhecimento, como literatura, música, teatro, pedagogia, gastronomia, administração pública e tecnologia. A diversidade de temas e o bom número de aprovações demonstram que a UFPE acertou ao perceber a necessidade de uma nova linha editorial para setores tão importantes da comunidade universitária, ampliando, assim, o compromisso de democratização editorial, que já contava com outras séries como *Teses e Dissertações* e *Livro-Texto*.

Outros editais da *Coleção Novos Talentos* virão. Outros estudantes e técnico-administrativos serão incentivados a transformar em livros suas habilidades para a produção do conhecimento. E, assim, essas duas partes vitais da nossa comunidade universitária colaborarão ainda mais com a missão social da UFPE em ser uma fonte de soluções para a melhoria da sociedade.

Maria José de Matos Luna
Diretora da EdUFPE

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus inimigos. Escrever sempre foi, para mim, um processo de sublimação. Vocês sempre deram mais corda ao meu relógio. Obrigado.

Agradeço à minha família, que se dividiu em quatro. Em especial aos meus avós, Genisa e Hermínio, por tudo. Ao meu filho, não menos especial, por ser a maior razão para que, diariamente, eu venha ainda a saudar o sol.

Às mulheres que me amaram e me rejeitaram, obrigado. Vocês estão em quase tudo que escrevo.

Aos amigos, por seu incentivo, comentários, auxílio, enfim, por exercerem tão bem a tarefa de serem humanos. Eduardo Fernandes, dentre todos, você foi meu maior incentivador. Adriana Almeida, dentre todas, você foi meu maior suporte. A todos vocês, obrigado.

Agradeço aos revisores, que tiveram de lidar com meu ódio às crases (!!!), o imprudente coloquialismo de minhas personagens e a morbidez de alguns de meus contos.

Maria Elizabete Barroso, Deyvson Pereira, agradeço a vocês pelo carinho de ourives. Se aqui ainda ficam incorreções, são por minha culpa.

Não por mera formalidade, agradeço ao Prof. Dr. André de Sena (Letras UFPE), por avaliar e emitir parecer sobre esse livro. Seu incentivo e de outros escritores e professores, como Neilton Lima, Roberto Beltrão, Cristiano Ramos, Wander Shirukaya e Homero Fonseca, foram fundamentais. Obrigado a todos.

Agradeço à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e à Editora Universitária da mesma instituição pelo apoio, sem o qual esse livro não seria possível.

Haroudo Xavier
Recife, novembro de 2012

PREFÁCIO

Conheço Haroudo Xavier há mais de dez anos. Precisava de um web designer para o site que estava desenvolvendo e a indicação veio de uma jornalista de quem ele era estagiário. Entrei em contato por telefone, expliquei a ideia, gostei do que ouvi, marcamos uma reunião, sim, mas como é mesmo o seu nome para anotar aqui na minha agenda?

– Haroudo. Mas olha, se escreve com “u” no meio, não com “l”.

Estranho. Lembrei logo de Haroldo, o tigre do Calvin. Haroldo com “l”, que é o mais comum. Achei Haroudo com “u” ligeiramente incomum assim como o nome que ostenta. Incomum no melhor sentido – alguém capaz de fugir do óbvio, pensar além dos clichês, e também com um talento único para enxergar o belo nas coisas sombrias e lúgubres.

Fiquei reconfortado, pois era o artista ideal para me ajudar com o projeto – um site sobre as assombrações do Recife. A parceria mais do que deu certo: Haroudo criou um visual denso e misterioso para as páginas virtuais e ainda contribuiu com fotos e textos para o conteúdo. Esses textos eram contos que já revelavam a capacidade de dar vida a personagens introspectivos e sobrenaturais, germens de uma escrita provocadora que você, amigo leitor, vai testemunhar nas páginas seguintes.

Reencontramos-nos agora, em 2012, num seminário promovido pelo “Belvidera”, núcleo de Estudos Oitocentistas ligado ao Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. E foi uma grata surpresa saber que Haroudo havia perseverado na trilha misteriosa e sedutora da literatura fantástica, paixão que também compartilho.

Mais instigante ainda foi conhecer os trabalhos que ele atualmente produz. Uma amostra significativa dessa produção está reunida neste volume. Prepare-se para observar cenas extraordinárias protagonizadas por seres que estão além da nossa pueril racionalidade. Mas não espere a simples repetição

de paradigmas de clássicos da criação literária fantástica. Esta obra não repete modelos.

Claro que, nas narrativas desenhadas por Haroudo, estão presentes elementos do horror clássico, da ficção científica e do tradicional imaginário popular pernambucano; são perceptíveis também as influências de outros meios de expressão como cinema, quadrinhos e RPGs. Entretanto o autor se vale de todos esses tijolos sobrenaturais para construir uma painel de sentimentos e incertezas que atormentam os seres humanos nestes tempos tão dominados pelo individualismo.

Nos contos, estão retratados a solidão, o desejo pelo amor, o desamor, a incomunicabilidade, o medo, a violência, a convivência incômoda com a morte. São textos de certa forma confessionais, que privilegiam coloquialismo dos diálogos, nos quais autor se expõe – em alguns momentos de forma explícita, em outros por meio de sonhos alegóricos. E esse conjunto forma uma prosa ligeira, envolvente, provocativa.

Portando, siga nesse caminho sem temor. Visite e vivencie o universo de medonhos e sedutores contrastes surgidos da imaginação de Haroudo Xavier. Ele mesmo, o Haroudo com “u”.

Roberto Beltrão
Monteiro, novembro de 2012

01

Valsa para Sofia

Morri em 21 de outubro de 1982. Eu tinha oito anos. Não lembro bem como foi. Estava eu brincando e logo senti “aquilo” vindo em minha direção. Esse “aquilo” era uma pequena horda de marimbondos. Minha última memória, quando ainda vivo, guardo dos marimbondos enxameando meu rosto, a dor intensa e a escuridão. Uma imagem guardada como um instantâneo: os insetos congelados em seu ódio vermelho.

Não adoeci. Não me curei. Morri. A morte é uma mulher caprichosa. Lhe fiz promessas de criança e ela me acalentou como uma tia carinhosa. O grande segredo é não me deixar partir. E, desde então, ignoro seu toque. Não que ela não me excite, mas, estoico, resisto a seu amor final.

Meu nome é André. E vivo morto desde 1982, procurando o que fazer da minha não vida, nesta cidade tão mal-assombrada...

Quando se está morto, a vida não passa mais lentamente. Difícil era fazer a funcionária pública a minha frente, uma cria de um javali com uma girafa albina, entender que eu estava com pressa. Ora, mortos também trabalham, ocasionalmente vão mesmo até o Habbib's, onde eu esperava almoçar com Julieta em alguns minutos.

Finalmente ela me trouxe parte dos formulários. Parte, pois imediatamente me explicou que só após o preenchimento desta papelada e o encaminhamento dela é que eu teria a requisição. Já ia me esquecendo. Sim, havia uma razão para me encontrar com esse bizarro híbrido logo pela manhã. Minha prima, Sofia, tinha morrido na noite anterior e me pedira anos atrás, deixara mesmo

por escrito, que eu me encarregasse de mandar seu corpo para o Rio, onde seria cremada.

Não é assim tão estranho que Sofia tenha me pedido isso. Afinal, eu sou o “mórbido-mor” da família. Lembro, quando minha insistência em fazer meus pais entenderem que morri, os fez me mandarem forçadamente a um psicólogo infantil por anos. O tratamento foi interrompido apenas pela insistência e convicção em meu estado, dilapidação de nosso patrimônio e eventual testemunho do psicólogo em meu favor.

Tornei-me notório na família e mesmo motivo de piadas entre os vários primos e primas. Inclusive a pobre Sofia, que Deus a tenha. O que exatamente a motivou a ser cremada? Lembro de seu rosto quando abriram o caixão de vovó Catarina no enterro de tia Violante. Não sei bem se foram as baratas ou o esfacelar do tecido e dos ossos, o ataúde com aspecto sujo e quebradiço como folhas secas ou as velozes lacraias. Mas tenho certeza de que foi aí o momento da decisão de Sofia, logo após ela ter se recobrado e corrido para um canto afastado onde despejou, sem muita cerimônia, o seu desejo.

Até mortos têm memória. Recordar e pensar isso tudo, pelo menos, preencheu o tempo, enquanto a javali de longo pescoço e de patas pequenas se aproximou novamente, pegou o formulário e me instruiu, com a delicadeza de uma empilhadeira industrial, para voltar na segunda pela manhã. Atrasado para ver Julieta, não discuti com o animal e segui meu caminho.

Julieta era dois anos mais nova que eu. Cabelos longos, negros, ondulados. Um rosto longo, mas bonito. Sempre de preto. Exibia-me como uma espécie de trunfo da minúscula comunidade gótica de Recife, finalmente me levando para seu meio... Só que não. Isso é algo que não aconteceu até hoje. Não por falta de insistência, mas porque realmente não curto a ideia de ficar bêbado, de ouvir música bate-depressão-enfia-estaca, seja do Cruxshadows ou “Pop Britânico dos anos 80, ainda Pop hoje”, e de vestir roupas escuras ou um pretinho básico em uma cidade que beira o calor constante de uma frigideira, somada a uma umidade de 80%. Não, eu passo.

Namorávamos havia quatro meses. Nesse dia, estávamos a duas semanas de acabar. Não que qualquer um de nós dois soubesse. Apesar de seus amigos e estilo, Julieta era inteligente, carinhosa e nada ciumenta. Okay, você venceu, ela também tinha longas e belas pernas. Ah! Tem mais, porém não vou contar

logo de cara o fim dessas memórias. Basta saber que, naquele dia, ela me esperava, bela, inteligente, carinhosa e nada ciumenta, como sempre.

Ela me falou de seu dia, de sua semana, de sua ressaca, com aquele sorriso típico no qual obrigatoriamente inclinava o rosto dando-lhe um ar meigo. Admito, nesses momentos, ela também me arrepiava, lembrando a moça que regava a cabeça decapitada do namorado, em uma antiga lenda britânica. Mas ela era, sim, doce.

Naquele dia, Julieta ficou de me esperar para discutirmos a viagem. Queria ir comigo ao Rio, e mesmo sob meus protestos, continuava a insistir nisso. Afinal, seus amigos maníacos iam morrer de inveja ao saber que ELA viu uma cremação, e ELES não. Apaixonado, cedi após uma terceira onda de beijos. Toda empolgada, comeu um beirute, tomou coca e fomos ao Cemitério de Santo Amaro.

Eu morri, mas não sou mórbido a ponto de passear às tardes de sexta em cemitérios. Julieta, sim. Mas eu também tinha meus motivos naquele dia. Nesse ano, estava com uma bolsa de pesquisa no meu curso de História, justamente sobre a História dos cemitérios da cidade e suas alterações arquitetônicas ou puramente estéticas ao longo do século passado. Assim, munido de câmera e caderno, ignorando as cantadas góticas de Julieta, fazia a pesquisa, enquanto ela, ao meu lado, morgava.

Nos separamos na saída do cemitério e combinamos de nos ver mais tarde, no História Bar, onde naquela sexta, excepcionalmente, iria rolar uma festa da Non Stop. Não que eu morresse de vontade de estar neste acontecimento, mas entre ir e deixar minha namorada no meio daqueles góticos sem alma, minhas opções pareciam exíguas.

No dia seguinte, comecei a fazer minhas malas. Jota Pê, meu primo, que estava passando uns dias lá em casa, ainda tentava dormir, apesar dos raios de sol já o puxarem com insistência para esse lado da consciência. Ele só parou de grunhir e finalmente abriu os olhos quando o cheiro de ovos entrou no quarto. Fomos tomar café com meus pais e depois ficamos conversando. Ele também era primo de Sofia e ficamos trocando lembranças dela.

Sofia era engraçada, jovial, e durante a adolescência, antes de entrar para a universidade, sempre fora muito nossa amiga. O curso a mudou um bocado, assim como os óculos. As pessoas parecem não notar, mas um par de lentes

modifica a pessoa profundamente, principalmente aquelas enormes e coloridas, bem fashion mesmo. Esse era o caso de Sofia. Era esquisito pensar numa pessoa desse jeito, morta, como eu.

Jota viera a Recife para uma brava missão: trair a namorada que lhe colocara um par de chifres. Vingança, no sentido mais grego da palavra, mas sem todo o drama. Apesar de toda a bravura, ele queria continuar com Sandrinha, daí resolveu não se arriscar a trair ela em Natal, uma cidade que, segundo ele, eleva o conceito de provincianismo a profundidades abissais. Eu nunca entendi bem o que ele quis dizer com isso, mas faço, assim mesmo, aqui, o registro.

E Jota, depois da conversa, ficou de me ajudar na minha brava missão, e fomos ao shopping procurar por uma urna adequada para Sofia. Antes que você pense que éramos dois metidos, não apenas Sofia me pedira isso formalmente, inclusive legalmente me autorizando, como seus pais nada podiam fazer nesse caso. Afinal, mortos que andam por aí, só conheço mesmo eu e alguns fantasmas.

Arte não era o forte de Jota, e sua sensibilidade muito me lembrava a da funcionária pública. Mas ele conhecia Sofia, e era a desculpa perfeita para eu não fazer isso sozinho, a perspectiva de uma depressão que finalmente me levasse ao seio do grupo de Julieta não me era agradável. Lojas de presente são uma tortura entre o absurdo, o idiota e o deploravelmente chique. Escolhemos uma urna/vaso que, justamente, se encaixa no último grupo. Art Déco, formas suaves, negro e branco. Achei que iria dar paz a Sofia, onde quer que os outros mortos acabem indo.

Não saí à noite com Julieta. Terminei de arrumar minha mala e dormi pesadamente.

O domingo foi tranquilo, fui à missa (obviamente, eu sou católico!), almocei com meus pais, acabei jogando Wraith, um RPG de fantasmas, com Raul, Ricardo e Joana até tarde. Julieta apareceu lá em casa à noite, namoramos um pouco e planejamos coisas da viagem.

Ao contrário do que secretamente eu imaginava, a javali me entregou toda a papelada na segunda. Passei em casa, liguei pra Ju, e combinamos de almoçar no aeroporto mesmo. Liguei pra Aranha, um amigo de colégio que, na época, morava no Rio com a irmã, e confirmei nossa viagem.

King, Camus, Biron e Fonseca nos fizeram companhia no almoço. Pena que Julieta nunca me contou o segredo de como não suar em Recife. Deixamos de lado os livros, nos abraçamos e nos beijamos antes de pedir o almoço. Laboriosamente devorei uma lasanha e ela foi de salada, como sempre. O voo foi tranquilo. E mal entramos no avião, já nos sentíamos no Rio, afinal, o sotaque carioca parece ter sido aceito como “fala brasileira padrão” pela companhia aérea. Uma coisa que amava em Julieta era o quanto ela gostava de ler. Nada aporrinha mais do que uma namorada que não entende que, mesmo em sua presença, a gente gosta também de ler, ou escrever, ou sei lá, qualquer coisa, e não porque não gostamos de sua presença, mas porque justamente isso faz a experiência, de sei lá o quê, melhor. Julieta entendia isso e passamos a viagem lendo e muito felizes.

O Aranha me esperava com a esposa. Gustavo era o primeiro nome do Aranha e como ele preferia ser chamado “em público”, me confidenciou. Entramos no Aranha-móvel e fomos para seu apartamento em Grajaú.

O prédio era pequeno, tinha apenas quatro andares, sendo um deles térreo. Aranha e Petúnia viviam bem. Depois do colégio, ele se mudou pro Rio pra tocar o negócio do pai, uma firma de exportação e consultoria. Grajaú era calmo, e, apesar de a violência no Rio já começar a sua escalada, pessoas ainda colocavam cadeiras e mesas do lado de fora de suas casas para conversar com seus vizinhos. Pense numa vizinhança tranquila!

Mal chegamos, tivemos de sair. Ju e eu fomos ao crematório. Pegamos um táxi. Para não dizer que o Rio não é violento, vimos um assalto. O crematório fica no Caju, perto da ponte Rio-Niterói. Pra ser sincero, eu espera algo mais... Sei lá, bonito. Não que Ju não ficasse encantada de imediato. Aliás, às vezes, eu me pergunto se não era por isso que ela me amava tanto. Bastava ter cadáver por perto que ela ficava louca. Saiu quase saltitante do carro.

Logo soube que tudo transcorreria bem. O corpo de Sofia já havia chegado e a cerimônia iria ocorrer no dia seguinte como estava planejado. Ju tirou fotos do local, conversou com a versão flamejante do “coveiro” e voltamos pra Grajaú. Eu estava exausto, mas ela insistia em passear um pouco, afinal só iríamos ficar no Rio até depois da cerimônia. Daí visitamos o Cemitério do Grajaú, bem perto da casa do Aranha. Ainda prefiro o Santo Amaro, e Ju concordou comigo nessa. Pra meu azar, um grupo de góticos estava no local tirando fotos,

ou ,sei lá, “compactuando” com seu ideal e ela recebeu fliers para uma festa no Alien Nation.

Não fui à festa com Ju, não queria que fosse só, mas o que eu tinha de fazer, preferia fazer só. Queria ver umas casas no Botafogo. Conhecer fantasmas dessa outra cidade e, se possível, ajudar em algo. O engraçado de assombrações é que as pessoas as imaginam em ambientes isolados e onde ninguém gostaria de morar. Francamente, basta morrer e todo mundo pensa que você perdeu o gosto por uma boa música, pela luz elétrica, e, se não pelo sabor, pelo aroma de uma boa comida. Fantasmas vivem onde gente vive.

Botafogo não é perto do Grajaú, mas o Aranha me deu umas indicações e eu saí de carro, prometendo que qualquer coisa, dava um toque pra ele, que ia me pegar de imediato. Aliás, o Aranha me deve um favor ou outro, antes e depois dessa viagem, também relacionados a assombrações, mas essa é outra história, aliás, que explica porque ele saiu do Rio alguns meses depois.

Mas, voltando ao Botafogo, eu tinha o endereço de dois casarões. O bairro é assim como o Espinheiro, mas diferente. A diferença se deve ao ar carioca, acredito. No resto, bem similar: prédios ao lado de casarões antigos, ruas que me confundem e um trânsito noturno razoável. Há também um morro e uma praia, inexistentes no Espinheiro, mas isso são detalhes, né?

A primeira casa ficava na Dona Mariana. Um amigo meu do Rio, Artur, tinha namorado aí a filha do Cônsul da Rússia e ele que me deu a dica. A suposta casa assombrada ficava de esquina. Paguei ao motorista, desci do táxi, e fiquei um momento olhando a rua sob a luz de um posto. Poderia ser eu na capa do exorcista, mas não havia neblina, e não tenho mais de um metro e setenta e seis de altura. E, afinal, a rua não estava tão escura assim. É claro, a casa estava mesmo assombrada. Bem assombrada por sinal. Fui me aproximando e vi dois fantasmas na janela. Eles acenaram e foram abrir a porta para mim. Era um casal simpático. Ele havia morrido na Itália, e ela, desconsolada, parou de comer. Têm estado na casa desde então, mas sem perturbar os moradores, que, nesse dia, estavam viajando.

Conversei com eles mais um pouco, tendo o cuidado para não aceitar nada, afinal, não queria ser acusado de invasão de domicílio. A segunda casa era totalmente diferente. Era mal-assombrada e os moradores estavam. Um fantasma me deu o dedo pela janela e chegou mesmo a simular que cuspiu em

mim. Aparência era de um garoto, devia ter uns 6, talvez 7 anos. Uma série de pratos se quebrou na cozinha, mas o garoto ainda estava na janela. Logo vi que havia mais deles. Uma mulher, três homens. Esses casos são os piores. Assombrações antigas que partilham a mesma casa com assombrações mais jovens, por sua vez, assombradas por eles em vida e doutrinadas por eles após a morte.

Me apresentei ao homem aparvalhado que surgia na porta e pedi uma palavrinha com ele, longe da casa. A mesa começou a tremer e ele saiu comigo até o portão. Cássio morava com suas irmãs na casa já fazia três meses. Eu aconselhei que se mudassem. Lógico, ele me ignorou, achou ridículo e foi até grosseiro. As pessoas não estão preparadas para esse tipo de coisa. Ninguém sai por aí fazendo aconselhamento familiar a vivos e mortos. Daí gente como Cássio ignora todo tipo de conselho e continua a viver com seus fantasmas, tentando ignorá-los, mesmo em casos tão gritantes como esse. Sorte que são raros.

Já estava para voltar para casa quando ouvi em uma rua vizinha, Danse Macabre de Saint-Saëns. Composta como uma valsa para esqueletos, a música, mesmo sendo muito bela, não foi exatamente um sucesso imediato. Na verdade, relatos de pesadelos associados a ela são comuns, e muitos rituais necromânticos modernos são abertos com essa valsa. Tem gente esquisita demais nesse mundo.

Me aproximei com cautela. Não que eu tenha medo de fantasmas. Afinal, o máximo que poderiam fazer era me matar de susto, mas como já estou morto... a cautela vinha, na verdade, do tom convidativo da música. Sem me conter, apertei o passo e logo estava de frente ao casarão. Era uma linda casa. Apesar de mal cuidada, o tempo não destruiu seus traços elegantes, detalhes talhados com um toque artístico e algo mais, um calor e vida, intocados, mesmo diante da devastação de seus jardins e do lodo cobrindo suas paredes.

Atravessei a grade em um ponto no qual uma das hastes cedera, graças à ferrugem. A música continuava no tom hipnótico da valsa. Eu poderia facilmente imaginar uma festa nesse local, com direito a teias de aranha, lençóis suspensos e esqueletos desenvoltos, dançando com perfeita sincronia e beleza no salão principal.

Só ao cruzar metade do jardim, vi uma placa avisando sobre a demolição da casa. Este era seu último dia. Como seus fantasmas, depois daquela noite,

nada restaria dela a não ser pó, sombras e memórias. Ávido, cruzei, em passos largos, o resto do caminho. A porta não representava defesa. O tempo, a maresia, insetos e gente já haviam colocado a madeira quase abaixo. Fui cuidadoso e entrei na festa.

A música não vinha de lugar nenhum e, ao mesmo tempo, vinha de todo o lugar. Havia tanta gente lá. Dezenas, talvez milhares. Todos nós, mortos. Alguns mascarados, como os próprios esqueletos, estavam agora vestidos em suas gavetas. Outros pareciam mais à vontade nas roupas de seus enterros.

Eu era apenas mais um. Alguns me ignoravam, mas outros me cumprimentavam como um velho amigo. Todos cheiravam à vida que deixaram e não à morte de seus túmulos. Sentia suas fragrâncias ao passar por eles, procurando a fonte da música, que, em dado momento, percebi que eram eles mesmos, seus passos, seus gestos, tornando a dança macabra um som, um sentimento, uma valsa para esqueletos em corpos mortos, unidos para um réquiem final. E lá estava Sofia.

Ela deslizou em meio aos corpos carcomidos de lembranças. Sorriu, me abraçou. Falamos de tudo. Afinal, mortos não guardam segredos entre eles. Ela estava feliz e me desejou sorte na segunda, me pedindo apenas para levar uma mensagem ou outra, e se foi, perdendo-se entre tantos outros, agora todos seus companheiros de viagem e morada.

Quando saí da casa, estava um pouco feliz, mas melancólico. Eu amava Sofia de um jeito especial, único. Amava seus sorrisos, suas angústias, quando se irritava com meu humor sarcástico, quando ria de minha gargalhada espalhafatosa. Sofia me fazia falta.

Voltei tarde para o Grajaú e todos já dormiam, inclusive Ju. Ela me deixou um bilhete na mesa da sala. Nele, um beijo e amor. Fui dormir, pensando nela e em Sofia.

Acordei cedo, dormi pouco. Tomei um banho rápido e me vesti antes de acordar Ju. O Aranha tava tomando café na sala e se desculpou por não acompanhar a gente, mas tinha de sair cedo pro trabalho. Ele saiu, e Ju, Petúnia e eu fizemos um rápido desjejum.

No caminho, passamos em uma padaria onde compramos algo para a viagem. Ju já fazia planos e pretendia me incluir neles, afinal, ficaríamos pelo menos mais dois dias no Rio, talvez mais. Eu realmente não gostaria de visitar

bares e boates góticas, então combinamos algo mais “light”. Igrejas, museus, praia (à noite, claro), e um tour pelos cemitérios do Rio.

Falei principalmente sobre Sofia durante a viagem. Engraçado, acabei percebendo como ela e Ju, sob certo aspecto, tinham coisas em comum. O jeito de se vestirem, o gosto pela vida noturna, bandas que ambas compartilhavam, autores e mesmo alguns quadrinhos preferidos por ambas. Petúnia, diferente de nós, preferiu concentrar-se na viagem e quase nada falou durante todo o trajeto, apenas fazendo um “hum hum”, “é”, “verdade”, ou um raro “não!”.

Conversar com Ju era engraçado. A visão que temos dos góticos é bem estereotipada. Muitos, como Ju, não se afogam num mal-estar-de-fim-de-século-XX, nessa angústia desmesurada, contando os segundos para o apocalipse que nunca virá. Celebrar a vida, emoldurando ela com o negro, a dor, a morte, tornam ela ainda mais bela. O contraste acaba por dissipar o medo, aguçando a curiosidade e mesmo o desejo de conhecer a morte sem mistérios, sem pavores. É uma espécie de inocência tola, mas bem mais louvável diante da outra perspectiva.

Chegamos ao crematório após algumas horas de engarrafamento. Chamar de viagem seria cinismo. Mesmo no trecho final, ainda havia muitos carros na pista. Mas a visão compensava. Nunca pensei que um crematório fosse tão bonito. O ambiente é romântico, bucólico mesmo, com árvores, muito verde e profundamente calmo. Achei esquisita a falta de outros mortos, mas só me dei conta realmente disso mais tarde.

Fomos recebidos no prédio principal, onde a burocracia, próximo à morte, novamente encontra sua força vital. Não, nada de javalis desta vez. Aliás, Jair nos atendeu muito bem. Ele já estava a par de tudo e ficou de nos levar a uma câmara onde nos despediríamos de Sofia. Isso ele fez com precisão. Lá, um padre fez preces, que apenas eu acompanhei. E, enfim, o caixão seguiu para o crematório.

Não sou dado a enterros. Cemitérios sim, afinal representam repouso e, muitas vezes, alívio. Enterros não. São cerimônias confusas para nós, os mortos. Muitos não entendem o que se passa, há muito choro, há muita dor. O crematório, ou melhor, toda a região parecia desprovida de mortos. E onde estava Sofia? Não a vi ali, nem a senti. O caixão foi descendo e o sentimento de abandono se acentuou. Havia algo errado.

Veja, e entrando no clichê: I see dead people. Lógico, vejo principalmente gente viva, mas é comum ver gente morta. E, em locais como hospitais, cemitérios, shoppings e centrais de telemarketing, elas são ainda mais comuns. Mas ali, na área do crematório, não havia um morto sequer além de mim. Julieta olhou pra mim e notou minha preocupação e, enfim, depois de insistir a ponto de quase arrastar Petúnia para a conversa, assenti e lhe contei o que se passava.

Ju, então, me veio com uma teoria horrível. Os mortos, quando cremados, vão embora pra sempre. Ela leu algo sobre isso num livro de um amigo gótico. Eles tinham chegado a uma discussão, e isso servira para explicar a ela por que góticos não andam entre urnas em crematórios, como o fazem entre os túmulos de um cemitério. Se não há mortos nas urnas, se não há possibilidade de passagem na cremação, então pra que perderem seu tempo visitando esses lugares?

A teoria parecia estar sendo comprovada por mim e, logo, por Sofia. Só então, eu chorei. Só então, entendi a despedida. O réquiem entre os mortos, pois um dos seus iria para sempre partir. Sofia. Chorei ao ver o caixão sendo levado para a sala de cremação. Chorei ao voltar para a casa de Aranha e chorei até não haver mais lágrimas a serem despejadas para, enfim, dormir e acordar na tarde do dia seguinte sabendo que chorara durante o sono a obliteração de minha prima.

Não lembro bem desses dias restantes no Rio. Sei que fomos a uma boate e que visitei um cemitério para talvez anexar ao meu trabalho (uma possível comparação aos cemitérios do Recife). Lembro da boate porque lembro principalmente da ressaca. E do cemitério restaram as notas e fotos. Acho que o choque me deixou em piloto automático. Não esperava perder Sofia, não para sempre.

A volta a Recife foi tranquila. Foi bom estar novamente em casa e termos um tempo só para nós, eu e Ju. Lógico, tive de aturar uma eventual legião de amigos góticos de Julieta interessados em saber: “E aí, como é um crematório de perto?”. Logo depois, terminamos. A ideia da morte, pela primeira vez em anos, me entristecia.

02 | Luísa

10, 20, 30. São os faróis que passam por mim. São os anos que já foram desde a última. O amor é assim, algo que passa, uma verdade do que nos torna humanos, às vezes, tão desumanos. Não só por um dia, substituímos tão bem alguém que era tudo. Era norte, era pulso, era ser. Mas pela decidida frieza, aridez, apreciada solidão, que um dia, após tantos amores e dissabores, torna-se companheira. Um vazio que preenche. Então a roda gira, e o vazio vira vácuo, e procuramos novamente alguém...

Marquei com Luísa às oito. Não estacionei, ela já estava esperando. Era uma dessas noites quentes, tão típicas daqui. Apanhei ela no hospital, aquele prédio iluminado, cinza morto, gigante mal cheiroso, que parece vigiar a Agamenon e engolir o mundo nas trevas a sua volta. De lá, fomos para o La Maza. O restaurante é estranhamente silencioso, considerando sua localização. O shopping ainda estava apinhado de gente. Que gritava, falava, murmurava, num balir sem fim. Eu gosto de lá. Mas Luísa janta só. Ela não estranha. Sou judeu, só como comida kosher, que eu mesmo preparo em casa. Ela come por nós dois.

Conheci Luísa dois meses atrás. Foi amor à primeira vista. Piegas, eu sei, mas o tempo nem sempre nos cura de certos hábitos tolos. A solidão, às vezes, devora o estilo, peca pela sofreguidão. Às vezes, os hábitos se exacerbam. Algo nela capturou meu olhar e assim fiquei, enredado no escarlata do seu batom. Atendia um rapaz que havia sido ferido na garganta, um corte que parecia longo, mas não profundo. Vítima de roubo, imaginavam eles. Suas mãos, parte

da bata e até mesmo sua máscara logo estavam cobertas de um cheiro vermelho ferroso. Bravamente lutou para salvar o rapaz, frio e se debatendo, como um peixe estripado por cruel anzol. Especialmente depois de ter me visto. Os frenéticos dedos gordos fizeram o possível. O jovem faleceu. Seus olhos, como vidro, fixando o meu rosto, tal como espelho turvo. Não correspondi a sua atenção, ainda estava cativado, fascinado. Ela era a única coisa viva ali, entre nós três. Apresentei-me como tio do meu jantar e agradei os esforços da moça.

Por dois meses seguintes, resisti à vontade de vê-la. Dois meses sonhando com seus olhos, lábios, seu calor. Seu batom cor de vida, sua vida que cruzava diariamente com a morte. Passei, então, a observá-la. Talvez isso bastasse, lembro que pensei. Tolice, claro. Não se deseja o que não se vê, eu bem sabia então, como soube sempre. Meus olhos sugavam a luz que vinha dela e se esparramava em mim como um caldo frio, fazendo me esquecer do verão, do cheiro de suor, do calor fugidio. Rodrigues não entendia o que se passava comigo. 50 anos em meu serviço, só testemunhara os entremeios, a zona morta e sem amor de uma existência mortíça. Nunca me vira assim tão agitado, mas, como sempre, cumpria com o que lhe pedia para fazer, diligente, quase ele mesmo, sem vida. Por ele, soube da rotina de Luísa durante o dia, onde ela morava, quem era sua família e quais seus relacionamentos anteriores, o que comia, a disposição de objetos em sua casa e a quais ela parecia ter mais apreço. O desaparego de Rodrigues era o contraste que a luz trazia a minha avidez noturna.

Sete meses depois de nosso primeiro encontro, encontrei com Luísa em um supermercado, uma planejada casualidade. Conversamos um pouco, e apesar do tom mais sério no começo da conversa, afinal, lembrei a ela que havia atendido meu “sobrinho”. Acabamos por trocar números de telefone, ali mesmo, entre carnes e queijos. Esperei duas semanas, então liguei. Os quatro últimos meses foram perfeitos. Para mim, ela é perfeita. Ela terminou o jantar e, como sempre, insisti em pagar a conta. Ela protestou, mas eu sei, faz parte de um pequeno ritual nosso, construído em uma intimidade que floresce lentamente. Eu ignoro seus protestos e pago. Ela se diz descontente com isso. Eu brinco, faço alusão a uma educação que não tive, e isso lhe aplaca.

No caminho para o meu carro, vejo um conhecido no estacionamento. Nossos olhares se cruzam pelo mais breve dos momentos... Não há presas brilhando no escuro, rosnados, nada. Mas sinto meu horror tocar o seu... E o

dele é pequeno, tão pequeno, poderia apagar-lhe a alma inexistente com um suspiro. Ele foge, sumindo com a brevidade igual do nosso olhar. Bem, não se pode agradar a todos...

Luísa? Ela não percebe. Às vezes, brinco comigo mesmo, imaginando se ela, de fato, sabe. Se, de fato, ela não está apenas fazendo um jogo. Mas é apenas uma ilusão minha. Ela não finge. Eu que me passo por gente, com um rosto corado e peito que move, como se respirar precisasse. Somos tão diferentes. E, ainda assim, desde o começo, tão parecidos. Ambos prisioneiros de uma fome que nos possui. Ambos, ignorados e rejeitados por conta de nossas naturezas. Seja pelos nossos, assim chamados, defeitos, ou mesmo pelas nossas qualidades. Ela é bela onde não deveria haver beleza, ela é mais inteligente que seus pares, mais sensível. Ela esfrega na cara deles a sua mediocridade, sem precisar sequer falar, bastando existir. E, por isso, eles a odeiam, um ódio intenso, por trás dos falsos sorrisos.

Sua inteligência vai além da ordinária malícia feminina. Sua voz doce reconstrói o mundo, mesmo em diálogos banais. E, ironicamente, suas formas seriam apreciadas alguns séculos atrás. Séculos? Décadas. A humanidade, seus gostos e desgostos, mudam rapidamente. Volúvel, como um mau amante. Hoje, seus dedos gordos e coxas roliças, causam repulsa. O belo em Luísa é assim: anacrônico, porém ideal.

Trocamos carícias, nos beijamos. As altas copas dos sapotizeiros nos protegem do luar. Seu corpo é quente, sua pele é doce. Para ela, não há ainda o frio de uma noite sem fim. Nem o seu próprio, nem o meu. Como em todos nossos encontros, estou corado. Uma ilusão que custou uma vida, sacrificada pelas minhas presas no altar de nosso amor. Luísa mata sem beber uma gota do sangue. Uma ilusão cara, uma ilusão de vida, feita só para ela.

Mas tudo, por mais planejado, não há de ignorar o destino. Ele, às vezes, surge como o estrondo de um canhão, como na noite que deixei de ser humano. Em outras, porém, não passa de uma batida no vidro de um carro, meu rosto, enfiado entre os seios de Luísa, não o vê chegar.

- Tiozão, passa a carteira a o celular.
- Bora logo, porra.
- Prego, olha pra gorda, cara. Haha.
- Tiozão, com um carro desses tu podia arranjar uma rapariga melhor...

O som que ele faz não é distinto de uma bola murchando. Seu companheiro, apavorado, atira em mim. Partes de minha face e cabeça espalham-se pelo carro, misturados ao forro dos assentos e cacos de vidro, que caem lentos diante do borrão que me tornei.

Luísa grita. Seu grito é longo, pavoroso. Como tão poucas coisas nela, é pedestre.

Puxo meus dedos de dentro do peito do ladrão morto. Sorrio para o segundo, sibilo em fúria e amarro seu olhar ao meu.

Saio do carro devagar, gesticulando, tentando acalmar Luísa. Nem agora ela me decepçiona. Resfolegante, mesmo visivelmente apavorada, ela se contém. Há uma pitada de fascínio no seu olhar, uma curiosidade que sobrevive ao medo.

O segundo bandido guincha como um rato, quando ponho minhas mãos em seus ombros. Seus ossos se partem, bebo de seu sangue, mas não o mato. Ele será de Luísa, amanhã.

Hoje sinto, pela última vez, sua carne quente. Ela geme enquanto sua vida escoá para mim. Um último gozo de vida. Gulosa, aceita meu batismo, esvaindo-se nas trevas de meu amor. Cálida quente noite fria, morta, ela renasce.

03 | Veneno

Primeiro Ato: “*Catch and Release*”

Tudo é o cheiro, é o cheiro dela.
Me invade entre matemática e física, me segue por literatura.
Se interpondo entre história e geografia, escorre através de professores e alunos.

Eu a sinto, sinto o cheiro dela, do outro lado da escola.
A fragrância de seu xampu e por debaixo,
de seu cabelo.
O sabor de seu suor, se língua e pele se tocassem.
Sinto seus aromas mais secretos e estremeço.

Ela está me enloquecendo.
E sequer a vi ainda.

O cheiro e o pesadelo,
um após o outro.
Ou fora no próprio pesadelo,
quando já se instalara o cheiro?
Lembro de um campo árido.
O chão,
rachado de sol.
Me vi entremeios.

Às minhas costas,
O céu parecia mais azul,
e seu campo,
tinha árvores,
uma colina,
florestas com pássaros,
quais nunca ouvira antes.
Tudo tão cheio de vida.
Cheios de vida.
Do outro, sombras,
um céu púrpura,
uma chuva de raios,
fortes trovões,
o ar rachava entre luz e som.

Júlio, porra, tocou o recreio, acorda!
Bora!
Rafael trouxe a bola de basquete!

E eu fui.
E a merda virou boné.

Toda sexta a gente jogava bola depois da aula. Basquete, futebol e até handebol. E eu nunca fui exatamente um jogador “fairplay”, mas nunca roubei ou aceitei que ninguém de meu time roubasse. Aí, quando Sérgio queimou um lance de lateral, abri a boca.

Queimou, Sérgio!
Queimou não, continua!
Queimou, mermão! Metade de teu pé tava dentro!
Tá querendo roubar, Júlio?
Como é? Não sou ladrão não, seu filho de uma puta! Cabra safado! Filho da puta! Volta a bola, porra!

Então ele veio pra cima.
Eu podia ter saído da frente.
Ele corria lento.
Vi seus pés moverem-se com preguiça.
O patético esgar de fúria, um grito de ódio.

Seu pé se chocou com força em meu peito.

O mundo era vermelho.
Mordi seu rosto. Comecei a esmurrá-lo.
O mundo era vermelho.
Descontrolado,
com meus dentes,
balançando seu corpo,
presos em um beijo de fúria.

Só me dei conta dos gritos quando me puxaram pra longe de Sérgio. Só então, cuspi o pedaço de carne, que, enquanto lhe batia, rasgava com meus dentes. Só então, vi a ruína de seu rosto. E os cheiros me invadiram. O cheiro do sangue, do medo, do horror de todos a minha volta...

Tão fortes eram que desmaiei.

Segundo Ato: “*Wherever May I Roam*”

A parte mais difícil é sair de casa.
O mundo ainda dorme.
Os ladrões e os homens bons ainda dormem.
Meus pais não têm ideia, mas tenho feito isso durante todas as semanas desde o incidente.

Uma necessidade de sair pelo mundo de madrugada.
O coração bate forte quando toco a calçada.
A escuridão me abraça.

Mas não estou totalmente sozinho.
Há vultos.

Animais.
A cidade não morre na escuridão.
Ela tem apenas um gosto diferente.
Os ônibus atravessam a noite como bestas luminescentes,
despejando luz e olhares cansados e curiosos.
Um homem caminha atrás de mim e para, abre o zíper, urina ali mesmo,
na calçada.
Talvez esteja bêbado.

Também estou bêbado.
A claridade em meus pensamentos me inflama.
O desejo incontido de caçador me domina.
A beleza das feras se dissolve em um controlado descontrole.
Eu caço.

A universidade, à noite, parece uma mata fechada que engoliu os prédios.
Estes parecem brotar do chão, cercados de árvores que parecem vivas.
Estas, com suas copas, transformam as ruas em túneis.
Meu local de caça na cidade.

O diferente número de ruídos de pássaros me traz um pouco de confusão
nos primeiros dias,
mas o instinto me leva às presas.
E seus cheiros são tantos.
Como um animal, caço outros animais,
gatos,
ratos,
até mesmo sapos e cobras.
Presas.

O mais difícil é o primeiro passo. O resto é fácil.

Terceiro Ato: *“Dear Prudence”*

Os meses se passam e continuo a me esgueirar de casa na madrugada.
Meus pais não notam.

Sou como uma sombra, mergulhando no nanquim da madrugada que se derrama, afogando a cidade em escuridão.

É a caçada que me libera da fúria, acentua o odor do mundo, apazigua o dos homens.

Não senti seu cheiro.

Ela estava contra o vento.

A lua parece refletir seus olhos.

Ambos se olhando, medindo o outro.

Predadores.

Ela, no território que é meu.

Percebo o que está acontecendo e estremeço.

Ignoro a prudência, me entrego à caça.

Ela sorri e corre.

Salto com força, o impulso do primeiro momento.

A fome do caçador.

Eu sou grande, e meus passos, largos.

Ela é pequena. Delicada. Ágil.

Sinto seu sorriso. Escuto seu resfolegar.

Corremos de quatro, como animais, por entre arbustos baixos.

Quase alcanço, seguro seu braço.

Ela morde minha mão com força, mas sinto seus lábios.

Ereto, corremos tortos.

Nossas roupas se rasgam entre galhos e troncos.

Nós gememos entre pedras e córregos.

Toco sua cicatriz, chegando a ela.

Ela desliza, rápida, como o pequeno escorpião marcado em suas costas.

Sorri de gozo, eu jorro em fúria.

Num último salto, caio sobre ela.

Nos beijamos.

E sinto suas presas rasgando meu peito.

Meu coração bate.
Vejo seu sorriso.
Uma vez.
Só mais uma.

Ato Final: *“Of Wolf and Man”*

Preso.
Ela rasgou o nome em minhas costas.
Grito.
Os outros nos cercam.
Lobos e homens numa noite suja. Divina.
Separam nossos corpos.
Sangrentos e suados.
Devorados.
Saciados.

Eles nos proíbem de ficarmos juntos.
Eu reajo. Eu perco.
Nos ensinam regras. Tradições.
Leis.
Não.
Nos separam.

Mas não param meu desejo.
O meu vício.
E seu sorriso, meu veneno.
Meu veneno.
De a amar.

04 | Maus Tratos

Olhos

Tá vendo ele, Alex?

Quem, Beatriz?

Ele, Ricardo. Ali, de camisa azul.

Sério, Aline, aquele cara?

João, é sério, deixa de ser chato. É você que quer namorar com ele?

Ainda bem que não, né, Luciane?!

Mas você conhece ele, Vinícius?

Sim, sim. Mas é isso mesmo que você quer, Tereza? Soube que ele pega todas.

Laílson, eu quero que ele me pegue!

Tá bom, Eduarda. Eu dou um jeito. Mas Luís não pega ninguém.

Eu gosto de homens tímidos, Guto.

Mãos

Oi, tudo bem?

Tudo! E você, tá bem?

Estou sim. Larissa, né?

Sim! Você é o amigo de Marcos, Leandro. Certo?

Eu mesmo. É impressão minha ou ele quis juntar a gente, Karla?

Não é não. Sabe como ele é, Marcelo. Ele quer ser o irmão mais velho de todo mundo.

Mas você sempre vem aqui, Clara?

Sempre, amo isso aqui, Sérgio. Lady Gaga!

Também adoro, Vanessa! Você sempre escutou blues?

Não, mas esse piano é muito bom, Leo!

Que bom que você gosta de forró, Rita. Quer dançar?

Boca

Adoro esse teu beijo, Clóvis.

Só o beijo, Aninha?

Você sabe que não, Pedro.

E só na boca?

Márcio, pare! Aqui não!

Thaís, relaxa. Não tem ninguém vendo.

Eu to vendo, Cléber. E basta eu, tá?!

Você nunca cansa, Raquel?

Júnior... Cala a boca e me beija.

Esôfago

3 meses e só ganho isso, Fabiano?

Você acha que foi demais, Lúcia?

Félix... Eu acho que foi perfeito.

Marta, desculpa, eu nunca ligo para essas datas.

E eu ligo? Relaxa, Renato.

Então, Simone, gostou?

Ai Rui... Foi o melhor que já tive...

Estômago

Helena, para!

Que foi, Artur?

Sei lá, Elisângela. Você não acha que era na outra rua não?
A casa é linda, Ricardo!
A gente pode reformar, Isabel. Gostou pelo menos do quintal?
Adoro tudo! E esse vento, Eduardo! Eu amo esse vento!
Camila, olha isso. Cupim.

Intestino Delgado

Não dá mais, Elaine!
Chico, não faz isso. Precisa mesmo disso?
Não, meu anjo. Adriana, não! Nunca fiz isso!
André, eu nunca te traí. Quem te contou essa história?
Pris... Eu não consigo falar agora, tá? Me liga depois. Depois a gente conversa.
Não quero te ver nunca mais, Marlon! Seu cachorro!

Intestino Grosso

Oi, Cássia. Tudo bem?
Airton! Eu tava com saudades. Você está melhor?
Eu não sei o que dizer, Jéssica. Eu não sei onde estava com a cabeça.
Meu amor. Não vamos mais falar disso. Tá bom, Cláudio?
Você não mudou nada, Rossana. Continua linda.
Já você... Como emagreceu, Gui. Vou preparar algo pra gente comer, tá?

Ânus

Eu não sei onde tava com a cabeça, Beta.
Você nunca muda, Daniel. Essa mania passivo-agressiva que você tem, me enoja!
Porque você não vai à merda, Cíntia? Você e a puta da minha sogra que te pariu!
NÃO GRITA COMIGO, GUGA! Não grita!
Foi sem querer, Daniela? Sem querer?

Jairo, tem calma. Não precisa terminar assim.
Natália... Fecha a porta.

05 | O Gato Branco

Numa dessas noites quentes de outubro, quando a Rua da Amizade ainda era legal.

O rapaz alto se aproximou do gato e estava a ponto de lhe partir com um chute. O animal, mirrado e pequeno, com olhos remelentos e muito sujos, não chegou sequer a miar em protesto contra o sapato que lhe eclipsava a noite.

– Cuidado!

Gritou desesperada.

O rapaz se vira e a vê pela primeira vez. O Ipod, seus belos tênis e sente logo o cheiro do caro perfume. “Ela não é de jogar fora”, pensa. A moça era bonita, mas não estonteante, bem cuidada, mas não gostosa.

– Meu Deus, nem tinha visto!

Fingiu desalento.

– Vem cá, garoto.

Pega o gato, sem amor, mas o alisa com dedos firmes. O animal é frágil como um floco de neve.

– Que medo. Pensei que você ia pisar nele!

Fala ainda aflita. Seu interesse no bem-estar do gato é óbvio. E logo também no rapaz.

– Não tinha visto. Coitado, é bem novinho, não?

Ele a come com os olhos, enquanto ela olha para o gato e busca tirá-lo de suas mãos.

– Não, eu levo ele. Pode lhe arranhar. Você mora perto?

– Sim, logo ali.

– Meu nome é André Ricardo, e o seu?

O sorriso, praticado todas as manhãs, é quente e amistoso.

– Natália. Mora por aqui, Ricardo?

– Pertinho.

Ele mente bem. É seu maior talento.

– Bem, é aqui que eu moro.

– Aqui está ele. Vai ficar com ele?

– Vou pelo menos levar ele num veterinário. Coitadinho.

– Bem, tenho de ir. Prazer em conhecer. Natália, certo?

– Isso. Obrigada mesmo.

– Não por isso.

Ela olha partindo e o vê virar a cabeça. Quando se veem, sorriem. Ele volta.

– Posso pegar seu telefone?

Sorrindo, trocam seus números e ele vai embora, afastando-se do prédio mais caro da rua...

Numa dessas noites chuvosas de abril, próximo de um show do Pato Fu.

– Oi, amor!

Ela diz ao telefone, ligando de outra cidade.

– Oi, minha paixão! Tudo bem aí?

Ele diz, ao celular, da cama da melhor amiga dela, com a melhor amiga dela, na cama.

– Tá sim, meu amor! Estou morrendo de saudades!

– Também, paixão! Não tem mesmo como você voltar mais cedo?

Ele aplica a “Pergunta cretina clássica, n34”.

– Não, meu amor, não tem. Pena que você não pode vir. Foi à entrevista?

– Paixão, não pude... Ai... Ainda estou sentindo muita dor... Ai.

Na minha época, isso tinha outro nome.

– Olha, amor, vou ter de ir, o pessoal tá entrando na palestra. Se cuida, te amo!

– Tá bom, aaaa... Mas vou ficar bom, paixão.

– Amor, você tá cuidando do Floquinho? Tenho de ir, não deixa de dar água e comida pra ele, tá! Te amo!

Ele olha do telefone e lembra do gato. “Puto”, ele pensa. E esquece do gato pra ficar com a gata.

Numa manhã, ainda chuvosa, no mesmo abril. No soundtrack.

Ressaca. Uma versão mais pesada daquela que Deus deu pra Caim, aflige nosso herói.

– Floquinho? Vem aqui, filho da puta.

Sem amenidades.

– Fiu! Fiu! Vem cá, Floquinho!

Nada do gato. Então, embaixo da mesa da sala, um ronronar.

– Há, você está... Puta que pariu!

O gato lambe suas bolas com desdém, baba escorrendo para o iPhone que tornara-se um brinquedo. A embalagem da encomenda aberta, fatiada, jaz a alguns centímetros do local do crime.

– Seu filho da puta nojento! Eu nem tinha usado ele ainda!

Ricardo vai pra baixo da mesa, furioso. O gato salta quando ele tenta agarrá-lo.

Floquinho, esguio, faminto e vingado, corre pelo apartamento.

Mesmo os 374 m² não são suficientes para que ele escape.

– Porra, não me morde, gato nojento! NÃO ME MORDE!

Ele joga o gato na parede. A força é tanta que Ricardo se surpreende. Floquinho, tonto, tenta escapar, mas não consegue.

Ainda tinha rabo.

O animal esperneia enquanto é arrastado para a cozinha. André Ricardo, nosso vilão, corta-lhe o rabo.

Chove lá fora. Aqui é julho. Nem faz tanto frio assim.

Floquinho pena pelo apartamento. Hoje, mais um fantasma que um floco de neve, corre de André quando o vê.

– Amor, vou na casa de Marina.

Marina, que se divertiu muito na viagem de Natália.

– Tudo bem, paixão. Olha, vou no clube jogar tênis, tá?

Mentira n516.

– Tá bom. Acha que chega tarde?

– Não sei, acho que não. E você?

Mentira n517, em conjunto com “pergunta cretina clássica n8” = combo!!!

– Talvez eu almoce por lá, já que você vai pro clube.

É, é o mesmo julho. Ainda.

No quarto de motel, com Glória, André aplica a posição 12. Sim, aquela mesmo. São ainda 11 da manhã.

Sim, ainda é o mesmo julho. Relaxa aí.

– E eu acho que ele que cortou o rabo de Floquinho, Marina!

Diz Natália, em meio às lágrimas que não chorou pela lagosta que comeu, também vítima cruel da humanidade.

– Não pode ser, Nat. O André é tão legal.

Na cama então...

– Má, eu não sei o que faço. Eu amo André. Mas, às vezes, ele parece ser dois homens diferentes.

Marina mexe os pés desconfortavelmente, olha sutilmente pra baixo, depois para cima. Natália, nível 0 em linguagem corporal, não capta nada.

– Sério, Má. Estou preocupada. E acho que ele tem outra.

Agora, Natália recebe mais atenção do que merece.

– Outra?

A puta, falsa, sem-vergonha, cadela dos infernos, indaga.

– Sim. Outra, Má! Eu não sei o que fazer. Eu acho... Eu acho que ele está vendo a Glória!

Bullseye!

– Aquela cadela! Eu sempre achei ela com jeito de puta, Nat, eu sempre te avisei!

– Eu sei, Má, e o pior é que ela diz o mesmo de você, já viu?

Afinal, alguém tem razão nessa história.

– Aquela bruxa. Olha, Nat, mas você tem certeza?

– Não, não tenho.

Nat chora mais. Marina, mais tarde.

Mormaço da gota serena. Acho que setembro. Numa rua, bem menos amiga.

André Ricardo está nervoso. Nosso vilão de nome mexicano, percebe que a vida boa, pode acabar.

– Paixão, eu NUNCA trairia você! De onde você tirou essa ideia?

O contador de mentiras quebrou. Favor, aguarde nossa equipe de manutenção.

– André, você pensa que sou idiota???

Sim, ele pensa exatamente isso.

– Não, paixão, nunca. Suas amigas sentem inveja de você. De nossa felicidade. Vem cá, vem...

– André, para... Par... Ai... Para...

Várias posições depois, André dorme.

Natália, não. Vai na cozinha beber água e vê Floquinho. O gato, brincando, entra no closet de André.

Nat segue Floquinho, que mia desalentado.

Ele pulou para uma prateleira superior, e Natália, tateando, derruba uma caixa com fotos.

Nat olha para a foto da frente.

Nela, a posição 17 e 1/2, sua preferida. Os protagonistas, porém, são André e Marina.

Ela fecha a caixa. Olha pro gato, dá um safanão.

E dá as costas para a verdade.

O amor venceu.

06

Tudo Bem?

- Oi, Ricardo.
- Oi, Joyce, tudo bem?
- Tudo. Olha, a gente pode marcar para outro dia?
- Claro. Sem problemas. Está tudo bem?
- Sim, sim. Na verdade, está tudo ótimo. Sabe o Alex?
- Sim, e aí?
- Ele me ligou ontem, a gente vai sair.
- Que bom. Espero que as coisas engrenem.
- Também. Ricardo, muito obrigada, viu?
- Pelo que, Joyce?
- Você sabe. Por tudo.
- Não precisa. Eu sou seu amigo, não?
- Sim, é sim, mas ninguém tem a obrigação de me aturar.
- Joyce, eu gosto de te ouvir. Eu gosto de você. Relaxa, tá?
- Tá bem. Olha, vou indo. Beijos.
- Beijos!

- Ricardo?
- Sou eu. Tudo bem?
- Tudo. Quer dizer. Mais ou menos.
- Que houve?
- É papai.

– Ei, ei! Joyce, que foi? Que tem seu pai?

– Ri... Papai não está bem. Ele...

– Joyce, você está onde?

– Tô no hospital. No Jayme.

– Eu estou indo praí.

– Não, Ri, não precisa...

– Joyce. Eu estou indo praí. Beijos.

– Tudo bem, Ricardo?

– Tudo, Joyce. E com você.

– Eu estou legal. Queria saber de você.

– Estou bem, já te disse.

– Ri, eu vi sua cara no aniversário de Leo. Você não tá bem.

– Joyce, eu minto pra você?

– Sim, mente. Pra me agradar, mente. Eu e você sabemos disso. Quer me contar o que está havendo?

– Não, Joyce, prefiro não falar.

– Ri, isso é tão frustrante! Eu te falo tudo de mim, sempre falei. Mas você é ainda tão fechado.

– Desculpa, Joyce. Eu realmente não estou bem. Lembra de Lina?

– Aquela senhora, sua vizinha, que, às vezes, você ajuda?

– Sim, sim, ela mesma. Ela faleceu esses dias.

– Oh, Ri. Ela tinha família?

– Não, não tinha. Fui ao enterro dela e não tinha ninguém. Só eu e o coveiro.

– Que pena, Ri. Mas por que você não me disse logo?

– Porque me vi ali, Joyce. Só. Sem ninguém. Um estranho jogando terra sobre meu caixão e ninguém sabe que eu existo.

– Ri, eu sei que você existe! Por que você não volta a falar com seus pais? Você precisa sair mais, Ri.

– Não, Joyce, não preciso. Olha, é do trabalho. Outro dia a gente conversa, tá?

– Tá. Se cuida, tá? Beijos.

- Oi, Ri. Tudo bem?
- Indo, Joyce.
- Que houve?
- Estou de mudança.
- Sério? Você não me falou nada! Vai pra onde?
- Manaus. Fui promovido e me querem na fábrica nova.
- Isso é bom, não? Sabe quando volta?
- Nunca.
- Como assim, Ri?
- Não vou mais voltar, Joyce.
- Ri, você está bem?
- Não, Joyce. Não estou bem. Eu deveria estar feliz, mas não estou.
- Olha, quer que eu passe aí?
- Não. Não quero não, Joyce.
- Você está chateado comigo, Ri? Que foi que eu fiz?
- Nada. Tudo. É melhor assim.
- Ri, não estou...
- Eu te amo, Joyce. Eu te amo desde a faculdade. Eu te amo desde sempre.
- Ricardo, você não pode estar fala...
- Mas estou. E não quero mais te ver. Vai ser melhor assim.
- Não. Espera. Não desliga, Ri.
- Joyce, tudo que a gente tinha pra dizer, que eu tinha pra te dizer, eu disse. Aliás, desculpa. Eu não tinha o direito.
- Você é louco, Ri? Esse tempo todo e você nunca pensou em me dizer isso?
- Sim, pensei. Não sei se você lembra, mas eu tinha marcado aquela saída com você, quando você ia ver o Alex, lembra?
- Oh, Ri...
- Pois é. Mas meu bonde passou, deixei ele passar. Olha, seja feliz. Eu te amo, mas isso se cura.
- Ri, eu te amo.
- Hã?
- Eu te amo, Ri. Eu só percebi mais tarde, mas eu te amo, te amo antes de casar com Alex.

- Joyce, eu... Por que você não disse?
- Porque eu tinha medo, Ri. Tinha medo de perder você, Alex; tinha medo de ficar só. Ri, me perdoa.
- Não sei o que dizer, Joyce. Meu Deus. O que a gente fez, hein?
- Ri, erramos.
- Sim, mas... Olha, vou pôr a cabeça em ordem. A gente se fala depois, tá? Eu te ligo, prometo.
- Tá, Ri. Eu te amo, Ri. Eu queria tanto dizer isso, por tanto tempo. Me liga, tá? Por favor.
- Ligo sim. Beijos.
- Beijos.

- Joyce, tudo bem?
- Oi, Ri!
- Amor, você pega os meninos no colégio, ou prefere que eu vá?

O sol jorra um líquido morno que já foi ar. O suor cola a camisa, uma fantasia disfarçada de comum, diferente do terno cotidiano, da gravata que serve de coleira.

O cheiro de bebida, de perfumes, de sabores. E um sentimento de saudade, de arlequim sem colombina.

Laís não atende. Se atendesse, não iria ouvir. Talvez deixasse o celular de lado, enquanto fosse fazer outra coisa.

Nosso amor acabou.

Mas é carnaval e fui quase expulso de casa pelos amigos. Amigos que a odiavam, vale lembrar.

“César, ela não gosta de você”, “César, eu vi ela com o ex ontem”, “César, larga essa mulher”.

Eu escutei, mas não ouvi. E agora, só ouço o frevo, que desce como cerveja quente pelos ouvidos.

Compro uma garrafa de bebida. Uma espécie de cachaça. E o mundo balança. A ladeira dança. Tudo desliza no raio de meu olhar.

E o que olho, não vejo, senão com o tato de minha língua, com o falo que desponta tocando a lua, com a dor que expande e cobre, como sal em ferida nova.

Meus joelhos tocam o chão e sangram. Meus olhos gritam. Minha pele arqueja de frio. Eu vejo.

Baco canta nu, com uma auréola de púrpuro entardecer. Ele canta Alceu, enquanto seu pau chupam.

Mulheres formam o chão desse infernal paraíso, lutando para devorá-lo com suas línguas.

Não há dúvidas, Laís, entre elas. Deslizando, escalando, saltando e tropeçando em seios, vulvas, ventres e bocas.

Tanatos dança com Baco, lado a lado. Recolhe as que morrem diante do jorro de gozo.

Afogam-se na porra quando não conseguem vomitá-la. O cheiro salgado de vida derramada.

Enfim, Baco e Tanatos olham para mim. O foco intenso, teso, me pressiona ao chão, lambendo as pedras e os pés que passaram.

Eu acordo com a cara no chão. Um de meus amigos, não lembro quem, me puxando pelos braços.

Meu celular toca. É Laís. Não atendo.

Já me basta, então, o carnaval.

Eles são oito. Olham-me estranho. “Mais um”, eles devem pensar. Eu dou bom dia. Alguns acenam com a cabeça, outros voltam a comer. Todos fingem desinteresse. Todos viajam. Para mim, é um último exílio.

A caravana parte na primeira luz de Kaline, a lua que precede o sol. Eu levo pouca coisa. Algumas mudas de roupas, meus textos, algum dinheiro, objetos pequenos, mas que posso trocar por estadia ou comida, e os sapatos. Resistentes, belos. Feitos pelo meu pai com carinho. Sapatos. O mais belo bem de quem viaja só. E claro, carrego o cristal.

Cortamos caminho pela mata, não há uma trilha única em Mazaribe, as plantas crescem logo. Os fruteiros usam pássaros para descobrir o melhor caminho, voando baixo, eles não vão até os matos-garras, nem em nenhum ninho de quebra-gorja. Eles não usam apenas um, mas vários dos pássaros em voos rasteiros. Aves gordas e coloridas, mas que são capazes desse planar baixo. Os gorjas fedem todo o caminho, o que não me surpreende. Tudo que comem e bebem é a espessa e escura lama que ladeia a trilha improvisada.

Os insetos, pelo menos, não nos incomodam. Por isso vim com essa caravana. Quem lidera é um mecurino. Ele trouxe conhecimento de receitas de suas partes, além da Tiara. Então ele faz nossa refeição com seus temperos e os insetos nos ignoram. Não consigo imaginar Mercura. Viver na rocha, em pas-

sagens estreitas e frias, sem nunca ver o sol. Não, não é para mim. Sinto falta do mar sem fim de Miraia. Mas não vou me perder em pensamentos. O gorja tem a tendência de derrubar quem não está atento.

Quando chegamos à lagoa, no quinto dia de viagem, todos já se conhecem melhor. Belezi quer conhecer os Jardins de Cristal, trabalhou a vida toda para essa viagem, com apenas um retrato e relatos esparsos servindo de foco de desejo. Já vi os jardins antes. É tudo que lhe disseram e mais. A música lá ecoa na alma e o transforma, quer queira, quer não. Os cristais respiram. Harula viaja atrás de seu marido, perdido anos atrás, quer falar com ele uma última vez e vem falar com um Homem-Agulha. Eu sempre os evitei. Nunca dizem a verdade, foi o que aprendi. Me custaram meu pai. Os outros têm histórias mais comuns, vendendo frutas, ervas, enfim, coisas únicas em Mazaribe.

Perguntam-me o que faço e mostro as pérolas e conchas de Miraia, segue-se “ooh” e entendem que carrego uma fortuna. E se calam, talvez com inveja, planos de roubar-me ou apenas espantados com o que viram. Na palma de minha mão, carrego mais do que vale toda a caravana. Não me preocupo. Me cubro com lendas antigas, promessas de horrores aos que atacam um de nós. E, claro, carrego uma arma feita em Mercura e deixo sempre à mostra a faca de Matarana, usando ela até mesmo para gelar a água antes de beber.

A lagoa é negra. Na sua margem, uma torre de cantoras. Nós iremos nos aproximar apenas de dia. Paramos e fazemos nosso último acampamento. Verifico pela última vez a mensagem que carrego para meu irmão. É uma promessa de dor. Guardo-a com cuidado antes de dormir. Quando acordo, ponho sapatos de água. Feitos com o couro de tivas, costurados por meu pai, com suas mãos duras e grosseiras, cheias de calos e furadas por agulhas. Um dos mais ricos comerciantes de toda a Miraia, apaixonado por fazer a sua riqueza com as próprias mãos.

De dia, são as cantoras que chegam até nós. Elas não falam. O som de suas vozes, mesmo para pequenas coisas, é mais do que poderíamos pagar. Fazem um semicírculo e sinalizam onde devemos ficar. Os gorjas ficam lá. Carrega-

mos nossas bagagens conosco. Para os comerciantes é difícil, mas vieram preparados. Colocam tábuas de madeira que são muito leves e aguentam muito peso, como se fugisse da água. Em silêncio, me despeço de Mazaribe, onde enterrei minha única irmã, mais uma vítima da mensagem.

Enfim, elas cantam. Cada qual, vestida apenas de cristais. Suas nudezes são ignoradas, pois não há, nos oito mundos da Tiara, nada mais sagrado. Os cristais flutuam ao som de suas vozes, o canto, como sempre, me emociona. Elas cantam para o universo, para as máquinas que se encolhem no centro da lagoa e ela se parte. As águas se levantam e nos cobrem com o carinho de uma mãe, com a força de um pai. E vemos distante o nosso destino. Sob a luz de outra estrela, Melara. O Mundo da Tiara.

Então, corremos. O tubo de água se sustenta em som que se transforma em luz e o mundo que aparecia distante se aproxima e nos cega. Mas precisamos ir rápido. Quando as paredes de água cedem, nada resiste a sua força e não foi apenas um que se perdeu nessas viagens para nunca mais ser achado. Belezi cai. Contrariando a razão, o apanho no chão e coloco sobre meus ombros, cantando. Ele arregala os olhos diante da heresia, mas não me contenho, não poderia deixá-lo morrer e o cristal escondido sob minha camisa flutua na frente de meu rosto. Um canto de força. Belezi é pluma e corremos alcançando os outros e caio no chão, com ele, sem ar. Em Melara.

E vejo a Tiara, pela terceira vez na vida. O palácio de cristal que quase circunda o espelho d'água. Cada torre, um outro mundo. A oitava, como sempre, abandonada desde a revolta. Levanto-me e olho para Belezi. Ele está bem. Ele olha para mim com nojo e segue adiante. Poderia ser pior. Poderia chamar os guardas e eu seria torturado e, depois, morto. Nada que não mereça. A mensagem que trago irá trazer a morte de milhares. Talvez uma torre deixe de ser ocupada. Nada assim ocorreu desde a dinastia de Fersaram, O Sem-Mundo.

Um guarda me ajuda a me recompor, olha meus documentos escritos em contas e enrolados em meu pescoço. Indica-me um caminho e ando rápido.

Mais viajantes irão emergir logo. Há mais viagens planejadas em breve. Vejo as cantoras já se preparando e conversando, por gestos, com os viajantes.

Penso na minha viagem. E em todas as viagens. E cada qual, seja cruzando um rio, indo para um bairro vizinho, passando por continentes ou voando entre uma montanha e outra, nos leva para outros mundos. Uma terra fria, um local chuvoso e os corações das pessoas de quem tocamos sempre podem ser calorosos, nos oferecer abrigo. E eu venho aqui trazer guerra.

Nos mercados que circundam A Tiara, tudo pode ser comprado, vendido, prometido e entregue. Não há restrições sobre os produtos, nem taxas, pelo menos no mercado. E, assim, Tiara ganhou riquezas e poder ao longo de milênios. Eu procuro o endereço de meu irmão, troco meus tesouros por um fino, muito fino cristal, quase um agulha, e vou até ele. Ele abre a porta, me vê e se entristece. Eu só viria se a resposta de meus pais fosse negativa. Recusamo-nos a pagar as taxas. Nossa casa, e talvez toda Miraia, entre em guerra com os outros mundos. Passo para ele a mensagem, na verdade, um tubo de onda. Uma arma de assassino.

Pronto, acabaram minhas promessas. Sei que não serei o último mensageiro. Meus pais irão enviar mais. Mas não posso ser responsável por isso. Tomo o tubo de meu irmão antes que ele entenda o que estou fazendo e corro. Suspiro no cristal. Um canto suave e triste, e mando para meu pai, dos pais, aquele que faz sapatos, uma mensagem de adeus, enquanto corro por entre ágoras, palácios menores, meninos, animais e monstros. Homens-agulhas enxergam o tubo pelo que ele é e gritam em sons estridentes enquanto passo. Corro. Corro. O tubo, marcado pela luz de Melara, pelo som de Melara, por seu ar, suas estrelas, começa a se abrir. Ouço o som de mar. Eu corro, canto para a pedra em meu peito e me atiro no Penhasco dos Poetas.

Imagino que sou mais uma estrela, voando para o céu. E explodo tão forte que a cidade fica sem ar. Exilado da vida, mas salvando um mundo, esperando brilhar um dia, sob os oceanos de Miraia. Viajando, como estrela que cruza sempre o céu solitária.

Eu acho que é como o canto das cigarras.
Depois que alguém as ouve, não pode mais ignorá-las.
Sempre as percebe, mesmo quando cercadas pelo trânsito, pelo concreto.
Elas estão lá, cantando estridentes.
Um eterno roçar de pernas ásperas, inesquecíveis.

Quando a vi pela primeira vez, foi num corredor.
Depois, num restaurante. E, então, em outro.
Eu a vi, enfim, na sala de aula.
Teria sempre estudado comigo? Não sei.
Não importava. Sua presença e existência eram tautológicas.
Ela era.

Mas era isso.
Sua existência fora, repentinamente, marcada.
Eu a via em todos os lugares e sentia sua falta.
Como uma cigarra, anunciava sua presença sem medo.
Como uma cigarra, denunciava sua ausência com coragem.

Mas ficamos assim,
Cientes da presença do outro, ignorantes de nossos destinos.
Enfim, nos falamos um dia:

– Que calor, né?

– Pois é.

Não que eu pudesse sentir qualquer coisa à sua volta que não calor.

Até a chuva. No dia da chuva, estávamos presos.

Só os dois. Aula em dois minutos. Uma sombrinha.

Fomos, assim, protegidos da chuva e, entre poças de lama, pessoas correndo, um olhar e um roçar, enfim um beijo.

Assim, sem mais.

– Não entendo.

– O que não entendes?

– Esse beijo, do nada.

– Do nada?

– Sim, do nada.

– Você não queria?

– Sim, claro que queria.

– Então...

– Mas foi tão, assim, de repente.

– Será?

– E não?

– Depois de tanto tempo, de repente?

– Mas só te conheço faz pouco tempo e nunca te vi antes de algumas semanas atrás.

– É, eu notei. Você não me via.

– A gente se conhece?

– Não, mas já fui sua vizinha.

– Sério? Não lembro de ter te visto antes.

– Eu sei. Eu mudei.

– Sabe? Desde quando? Como assim, mudou?

– Mudei, quis ser vista, amada.

– E é assim? E por que acha que te amo?

– Eu sei.

– Sabe? Desde quando?

– Sempre.

E ficamos na chuva, nem sempre sobre a sombrinha, apreciando coisas que nunca são vistas.

E aquelas que são.

E ficam para sempre.

O amor não existe. Só existe o sexo.

Será?

Eu já pensei assim.

Mas então, cansei.

O amor é companheirismo? Nem.

Isso eu consigo de cães. Amor é mais.

Amor é o amar e serei amor, será?

Não sei.

Eu sei no que ela não acredita.

Pois ela só acredita em sombras em um bar sem luz.

– O amor tem sutilezas e gradações.

“Oi, meu nome é Heineken, chame-me juntinho que te faço falar sobre o que nunca conversou antes.”

– É, Luz?

– É.

– Desenvolva.

– A gente tem o amor de amigo, o amor de namorado, o amor sexual, o amor platônico e o amor amor.

– Não.

– Não? Você precisa beber mais. Está muito sério hoje, Nix.

– Eu sou sério.

– É, é muito sério. Mas me diga, meu amor, o que é o amor?

– Não é o que a gente sente um pelo outro.
– Não? Isso virou DR?
– Não. Mas estamos discutindo o amor, certo?
– Carlinhos, me traz uma cerveja diferente que meu namorado quer fazer uma DR. Tem Stella?

“Fique comigo, Stella, venha me artoar...”

– O que rola é só sexo.
– Obrigado, Nix. Entre uma cerveja e outra você me reduziu a um pedaço de carne.

– Não, não. Sexo por sexo é bom. Não?
– Sim. Mas não acho que seja só isso. Não entre a gente. E eu pensava que você pensava diferente.

– Eu penso diferente.
– Meu amor, você bebeu pouco hoje. Não está fazendo sentido nenhum.
– Eu penso diferente, mas é só sexo. Só que somos também amigos. Você não me ama, Luz. O que nós temos em comum, o que partilhamos?

– Diagnostiquei, foi isso, diagnostiquei de forma errada, você sequer bebeu hoje, né? Bobo, eu te amo. Luz e Noite and all that, lembra?

– Lembro. Mas vou te dar o roteiro de hoje, tá? Aliás, da semana: vamos para seu apartamento, vamos fazer sexo até as 3 da manhã, vamos dormir, você vai acordar antes de mim, eu vou pro meu apartamento, quando você quiser sexo, você vai me ligar, vamos nos encontrar na porta de um motel perto de seu trabalho, depois vamos para um bar e vamos novamente dormir ou no meu ou no seu apartamento e assim vai.

– E, ainda assim, acha que não te amo?
– Carlinhos, me traz uma vodca. Não, sem nada. Caubói.
– Aí, que macho você está hoje. E eu que pensava que você ia me propor casamento.

– Eu ia.

– Como?

– Eu ia. Mas pensei e não vou mais. Porque é só sexo.

– Nix, fala sério. Não, SÉRIO mesmo. Você ia me propor?

– Sim. Anel e tudo.

– Você está brincando.

- Não.
- Cadê, então?
- Com Carlinhos. Ele ia trazer se eu pedisse vodca com coco.
- Por que isso agora, Nix?
- Porque eu te amo.
- Mas eu te amo também, porra!
- Não, Luz, para você é só sexo.

O tapa doeu. Eu a agarrei e beijei com força, machucando nossos lábios.

– Eu te amo, Luz. Me liga quando você quiser mais de mim. E sei que você não liga pra casamento e nem eu. Mas eu te amo e achei que era a coisa certa a fazer.

– Você é um bosta, Nix. Um sacana. Por que eu vou amar um homem como você?

– Como eu disse, não é amor.

A vodca, recém-chegada, nem tem tempo de pensar a respeito e é desrespeitada.

O copo quebra na minha cabeça, ainda vejo o rosto assustado de Luz e minha mão cheia de sangue e desmaio.

É, ela me ama.

11

Qualquer Coisa

Ele apaga de novo. Está cansado. Precisa escrever tanto e admite, não sabe por onde começar. Certamente não é por esse texto, projetado em seus olhos pela tela sem amor. Amor. Por que isso deveria importar? Um desejo, antes de tudo, instintivo. O prazer poderia ser conseguido de formas tão mais simples, sem complicações.

- Tá aí, Mirela?
- Tô não, Pedro Bó.
- Quer passar aqui?
- Fazer?
- Qualquer coisa.
- Tá em falta.
- Beleza.
- Ei, Bó.
- Que foi?
- Vai pro cine?
- Ver?
- Um novo de algum-diretor-aí-que-você-acha-legal.
- Nada. Tô meio atolado de coisa.
- E eu ia fazer o que aí se você está ocupado, Pedro?
- Sei lá. Qualquer coisa.
- Tem bebida aí?

- Não, nunca tem. Você sabe. Só vodca.
- Absolutis?
- Orlô.
- Eeeew.
- Bem, mas tem.
- Tá, eu passo aí mais tarde.
- Beleza.
- Até mais, Bó.

Qualquer coisa. Eu gosto de estar com ela. Ela perto. Qualquer coisa é melhor que coisa nenhuma. Eu me volto ao texto que não volta para mim, só dá voltas. Algo sobre uma sapa que acha que é Ferrari. Sobre o mito do orgasmo anal feminino. Sobre tanta merda que nem sei mais. E nem sei mais se me importa.

Ele volta ao espiral. Espira. al. cool. Que respira.

Ela chega. Ele está dormindo. Ela buzina. Grita. Bate na porta. “frangopu-toidiota”. E vai.

- Ei, tu teve aqui?
 - Porra, Pedro! Tive. Cadê tu?
 - Bebi, dormi.
 - Não me chama mais tá? Perda de tempo...
 - Que é isso, Mirela, que exagero. Onde tá tu?
 - Longe. E vou ficar. Olha, tô dirigindo. Depois a gente conversa.
- Que merda. Bem, tomar banho, sair e aliviar a cabeça. Melhor que ficar aqui sozinho com Boris Orloff. Ela está certa. É um horror. Mas ir pra onde?
- Tita, tudo bem?
 - Oi, Juca. Tudo bem?
 - Tudo. Olha, sabe o que tá rolando?
 - Cê não tá sabendo?
 - Eu...acho que não.
 - Aniversário do Tércio.
 - Alguém vai, fora você e Lucas?

- Umas pessoinhas.
- Tá, eu vou. Tu chega de que horas?
- Umas 11. Ei, leva bebida.
- Vocês vão levar o quê?
- Cerveja, rum.
- Então vou levar vodca, beleza?
- Beleza. Beijos.
- Até, Tita.

Massa. Essa garrafa morre hoje. E o texto fica pra depois, acho. Com que roupa eu vou? Tem algo limpo? Vamo ver.

Festa, bebida, tédio, bebiba, papo furrado, bebbid, ccaza, vômmmt, banhu, toalha, despertador, cama.

Ele acorda, olha pro relógio. Passou da hora. Várias ligações não atendidas. O gosto de vômito na boca lhe incomoda menos que o gosto de batom. De quem? Não lembra. Vai no banheiro e urina. Lava as mãos, escova os dentes. Toma banho. Lembra que na geladeira só tem suco. Sai para a padaria. Compra pão, ovos, queijo, presunto, bacon. Volta, faz café. Come. Lembra. Maísa. Olha o celular. Mirela.

- Ei.
- Oi.
- Você ligou?
- Não, Pedro Bó.
- Então.
- Você não ia comigo no parque. O piquenique, lembra?
- ...
- Bó?
- Lembro, claro que lembro.
- Então, cotia. Anda.
- Tá tarde não?
- Lanche vira almoço. Não era você que queria qualquer coisa?
- É. Vou ver o que faço aqui e te ligo.

- Até mais, Bó.
- Ei.
- Que foi?
- Eu acho que fiquei com Maísa ontem.
- Acha?
- Fiquei com Maísa ontem.
- Que bom, Bó. É bom que assim tu lembra que é burro.
- Eu devia estar bêbado.
- Eu que devia estar bêbada quando decidi namorar contigo.
- Peraí, Mirela.
- Peraí, nada. Não vou te dar mimimi! A mulher te tratou feito merda,

Juca.

- Mirela, eu sei. Eu tava bêbado, porra.
- Juca, sabe, eu sou mais burra que tu. Tchau.
- Mirela? Mirela?

Fiz merda.

“Oi, Mirela. Não vou te pedir desculpas. Sabe que não é meu gênero. Sabe que não acredito em perdão. Sabe que acho que tudo que acontece, aconteceu e assim, já era. Paciência. Eu errei, fui irresponsável, estar bêbado não muda isso, quando peguei no copo e ela estava lá, ainda estava sóbrio.

Te tratei assim, como qualquer coisa. E sei que você, nem ninguém, é qualquer coisa. Somos assim, eu e você, partes de um todo. Complicados, isolados e ignorados, eu e você e, às vezes, por nós mesmos. E a gente se ama, assim, separados mesmo. Eu sei, você sabe.

Maísa representou muito pra mim. Preciso mesmo te dizer isso? Mas ela me tratou, como você mesma disse, como merda. E também não preciso te dizer isso. Você estava lá. Parte de mim ainda gosta dela. Nunca menti a respeito. Nunca menti pra você.

Mas ela me fez e fará mal, sempre. Ela é Maísa. Ela não é você. Você me faz bem.

E é isso que a gente devia pensar, sabe? Em qualquer coisa e em todas as coisas. Eu preciso de você, não para qualquer coisa, mas porque todas as coisas, com você, mesmo estando apenas juntos, é alguma coisa.

Entende essa coisa? Se você sente o mesmo, passa aqui.”
E-mail enviado.

Ela chega. Eles se beijam. Conversam. Fazem amor. Dormem.

- Juca, volta pra cama.
- Mir, não posso.
- Que foi?
- Finalmente, estou escrevendo alguma coisa.

– Estou mesmo morrendo?

– Sim.

O sim é um não absoluto. É um sim que destrói sonhos, planos, que elimina conquistas. É um sim para que a morte, ignorada ou contra quem lutou por tanto tempo, finalmente ponha um pé na porta e invada sua vida sem chance de recusa.

Yeter sai do consultório cabisbaixa. Seu corpo, em eterna luta consigo mesma, parece, por fim, ter dado a última gargalhada.

Os dias seguintes são cheios de estranheza. Pede baixa do exército e busca se refugiar em casa. Não consegue.

As pessoas não entendem que, quando se refugia só e na escuridão, é isso que um animal ferido deseja, ser apenas deixado só, na escuridão, esperando a morte que virá, menos dia, mais dia, mas virá.

Não consegue ir para o Polo Norte e não quer que seus últimos dias de animal ferido, por mais ferido que seja, tornem-se um inferno maior. E vai para as Bahamas.

Seu primeiro e último passeio. E sabe que a morte já conquistou até mesmo o sol, mas se propõe um último desafio de, quem sabe, morrer feliz.

Zoraida, agoniada de afazeres, percorre os restaurantes no sol intenso.

A mulher albina, magra e pequena parece uma versão de Mary Poppins que escapou do Mundo Bizarro, mas nesse mundo não há um Super-Homem

que possa guiá-la de volta, permitindo-lhe andar apressada e agitada num país que deve ser, dentre tantos outros, o pior lugar do mundo para alguém com suas características.

– Oi Morgaine.

– Olá, senhora Socorro.

– Posso entrar, verificar sua cozinha?

– Certamente. Como a senhora vai poder ver, está tudo em ordem.

Zoraida observa tudo com seus olhos, e nada vê, nem coisas boas, nem irregularidades. Já esconde faz anos a sua incapacidade de enxergar bem, ler e, enfim, realizar suas funções. Mas ela finge bem, move-se como um cão que fareja erros e, por fim, como tantas outras vezes, finge.

– Está tudo ótimo, Morgaine, obrigada. Ei, quanto à sexta...

– Desculpe, Socorro, ocupada.

Como única lésbica da ilha, as recusas constantes e frequentes (ela se sente incapaz de desistir) só a deixam mais irritada e agitada.

Ela faz mais quatro visitas e volta para casa, onde pretende meditar por horas.

É quando a vê, sobreposta a si.

A mulher é puro contraste.

Alta, negra, em lugar da velocidade que parece tomar Zoraida, Yeter transmite mansidão.

Ela quase tropeça quando vê, enfim, que a viu numa vidraça.

– Olá.

A enorme mão escura lhe toca no ombro. Ela se sente eletrizada.

– Oi.

Diz ao se virar, contendo a falta de ar que a presença dela lhe causa. Uma presença agradável, mas forte. Suas feições mesclam homem e mulher de maneira como nunca viu antes.

Ela sorri.

– Estou procurando esse hotel, mas não acho que saiba pronunciar o nome.

O sotaque é brasileiro. Zoraida já escutou antes. Ela pega o panfleto do hotel, em francês, e em um inglês arrastado, que sabe que ela irá entender, dá-lhe as direções.

– Qual seu nome?

– Yeter.

Ela diz sorrindo.

Elas fazem amor até a manhã seguinte.

Passam a semana juntas. Unha e carne, perdidas uma da outra desde sempre e, reencontradas, tornam-se indivisíveis.

No décimo dia, Yeter não vê alternativa e confessa: irá morrer.

Zoraida entra em ebulição.

O dia passa devagar com ela jogando alternativas, pensando em soluções.

Não há, assegura-lhe Yeter.

– Morremos juntas, então!

A albina proclama forte, vindo de sua boca miúda.

– Não! Você é louca?

– Não, louca não. Antes fosse. Só. Sou só. E te esperei por toda a vida.

Elas conversam. Yeter tenta lhe dizer que há todo um mundo lá fora, longe dessa pequena, ensolarada, tediosa e infeliz ilha.

– Mas eu te amo!

– E poderá amar outras!

Não há paz. Como peças de um xadrez humano, vão e voltam na discussão. Sem xeque-mate, perdem tempo e os humores se agravam junto com a doença de Yeter, tornando-se clara na dor que causa.

Zoraida promete: não irá morrer. Irá viajar. Conhecerá o mundo que Yeter lhe apresentou em relatos que parecem sonhos.

Seu amor volta à rota. Estão juntas e felizes, apesar do sofrimento.

Enfim, Yeter morre.

Zoraida, a mentirosa, parte para além da ilha, sem barco, sem navio, e morre, afogada, tentando chegar ao sonho.

13

Segue

- Oi, Guilherme.
- Oi, Lúcia.
- Você me ligou?
- Liguei.
- Que foi, Guilherme?
- Era você ontem à noite, não?
- Ontem à noite?
- Sim, no carro.
- Como assim, Guilherme?
- Lúcia... Era você ou não?
- Não sei do que você está falando, Guilherme.
- Não sabe mesmo?
- Não, não sei mesmo. Olha, eu tenho o que fazer, sabe?
- Está bem, desculpe.
- Tá. Tchau.

O carro segue pela avenida, há pouco trânsito. Ele segue o ônibus.
Ele, o carro.

Guilherme desce e anda pela rua sem olhar para trás. O carro, segue de
luzes apagadas.

Para quando ele entra em um prédio.
Não é seu prédio.

Guilherme não mora aí.

Ele aparece, minutos depois, na janela.

Pode ser visto por entre as folhas da árvore.

A noite escura, nublada e densa, só permite que ele se ilumine, e o chão é um rio de escuridão pulsante, entrecortado por faróis rápidos que cruzam a avenida.

Ele passa algum tempo.

Ela surge na janela.

Abraçados, beijam-se.

O carro vai embora, se satisfeito ou irritado, não há como saber.

A face de quem dirige não surge nas entranhas aconchegantes do metal.

Lúcia não sabia bem o que fazer. Tinha ciúmes. E raiva.

Não é fácil quando trocam a gente. Não é fácil sentir-se usada e descartada.

Se era ela no carro? Onde ele a viu?

Ela queria muito, muito estar com ele, mas fazia de tudo para esquecê-lo.

Ou quase.

Não conseguia trabalhar bem e seu sono atingiu uma irregularidade insana.

Como esquecer quem se ama? Lúcia sabia que não ia resolver essa questão, mas se perguntava assim mesmo, uma pergunta que foi gerida e parida por séculos, sem respostas que a amadurecessem, continuava dessa forma infantil, irritante e mimadamente incapaz de ir embora.

E sabia que Guilherme tinha outra. Nem precisava tê-la visto.

Tinha ódio dela, mesmo sabendo que a moça não era culpada.

Ele, sim, era culpado por não a amar. Que ela tinha feito de errado? Ela era atraente, inteligente, tinha bom emprego, vestia-se bem, era simpática, uma puta na cama, como os homens gostavam de lhe dizer...

E ela o amava.

Seria esse o problema?

E dormir tornou-se seu negócio habitual, devido ao estresse de imaginá-lo com outra.

Power Naps.

E vivia num estado constante de sono e ilusão de estar acordada.

O carro segue até seu trabalho. Não fica lá. Vai embora.
Volta quando ele larga. Segue o ônibus.
Acompanha até ele chegar em casa.
Espera. 30 minutos e nada.
Vai embora.

– Oi, Lúcia.
– Oi, Guilherme.
– Eu não estou gostando disso.
– Não sei do que você está falando. E queria que você...
– PARE DE ME SEGUIR, POOORRA!!!
Ele sai do apartamento de Janaína, ainda com o celular na mão.
Cruza a rua apressado.
Espera o ônibus na parada.
E vê o carro.
Ele grita.
Chama o nome de Lúcia.
Ofende-a.
Ela não escuta.
Ele se aproxima com raiva.
Pega uma pedra e sacode no carro.
Ele fica cego.
Os faróis de milha o metralham com luz.
O carro avança.
E avança.
Atinge seu corpo com força.
Joga-o à frente.
Recua.
Ele corre.
Cruza os sinais.
Verdes.
Verdes.
Ele quer um sinal vermelho.
Como o sangue que lhe escorre da boca.

Mas os sinais, verdes, deixam o carro seguir.

Seguir.

E o atropela.

E segue.

Seu corpo, deixado no chão da avenida.

A placa, anotada.

Lúcia, enlutada.

Mas livre.

Tinha álibi.

Irrefutável, na verdade.

Havia sido atendida numa emergência. Por conta do estresse, sono irregular, seu corpo quase entra em colapso.

Seu carro, deixado na entrada do hospital, seguiu sem ela.

A polícia ainda não sabe quem roubou o carro e tentou incriminá-la.

Carro que Guilherme amava, à primeira vista, ele a disse, quando foram juntos comprar.

Onde fizeram amor pela primeira vez, num ato arrebatado de paixão que vencia o desconforto.

Com o qual iam para todos os lugares.

Onde ele terminou o namoro.

Talvez, só talvez, o carro tivesse mais ciúmes que Lúcia.

Mas é apenas um carro.

Que não ama a dona.

Que não liga se ela sofre.

Que não busca vinganças.

Que não se sente traído.

Que não mata por amor.

Que, quando se enche de ódio, não enxerga vermelho.

Mas verde.

Ela olhava para suas mãos com olhos arregalados.

O verde que brota, a esmeralda que a recobre, em folhas cheirosas como orvalho.

Clarissa corre para o banheiro, gritando pela mãe enquanto se esfrega.

A mãe a socorre.

A menina tem seus braços vermelhos, em alguns pontos, quase sangram, esfregados que foram em desespero pleno, desenfreado medo.

Ela chora nos braços da mãe, que se banha em lágrimas, nas suas próprias, de ambas.

O medo da filha é enxurrada e banha seu coração, que se aperta.

Vão ver um médico à tarde.

Ele descarta qualquer problema. “Imaginação”, ele diz, ao tom de diagnóstico.

No caminho de asfalto e fumaça, as mulheres voltam para o apartamento concreto.

Não há o que temer dentro da gaiola dourada de vidro e aço, de onde o mundo é formiga.

Mas a noite chega, o dia se apresenta e folhas brotam dos braços de Clarissa.

São pequenas, mal as vê, mas vê e as sente.

Delicadas, verdes, cobrindo parte de seu braço.

Ela chora, mas se controla. Pensa na mãe, no médico.

Acorda a mãe e vão. O diagnóstico, muda. É um fungo. Um fungo “atípico”, diz o médico.

Passa-lhe remédios, recomenda-lhe repouso. Um dos remédios, nisso, deve ajudar. Não diz o médico, mas a menina lê, na troca de olhares entre os adultos.

Vão para casa. A mãe, despreocupada.

– Vamos à casa de seu avô, no campo. Acho que te faria bem, não?

A menina não responde, só sente o arrepio.

Mais forte, no “fungo”, que em outras partes do corpo.

Ela se assusta. O campo.

Clarissa sempre teve medo de mato. De noite ou de dia, no mato, há coisas que picam, mordem, arranham. Escondidas, elas espreitam e comem as crianças.

E tinha medo do avô. O homem velho, alto, magro, sua pele enrugada e cinza.

A voz rouca, que a abraçava e apertava como se a última vez fosse.

O avô nunca tinha lhe feito mal, mas não gostava dele, de seu aspecto, de seu cheiro.

Clarissa sonha essa noite. Vê-se na casa do avô, no seu enorme quintal, que parece não ser quintal, e sim floresta, onde a casa é um apêndice.

Ela está na margem da mata e tem medo.

Ela olha pra casa, chama a mãe.

A mãe surge no alpendre. Chama por ela, mas age como se não a visse.

“Estou aqui, mãe!” grita em sonho a menina, que é ela, Clarissa, a mesma que vê no espelho todo dia.

E a menina tem raízes, que se prendem forte à terra.

Tenta correr para a mãe, assustada e chorosa.

E, no aperreio, mal mexe os braços, cobertos de casca e folhas.

Ela acorda, apavorada, olha os pés.

Deles, pequenas folhas escapam e os cobrem.

Ela grita pela mãe.

Os dias passam.

Clarissa, aflita, olha da sua casa e vê a luz do sol mover-se. E, assim, conta as horas.

Ela não fala à mãe.

De seu medo.

De seus pesadelos.

Ela vê a luz e teme alimentar-se dela.

“Eu não sou árvore!”, grita dentro de si e olha sua pele, esverdeando-se sem trégua.

Preocupada também com a mãe, a menina sofre em silêncio.

Transforma-se na sombra densa de sua mudez, enquanto o remédio, exíguo, fica sem efeito.

Voltam ao médico. Ele lhe passa cremes, um antibiótico.

E os dias passam, e ela pensa no tempo, que parece a mover descuidado para uma vontade de esverdeá-la sem dó ou licença.

No campo.

E os dias passam.

E o dia chega.

Seu avô não é mais o mesmo.

A bengala que o sustenta é adereço novo.

Empresta-lhe nobreza, mas entristece Clarissa.

“Se vovô fosse árvore e não eu, viveria mais”, sussurra para suas pequenas folhas, em dupla esperança.

A primeira noite não lhe traz pesadelos.

Nem a segunda.

Na terceira, porém, ela se vê cercada.

As árvores que ela tem ignorado esses dias, trancada que ficara no quarto, vêm visitá-la.

As paredes não representam obstáculo.

A madeira da casa se dobra para receber as irmãs, vivas e frondosas.

Clarissa acorda assustada e ouve um barulho na janela.

Ela tem medo.

Observa as sombras e elas só se preenchem com mais horrores.

Desiste de apavorar-se e vai até a janela.

Quando abre, vê a árvore.

Um galho, fino e longo, bate constante contra a janela quando esta se fecha.

Aberta, a árvore não incomoda Clarissa.

Pensa no sonho e decide, essa noite, dormir com a janela aberta.
Acorda banhada de sol.
E toma uma decisão.
Toma café da manhã com a mãe e o avô e anuncia: “vou brincar”.
A mãe sorri.
Clarissa sai aproveitando o sol e vai ter com árvores.
Ela as olha, desafiadora.
“Não tenho medo de vocês! Não tenho!”, grita, longe da casa, já dentro da mata.
Não há resposta. Não audível.
Mas ela sente. O mundo se mexe.
Repentinamente assustada, febril, olha para suas folhas que crescem.
Pensa em correr, mas suas raízes, fincadas no solo úmido, enroscam o mundo e suas pernas.
E se vê, então, floresta.
Horror realizado, ela estremece.
E, em mais um instante, só mais um, Clarissa, que escuta a música que se forma apenas pelas árvores que cortam o vento, percebe.
Floresce.
E, em profundo prazer de ser novo ser, desfalece.

O sono é sem sonhos.
Ela desperta menina.
A mãe acaricia sua testa. Chama-a de “meu bem”.
Ela toca a mão da mãe e seu rosto.
E nota, enfim, que suas folhas se foram.
Mas algo ficou. Fincou.
Algo verde.
Enraizado em si.
Verde.
E ela chora feliz.
Sentindo, em suas lágrimas, o gosto do orvalho.

Darinne olha o barco competindo com a lua. Um deles irá desaparecer, cedo demais, no horizonte. Logo seu pai vai saber do casamento. Ela olha para Otyr, dormindo, exausto, a seu lado. “Branco como um verme”, dizia seu pai quando falou pela primeira vez do homem que se tornou seu marido, “mas valente! E as histórias que conta!”. Esse é Otyr, o rebelde, Otyr, o traidor. Otyr, humano.

É, sim, como seu pai um dia disse, branco como um verme de fruta. Ela espantou-se quando o viu pela primeira vez, coberto por um pano grosso, com dezenas de pergaminhos amarrados a sua cintura. Tão jovem, porém mais velho que ela e pouco mais baixo, e, assim, sendo ainda menos respeitado pelas pessoas do mundo que pretendia salvar.

Otyr, o ladrão. Trouxera para as casas de Malbat a tecnologia de Rocha-Derretida, ensinara a fazer armas e defesas, dera, enfim, esperança. E ainda era visto, a despeito de todas as honrarias, como um estranho.

Mas longe de afeito aos olhares femininos, tornara-se o sujeito da fala sussurrante entre as mulheres de Malbat.

Darinne, jovem demais, pouco sabia sobre o homem de outro mundo que viria a pisar em sua casa e um dia no quarto de núpcias.

As Casas de Malbat protegeram Orlara, e a invasão de Rocha-Derretida tornara-se, logo, um pesadelo distante. Porém, não muito depois, morre Merva, pai de Mareus, que herda o título da quinta casa e promove a ideia de uma invasão de Rocha-Derretida. A maior parte das casas se opôs, mas

Mareus, através de intrigas, assassinatos e, em alguns casos, usurpando militarmente o poder, começou a remontar a nobreza de Orlara.

Otyr, marido, aliou-se a seu pai e outros nobres, na tentativa de evitar que seu mundo fosse, então, alvo de uma invasão.

“O Verme Branco na Casa da Aurora”, disse Kalienne, sua pequena-amante, quando Otyr, o herói, veio visitar seu pai pela primeira vez na Ponte do Sol. Na sala, sentada em um canto, ouvindo suas histórias e entendendo seus sacrifícios, seu amor pela vida, Darinne se apaixonou. Perdidamente.

Otyr, tímido, correspondia à menina, mas tinha medo de se aproximar, não entendia os costumes, coisa tão evidente entre as mulheres de Ponte do Sol que logo tornou-se chacota.

Foi Kalienne quem, seguindo os desejos de Darinne, sugeria a Otyr, o ignorante, como aproximar-se sem quebrar as tradições. Pobre Kalienne, tão enojada estava de fazer as vontades de sua pequena-senhora em aproximá-la do Verme Branco, que precisava ir rezar para os Outonais todas as noites.

Darinne se preocupava com sua pequena-amante, casada há pouco mais de um ano com Martigo, um dos homens-de-armas que acompanhava Otyr. Suas escapadas para o templo não eram bem-vistas, afinal para poucas coisas se reza pelo outono e nenhuma delas é boa. Estaria rezando contra a união dela com Otyr? Mas isso não importava agora, estavam casados.

E o barco some.

Logo haverá mais barcos. Ela sabe. Logo haverá uma guerra.

E da sacada ela ouve vozes.

Martigo e Mirego conversam. O som lhe sobe aos ouvidos, um rastejar de patas, barulho que animais no piso da casa não fariam mais alto. Pequenos ratos em um porão. Mirego não a vê. Tanto melhor.

Durante anos, Darinne foi incomodada por Mirego. Mesmo sendo ele poucos anos mais velho, ela sempre o achou infantil, arrogante. Belo, sim, mas incapaz de interessá-la. E sua recusa parece que sempre o incitou a mais tentativas. O que ele fará quando souber que ela casou, especialmente com alguém fora da nobreza? Alguém fora desse mundo? Pior, um dos “vermes brancos” que atacaram Olara? Ela prefere dormir a pensar.

A joia pisca na escuridão de seu quarto, um brilho suave, vermelho. Ela a vê pelos olhos sonolentos. O cheiro de morango exalado pelo cristal, a luz branca e terna. Mas não percebe a seu lado, Otyr, seu homem.

Então, seus ouvidos despertam e escuta o alvoroço.

A voz de seu pai, Mozalar, ofendido. E de Otyr, nobre.

A vozes chegavam, não pela janela, mas pela escada. Subiam rápido.

– Otyr, acusado, fique aqui.

– Mozalar, pai?

– Darinne, a ingrata, que fizeste? Como fazes o que fizeste? Que canto fora esse?

– Nenhum, pai, nenhum. Não sabes mesmo o quão Otyr, o herói, é nobre, puro, valente? Não se apaixonou você mesmo por sua vida? Eu me deixei levar pelo mesmo barco, pai.

– Darinne, a irresponsável! Como pudeste?

– Mozalar, o Dor-Han-Malbat, Mozalar, o pai! Divididos somos todos, pai? Não enxergas? Como o canto que se parte em som e som em matéria, assim estou. Entre amor e dever, pai, e agora, entre dois senhores. Mozalar, pai, Otyr, marido. Não há o que fazer, nem lhe peço perdão. Segui o que importa, Mozalar, querido.

Seu pai a olha nos olhos e vê o cristal.

– Ele segue os costumes, então?

– Sim, pai. Foi treinado por Kalienne.

– Pois bem, Darinne, impetuosa. Pois bem. Porém não é a única notícia que me faz manter-me acordado a tal hora da noite. Vim com notícias, armas e homens. E Otyr, o general, terá de partir.

– Teremos, pai. Darinne, esposa, lembra?

– Então vão. Mareus, usurpador, se aproxima de Chacira. Otyr, o destemido, irá se alojar na cidade. Makassis irá também com vocês. Prepare suas coisas, faça trabalhar a sua pequena-amante.

Chacira, a nome da língua antiga de Malbat, “A Passagem no Céu”. Uma ilha isolada no mar de Alarune, mas sobre o mar. A rocha flutua 400 braças acima do mar e tem um coral estacionado em um dos dois fortins que cercam o grande lago em seu centro. O barco aéreo nos deixa no fortim escuro, que

dizem ter sido construído pelo próprio Malbat. No fortim branco, os pequenos vermes de fruta se recolhem em seus cânticos, cálculos e preces. Vermes brancos. Ela não devia pensar mais assim. Ela é casada com Otyr, da Rocha-Derretida. E quase não o viu a viagem toda. Sempre às voltas com Makassis, Martigo e outros de seus tenentes. Makassis, o primo, em especial. Makassis, galante, Makassis, o belo. Seu primo encanta também os olhos de Otyr, o estrategista, a ponto de ter se tornado seu segundo em comando. Pela conversa, Makassis, o Olho de Águia, irá tornar-se comandante do fortim quando chegarmos na Torre Poente.

Nuvens vermelhas cercam Chacira. Os barcos aéreos e marítimos trabalham bastante durante o resto da noite e do dia. Novamente, Darinne mal vê Otyr, amante. Os leves e pequenos barcos aéreos fazem viagens entre Chacira e os barcos abaixo da rocha, carregando homens e provisões. Darinne escolhe observar tudo da Torre Nascente, onde o coral tem lunetas que apontam para o céu e para baixo, em redes de lentes e tubos que percorrem toda Chacira. Na menor das torres, se vê tudo, exceto o que ocorre dentro da Torre Poente.

Já próxima a noite seguinte, a tempestade torna-se mais forte e cristais são cantados, chamando os barcos mais distantes para a proteção dada pela ilha no céu. Makassis chega logo, seu barco aéreo, talvez o mais rápido de toda a Orlara, desembarca seu primo, Kalienne, a falante, e Martigo, o diligente.

– Darinne, a esposa, não devia estar esquentando a cama de seu esposo?

– Talvez eu a tenha deixado aquecida, mas tenha preferido vir ter com ele na rocha fria, protegendo ele da tempestade.

– Darinne, a gigante, certamente pensa o melhor, mas não duvide que seja como todas as mulheres, prontas para realizar na cama de seus senhores a sua única e real tarefa do dia.

– Espero que Kalienne, a calada, lhe seja então tão coerente com seus anseios, Martigo.

Darinne, acostumada a agressividade natural de Martigo, apenas sorri e se afasta. São ciúmes de sua pequena-amante, ela bem sabe. Kalienne passa mais tempo com ela que com o esposo, Martigo, o soldado, Martigo, de cicatrizes.

Então ela vê Mirego.

– Que ele faz aqui, Martigo, o leal?

– Darinne, senhora de Malbat, não sei. Sugiro que vá para aquele lado enquanto me desento de Mirego, o inconveniente. Makassis, o nobre, pode acompanhar Darinne, a dama do Poente?

– Pois não, Martigo, o experiente.

Ela se deixa levar por Makassis, mão em mão, pelo primo.

Não vê o que conversam Martigo e Mirego, mas fica mais ansiosa por abraçar Otyr, o pequeno, que, Makassis lhe assegura, nunca irá se perder nessa tempestade, tendo ele vindo do mundo sem ar, Rocha-Derretida.

Enquanto espera, acompanha na noite pouco além dos raios que singram o ar e os olhos verdes e brilhantes de Martigo, o escudo.

Otyr, o navegador, chega com boas notícias. Anuncia uma festa. A guerra, afinal, se não chegou ao fim, fora em muito atrasada. A armada de Mareus, tanto a marítima quanto a aérea, fora fortemente comprometida pela tempestade.

– Bebam! Festejem! Homens de Orlara, sua guerra pode não estar ganha, mas viveremos mais um dia pelo menos!

Darinne observa com ansiedade. Os homens o olham com admiração e patente alívio diante das boas-novas. Ela caminha até ele. Ele a vê e a abraça.

– Otyr, marido, tantas saudades mesmo em pouco tempo.

– Minha princesa, não a deixarei tão cedo, agora que cheguei.

Eles se beijam, recortes no negro da noite. Otyr, alto para um homem de Rocha-Derretida, mais baixo, porém, que uma mulher de Orlara, se estica para beijar Darinne na frente. A pele cinza de sua esposa, contrastando com o musculoso albino.

– Venha, então, Otyr, amante, temos muito o que eu fazer.

Otyr segue o sorriso, sorrindo também, e deixam para trás os homens festejando.

No alto da Torre Poente, Kalinne espera sua pequena-senhora. Ela não se surpreende quando a vê com Otyr, mas não consegue esconder seu desgosto.

– Darinne, dama de Malbat, lhe preparei banho e cama, deseja que lhe sirva...

– Desejo silêncio, Kalinne, atenciosa, e paz. Pode ir dormir, alguém deve dormir nessa torre essa noite.

Ela espera que Kalinne saia e beija Otyr. Ele, instruído, mas tímido, espera os avanços da esposa, que lentamente o despe e aguarda que ele faça o mesmo. O ritual é lento e preciso, pensado para incitar ainda mais o desejo dos amantes.

E de desejo a noite se faz. Até os gritos que, diferente dos proferidos junto aos lencóis, são realizados no solo da ilha que flutua.

Otyr se veste rápido e, de dois em dois, desce os degraus da torre, carregando em punho as armas vulcânicas que ele mesmo desenhou.

Darinne é lenta, mas acompanha o marido minutos depois, chegando no momento em que Martigo, o experiente, fala em direção ao marido. Os homens, ela vê, estão confusos. O cheiro de bebida enche o ar, e Martanho, o duro, está no chão, ferido, sendo atendido pela sua pequena-amante e pelas pequenas-amantes das outras poucas esposas de Malbat que estão na ilha.

– ...e não foi, se não, não por descuido que Makassis o feriu, Otyr, lorde de Malbat.

– Não sou lorde de nada, Martigo. Seus elogios de nada adiantam, já devia saber disso. Makassis, não o quero mais sob meu comando. Não basta meu povo ter tentado matar o seu e as casas de Orlara se voltarem umas contra as outras, agora desejam trazer também carnificina para dentro de seus próprios muros? A festa acabou. Makassis e os que quiserem ir com ele estão dispensados para voltar para a Ponte da Aurora no primeiro navio. Vão para seus aposentos e pensem no que fizeram hoje.

Otyr, o belo, se volta para ela apenas nesse momento.

– Esposa, volte para nosso aposento. O assunto aqui está terminado. Pena que tenha visto isso.

– Otyr, amor, não se preocupe. Já fui pequena-amante, já estamos em guerra por anos a fio. Mas concordo contigo, Otyr, o correto, vamos, a noite ainda não terminou.

O casal deixa o pátio da torre e volta a subir as escadas. Ainda escuta as vozes dos homens conversando, e Darinne distingue, entre elas, a voz trêmula e triste de Makassis, seu primo, que estava sendo consolado por Martigo, o fiel.

Makassis, porém, não vai embora. Darinne percebe isso com as primeiras luzes da manhã. Otyr, o incansável, não está a seu lado quando acorda, tendo de ir realizar seus afazeres. Ela percebe seu primo junto do cristal, iluminado

pela luz branca e pelo pulsante vermelho. Makassis, o tristonho, segura o presente dado por Otyr, o encantador, e olha para a prima.

– Você não devia estar aqui, Makassis, o indiscreto.

Darinne sorri. Os primos sempre foram quase irmãos.

– Darinne, a conciliadora, te peço: fala com Otyr, o bravo, para que me perdoe. Não ataquei Martanho, o incauto, por mal. Ele se interpôs entre mim e Mirego, o vilão.

– Mirego, o indesejável? O que ele lhe fez, Makassis, querido?

– Me acusou de ter desejos por você, prima. Não, não faça essa cara, Darinne, minha irmã. Entende, pois, que me irritei e tive de o punir. Martanho, o pacificador, surgiu, então, em meio a nossa briga, e o feriu por descuido.

– Makassis, irei falar com Otyr, o justo! Mas se esconda, ele já o mandou embora e se rumores sujos como esse que me contas chegaram aos ouvidos das pequenas-amantes, talvez até Otyr, o estrangeiro, já os tenha ouvido. Primo, vá, ouço a voz de meu esposo!

Makassis corre para fora do quarto, e ela escuta o som das vozes de Otyr e Martigo subindo as escadas.

– Quem era esse, Darinne?

– Não lhe pareceu ser Makassis, o inocente, Otyr, meu general?

Darinne olhou dura para Martigo. Ele se cala e dá um passo para trás, isolando-se dela com Otyr a sua frente.

– Makassis esteve aqui, Darinne? Responda!

– Otyr, senhor de mim, para que o grito? Não entendes a ofensa que me fazes? Não sabes que as paredes de nossas torres são hábeis em transmitir desaforos tanto quanto suspiros? Era, sim, Makassis, o primo. Veio me pedir que interceda por ele, meu amor.

– Veio, não foi? Derinne, deixe que desses assuntos eu cuido. Pela minha honra que empenhei ao lhe dar o cristal de minha família, não interfira. Te amo, mas esses assuntos eu tenho de resolver. Venha, Martigo.

Darinne os observa quando vão escada abaixo. Martigo, o subserviente, cochichando no ouvido de seu esposo. “Bons conselhos”, ela espera e, na espera, adormece.

– Darinne, senhora! Darinne, senhora!

Ela acorda sobresaltada.

– Que há, Kalinne, grosseira, que houve?

– Sua joia, senhora de Mabal, onde está?

– Como?

– O cristal de canto que seu marido lhe deu! Onde está, senhora! Tenho ouvido coisas, nenhuma delas agradável, Darinne, a acusada!

– De que me acusam, Kalinne, a fofqueira, de quê?

– Você e Makassis, o desonrado, traindo Otyr, o verme branco!

– Calúnia, Kalinne, a tola! Calúnias! Mais que qualquer uma, tu sabes!

– Sim, senhora, mas não posso calar tantas bocas.

– Me deixe, Kalinne, minha protetora, tenho de pensar.

A pequena-amante corre de volta pela porta. Darinne é prisioneira da espera, isolada na torre, isolada na ilha, isolada do pai, Mozalar, o culto. Ela sabe o que fazer, mas não sabe como Otyr, o misterioso, irá reagir a tudo.

Decide procurar Makassis, a vítima.

Darinne planejava conversar com o primo e planeja precauções. É, porém, surpreendida.

– Que faz aí, Darinne?

Otyr, o enfurecido. Olha-a da escada que vem do quarto de Makassis, o Orlaro.

– Marido, vim conversar com meu primo.

– Martigo não me contou tudo, mas entendi o suficiente, Darinne. Onde está meu cristal?

– Espere. Martigo, o lacaio? E seu cristal? No meu quarto, Otyr, o desconfiado, nunca o tirei de lá.

– Mentirosa! Eu o encontrei no quarto de Makassis! No quarto DELE! O cristal que liga a minha honra a você, que me conecta a você como o mais fiel dentre todos os homens! E você, como cadela, a quem você serve!?!

Otyr se atira sobre Darinne, enfurecido, na sua mão esquerda, pulsa o cristal, seu presente.

– Darinne, prima!

Ela escuta o grito fraco de Makassis, vindo por trás de Otyr, o bruto.

Que nela bate. Ela, porém, sustenta seu soco com os braços. Pequeno, Otyr é, no entanto, mais forte que um Orlarano e ela cai de costas no chão.

– Marido, não percebes a ofensa, não percebes o que fazes?

Otyr, no entanto, nada diz. Seus olhos são esmeraldas radiantes de ódio. “O Ódio da Pedra”, dizem, quando, enfurecidos, os habitantes de Rocha-Derretida se veem traídos pelas suas feições, incapazes de esconder seu intento.

Ele pretende matá-la.

Makassis interfere e ela vê o quanto o primo está machucado.

– Pare, Otyr, meu amor, pare!

Darinne se move e vê a mão de Otyr estalar quando atinge a escada de rocha.

Seu grito de dor a preenche de angústia e ela atira-se sobre ele, abraçando-o. Chorando, e abraçando. Makassis a ajuda a dominar o homem, mas por pouco. Enfim, Otyr se cansa.

– Darinne, onde eu estava com a cabeça.

Ambos, abraçados, choram, enquanto Makassis vai buscar pequenas-amantes.

Marido e esposa se recobram aos poucos e juram tentar entender melhor um ao outro. Chega, então, Kalinne, antes das outras.

– Darinne, senhora de Malbat, tenho de lhe confessar algo.

Kalinne se apressa, enquanto ouve passos rápidos vindos pela escada. Não são passos de pequenas-amantes, são passos de homem.

Darinne percebe o indistinto som das botas de Martigo, que, mesmo nos momentos de celebração, nunca retira os pregos de batalha, usados para pisar nos inimigos caídos. Instintivamente, levanta-se do chão, e puxa o corpo leve de seu marido, apoiando-o.

– Fale agora, Kalinne, amedrontada!

Mas ao dizer isso, Darinne se percebe tremendo mais que a pequena-amante. Ela imagina o que irá ser dito e teme ainda mais os passos.

– Martigo, meu esposo, lhe roubou o cristal, Darinne, minha senhora.

– Martigo fez o quê? O que ela está dizendo, Darinne?

– Cale-se, Otyr, meu esposo. Não entendes? De onde vens não há nada como aqui, todos sussurram, todos traem. Sou fiel a ti, pois te espelho, amo tua estranheza em forma e pensamento, mas a casa de Malbat é, antes de tudo, um

serpentário, esposo. Kalinne, incompetente, quão pouco ensinastes ao meu marido sobre nós? Só lhe falou sobre códigos que ignoramos, sobre palavras vazias que dizemos? Sobre juras que tão facilmente quebramos?

Kalinne não responde. Ela tenta, mas a pistola de Martigo, o monstro de olhos verdes, dispara. Otyr, o guerreiro, busca as suas, mas sua mão, partida nas pedras, a deixa cair.

– Um verme branco, carnicheiro tolo de terras sem luz, acha que pode me relegar a funções servis, Otyr, o menor! Como se atreveu a me trocar por Markassis, o idiota...

BAM!

– ...como deitas com a Darinne, a mais bela de Malbat...

BAM!

– ...nojento verme cego, me tomando a esposa de homens melhores!

BAM!

Otyr, o duro, cai, alvejado por Martigo pela terceira vez.

O sangue respinga no rosto de Darinne e de suas pistolas vulcânicas, agora nas mãos da Orlarana.

E o fogo cobre a escadaria com luz e calor, partindo ao meio Martigo e abrindo as entranhas da Torre do Poente para a luz matinal de Orlara.

Makassis, o lento, chega tarde. O herói está morto, a pequena-amante também. Darinne, a viúva, segura o corpo do marido enquanto chora.

A única lembrança viva do estranho é seu cristal. Pulsando em meio à poça de sangue, luzindo continuamente, branco e vermelho, branco e vermelho, branco e vermelho...

16

Fliperama

Ele olha para o asteroide, desconsolado.
A nave perfeita, a melhor de sua geração, parte-se em pedaços.
De nada adiantaram seus reflexos, a tecnologia impossível, o laser mais potente.
Tudo agora fora em vão.
Só lhe restava esperar morrer, engolido pelo vácuo, ou esmagado por mais um asteroide.
Ele, porém, não desiste.
Seu espírito indômito o comanda a sobreviver.
E ele coloca outra ficha.
Volta à cabine de sua nave e continua a batalhar.
Segundos de enorme estresse mental.
Minutos de renovada fúria.
Horas de escapismo barato.
Mas o menino não liga. Ele precisa dos sons, do cheiro, das visões.
O fliperama é sua fortaleza contra o mundo que o aguarda lá fora.
E o dinheiro acaba, o combustível da nave invencível.
Ele procura nos bolsos por mais notas, ou quem sabe, uma ficha esquecida.
Nada. Seus recursos viraram poeira espacial.
Talvez financiem mais asteroides, quem sabe?
Desconsolado, coloca as mãos nos bolsos e vai saindo.
– Guel, seu gay! Já vai?

- Cabou minhas fichas.
- Ah tá.
- Tu tem uma?
- Tu tem chiclete?
- Não.
- Então não dou.
- Eu te dou uma depois.
- Quando?
- Amanhã?
- Humm...
- Vai, vai.
- Tá. Mas amanhã me dá, tá?
- Tá. Brigado, J.

O piloto volta a sua posição e sua missão sagrada.

A destruição dos asteroides vai salvar milhares de vidas.

Milhões. Zilhões!

E a nave explode.

O herói morre pela última vez.

Guel chuta a máquina.

– Ei, pirraia! Que onda é essa?

– Desculpa, seu Antônio.

– Desculpa nada! Se quebra, você vai pagar?

Guel sai cabisbaixo. Duplamente derrotado, vai pra casa.

A empregada abre a porta. Ele a ignora. Vai pro quarto. Cai na cama, tirando então os sapatos com os pés.

Levanta, pega lápis de cor, um caderno, e desenha.

A nave aqui é diferente.

Maior.

Mais forte.

Nela cabem todos.

O irmão, a irmã, pai, mãe. Até o tio.

Miguel pilota a nave.

Uma nave que gira, que voa.

Que escapa de todos os obstáculos.

Uma nave que, diferente do carro do pai, não bate.
Uma nave forte.
Que resiste aos ataques dos óvnis.
Que é rápida.
A nave azul, brilhante, contrasta com a cor do carro, um vermelho vivo.
Branco. Branco.
O carro só ficou vermelho depois.
E a nave é azul. E voa.
Como ele voou. Pelo vidro.
Sua irmã também.
Mas ela teve menos sorte.
Ela não era um piloto do espaço.
Nem sei pai. Nem sua mãe. Nem seu irmãozinho.
E o tio chega na nave mãe e o resgata.
Os outros ficam no hospital, na estação mais próxima.
E as fichas deles vão acabando.
Um a um.
Deixam de jogar.
Cada dia, um enterro.
E a nave borra.
A criança chora.
E ele deita e dorme.
Sonhando com naves, que desviam de árvores.

Está escuro. Tenho, pela primeira vez na vida, medo. Não é do escuro. É desse cheiro. Cheiro de algo que, eu sei, mesmo sem saber, morreu. Não consigo me mexer. Está apertado e algo duro e, ao mesmo tempo, sedoso, me abraça. Começo a me debater e noto que está cedendo. Fico me debatendo, rasgando, mordendo, até que me liberto.

Agora eu sinto medo. O sol me atinge em cheio. Eu termino de me soltar e corro para a escuridão. Um buraco na rocha, nada mais. Daqui, vejo, pela primeira vez, o mundo. Talvez fosse melhor que não.

Ela morreu. Seu corpo boia no rio. Não sei se faz tempo, se morreu agora, não sei. Meus irmãos se afogaram ou morreram ao tentar sair de seus ovos. Nunca expelidos, ou então carregados para o fundo, comido pelos peixes, pegos pelas aves.

Tive sorte. Parido da ferida que lhe rasgou o ventre, fiquei preso entre a mãe e a vida. As memórias me chegam devagar, mais lentas que meu corpo, que cresce e se prepara. Sei tudo e nada sei, pois não sou nada. Um soldado nascido sem nome e só.

Rasguei o ovo aos três anos, nadei até a margem aos quatro. Aos cinco, estava na escuridão. Observei minha mãe nos anos seguintes. Aos doze, fui novamente para a luz. Em meia hora, meu corpo cresceu, mas preciso de algo mais. E volto ao rio.

Devoro sem pressa o corpo de minha mãe e irmãos. Eles alimentam as mudanças, me dão a força de que preciso. As instruções chegam, mas o que

era para ser um batalhão... Agora, serei apenas eu. A mãe nos lideraria para o combate. Sete ao todo. Sem ela, me sinto perdido. Nenhuma guerra privilegia os órfãos, por mais que os fabrique.

Os mapas chegam à minha cabeça quando atinjo os dezesseis. Mapas, instruções, treinamento, esquemas de armas e mecanismos. Aos dezessete, recebo uma mensagem. Ela é vaga. São as últimas lembranças de minha mãe, antes de ser morta na queda. Agora sei onde estão as armas e equipamento. Caíram próximo daqui. O que mamãe não esperava era fogo antiaéreo. Ou melhor, contava com isso, mas não tinha experiência voando com tantos gêmeos. Eu vi suas asas enquanto devorava seu corpo. Partidas e esmagadas nas rochas do rio. Eram enormes.

Aos dezoito eu corro. Nu, exceto pela casca. A pele transformou-se em couro que excretou uma carapaça. Um escudo longo e negro que cobre minhas costas, um menor sobre meu braço esquerdo e longos e grossos ferrões brotam sob meus pés. E salto. Das árvores, vejo melhor o local. Mesmo lembrando bem o mapa, procuro os inimigos. Enxergo a caixa e vou até ela, correndo, saltando. Rápido, chego lá antes dos dezenove anos.

A caixa. Nome inapropriado. Parece um grande e negro ovo. Eu cuspo em uma saliência e ele identifica a chave química, abrindo-se para mim. Olhos os vários sacos dentro. Pego um de nutrientes e o devoro, esperando que meu corpo recomponha qualquer item que minha alimentação inadequada não tenha conseguido criar.

O cilindro cheio de sulcos tem mais que alimento. Mas nenhuma arma vem pronta. Nenhum equipamento que o inimigo possa usar contra nós. Nesse momento, sinto falta de minha mãe. Ela iria distribuir nossos papéis, nossas funções e armamentos. Sou obrigado a criar algo agora e reservar algo para mais tarde, contingências que deveriam ter sido eliminadas durante os planos para o ataque.

Guardo nos bolsos, por debaixo das asas que estão ainda se formando, quatro sacos. Deles surgirão os alimentos e equipamentos de que vou precisar. Vou ficar muito pesado, especialmente não tendo excretado nada ainda do que comi, mas até mesmo isso é necessário para mais tarde. É um risco ir assim lento, preso ao chão, mas não vejo alternativa.

Pego um quinto saco, penso e escolho o que quero, lembro cada detalhe dos esquemas armazenados na memória e cuspo quimicamente a informação. Minha saliva toca o saco que lentamente se abre e seu conteúdo escorre pela minha pele. Ela queima, mas logo a sensação de dor vai embora.

Não tenho mais braço. Em seu lugar, uma arma. Sua bateria é meu corpo, seu gatilho é minha vontade. Pego outro saco e faço o mesmo procedimento, mas o deixo derramar sobre minha cabeça. A dor é quase incapacitante, mas agora percebo, com mais facilidade, tudo ao meu redor. As antenas são frágeis, e não são apenas antenas. Pequenas barbas roçam uma nas outras, gerando ondas que as hastes mais longas detectam. Pronto então, eu corro.

Corro até meus vinte e dois anos. É quando chego ao perímetro da base inimiga. Eles têm cercas eletrificadas, animais guardando o perímetro interno, mais muros, luzes, armas automáticas e soldados. Se eu pudesse voar... Mas não posso. Nem posso desejar nada disso agora, preciso me concentrar, perceber seus padrões, cumprir meu objetivo.

A cerca não representa nenhuma dificuldade. Os animais, porém, são rápidos. Eu esguicho o excremento próximo a eles. O cheiro é tão forte, o ácido tão irritante, que eles se retraem e correm de volta para seus donos.

Os humanos. As luzes chegam um segundo depois que me movo. Disparo contra os holofotes enquanto corro em direção à base. Quebro um, dois, logo está tudo escuro novamente. Isso não será o suficiente, eu sei. Logo ouço as armas deles. Projéteis de metal que extraem de meu mundo. Passam próximo, mas não me atingem. Chego a uma das paredes do complexo. Os sacos que se formaram em várias partes de meu corpo, cheios do corrosivo excremento, jogo contra o prédio com duas sacudidas de meu tronco. As bolsas se grudam e se dissolvem, logo abrindo um buraco fumarento na parede.

Os segundos que espero são preciosos, sinto alguns projéteis baterem com força nas minhas costas. A carapaça me protege, mas me preocupo com as asas. Mergulho para dentro do prédio assim que o buraco na parede fica grande o suficiente. E aqui dependo de instintos e olfato. Não tenho o mapa da base humana. Escuto seus gritos. Mas tento isolar o sinal sonoro de meu alvo, outro motivo para ter as antenas.

Sinto, não pelas antenas, mas pelos pelos nas solas dos pés, uma vibração. Com vinte e cinco anos, continuo a correr. Dois humanos surgem no caminho.

Disparo contra eles. Um é atingido e cai no chão. O outro atira, atingindo o escudo no meu braço, que se parte. Recebo o metal com dor, mas não paro. Disparo contra ele, que cai. Eles são enormes. Passo pelos dois e busco, entre a dor e tontura, sentir a vibração.

Paro num canto escuro e pego uma das bolsas nas minhas costas. Concentro-me, cuspo, aplico sobre os ferimentos. O projétil quase arrancou meu braço. O líquido se esparrama e transforma meu braço em outra coisa. Uma broca.

Perfuro o chão e me espremo na passagem que dá para uma área de manutenção entre os andares. Esfrego as mãos e nelas surgem pequenos ferrões. Me arrasto pelas paredes. Mas não sinto bem a vibração. Parece vir de todo lugar. Apoiado com os pés e uma das mãos, a esquerda, que ficou num ângulo estranho com o braço modificado, pego, então, com a mão direita, outro saco. Cuspo, cubro meu peito e espero.

O mundo se refaz em odores. Poderosos e sutis, nenhum me cega ou escapa, e volto a sentir meu objetivo. Estou próximo. Deixo-me cair sobre o teto do andar, e, rápido, percorro até próximo ao canto da parede. Faço um pequeno buraco e deixo passar as antenas. Não há ninguém.

Abro um buraco no teto e desço pela parede. O cheiro é forte. Tenho sorte. Antes dos trinta, abro a porta e vejo o zangão. Enorme, ele se debate. Os humanos o prenderam como um animal. Não distante da verdade, o zangão corresponde aos captores com fúria, enlouquecido de um desejo que não pode satisfazer. Mas ele esconde segredos. Como nós fomos também humanos, por exemplo.

Aproximo-me da jaula e pego um terceiro saco. Cuspo e jogo na direção do zangão. Não preciso sequer acertá-lo. Saio do local correndo. Sabendo e percebendo pelas antenas como o líquido vai devorando tudo e formando mais de si... salto para as paredes e tetos, furando com a broca e saltando.

Não vejo os humanos. Devem estar tentando fugir do prédio que estalou alto e agora começa a ruir. Nada resta do zangão, da sala onde estavam e de tudo num raio de quinze metros. O líquido que devora e se multiplica, agora deve estar inerte e evaporando-se, mas fez um ótimo serviço.

Quando finalmente chego ao teto do prédio, ele está inclinado. Pego o último saco e o como, utilizando-o apenas como nutriente. Alimento necessá-

18

Você é o que Você Consome

Sábado.

1 quilo de açúcar
1 quilo de feijão.
1 quilo de arroz.
1 quilo de alcatra.
Cominho.
2 tomates.
2 pacotes de macarrão.
2 extratos de tomate.
2 pimentões verdes.
Lâmina de barbear.
Acetona.
Velas.

Domingo.

Lasanha.
Refrigerante.
Vodca.
Suco de laranja.
Iogurte.
Lenços de papel.

Cigarros.
Isqueiro.

Segunda.

1 quilo de carne moída.
Bandeja de ovos.
400 g de queijo prato.
Extrato de tomate.
Sal.
Feijão, arroz. Pro inferno.
Mais cigarros.

Terça.

Corda de varal.
Faca.
Luvas de borracha.
Talco.
Álcool.
Acetona.
Gaze.

Quarta.

Água sanitária.
Desentupidor de vaso.
Água oxigenada.
Cutelo.

Cigarros.

Quinta.

Cigarros.

Vodca.

Lasanha.

Sorvete.

Bom ar.

O som da boate era sentido na pele. A batida forte, impessoal. Ele para de dançar e olha em volta. É um mar de mulheres. Ele sorri, nota olhares. Uma ruiva se aproxima. Ele sempre gostou de ruivas. Mesmo das falsas. “O que conta é a intenção”, ele se dizia.

E ele esbarra nela.

Ela está de costas. Ele sente um arrepio quando a toca, fazendo-a virar-se para fixar seu olhar nela. Na espessa cabeleira negra que se mexe como finas serpentes. A ruiva o olha. Ele olha a ruiva e se volta para a cabeleira. A ruiva vai.

Ele toca novamente no braço dela, e, mesmo sem o arrepio de eletricidade estática, ela se vira e o prende. Um olhar de pôr de joelhos príncipes e reis. Um olhar vazio de profunda fome que lhe bebe a alma.

Ora, logo ele, ignorante de poesia, é agora tão rapidamente capturado em metáforas. “Quem é essa mulher?” A pergunta sai em voz alta e só então percebe o erro.

Ela sorri.

– Pam...

– Pâmela?

– Pandora.

Ela sorri novamente. Ele já ouviu o nome, mas não lembra onde.

A música insiste. Ele a puxa, dançam apertados no mar de gente.

– Eu sou Marcelo.

Ela apenas sorri. Ele, quando consegue deixar de olhar seu rosto, tenta capturar com os olhos o seu corpo. Ela corresponde. O puxa pra junto. Beijam-se.

Atravessam a tempestade de som, as ondas de carne e chegam na saída.

Ambos, famintos um pelo outro, lutam para chegar ao carro dele. Mas não chegam.

Na escuridão de uma praça, o sexo é contido e bruto, silencioso e quente. Do carro, vão a um motel e lá passam o resto da noite, sem trégua aos corpos de ambos, que parecem querer fundir-se. E dormem.

Ele acorda só. Pandora foi enquanto dormia. Mas, dessa vez, nem por um segundo, considera isso uma benção. A ausência do pós-coito, coisa que sempre desejou, dessa vez lhe é vazia e insatisfatória. Ele a queria e a queria mais. Masturba-se pensando nela, sentindo seu cheiro no lençol. A sensação é vazia e triste.

O dia é vazio e triste.

A noite seguinte.

As noites seguintes.

A semana.

As semanas.

Há outras mulheres. Ele não deixa de agir como sempre fizera. Há outras boates, bares. Outras morenas. E não há nada.

Todas o deixam triste e vazio.

E ela lhe chega à noite, todas as noites, quando dorme.

Esvazia-o durante o sono, quando ele mete sua cabeça por entre suas pernas, quando abre os lábios com a língua, quando a escuta gozar.

Em sonhos.

Sua engenharia falha, os projetos vão sem prumo.

Os amigos notam, mas ele sorri. Sabe que o invejam. O dinheiro, a beleza, o talento.

Não vai dar o prazer de acharem, finalmente, uma falha em sua armadura.

E ele segue oco.

Quando a vê, é em um supermercado. Colocando as compras na mala de um táxi.

Tremia como um adolescente, enquanto se aproximava dela.

Ela se vira para ele. Sorri.

Suspira aliviado. Sorri também. Oferece seu carro. Ela sorri e aceita.

No caminho, anda próximo a ela. Arranja desculpas para tocá-la. Sorri.

Ela o ignora até o carro, mas havia percebido sua ereção e o toca por cima da calça, enquanto, friamente, lhe dá as coordenadas para sua casa.

Quando saem do carro, assim que atravessam o portão e o fecham, fazem sexo novamente, dentro e sobre o carro. Ele não consegue conter-se de desejo e, aparentemente, ela também não. Mas ela o conduz até o quarto e, horas depois, dormem.

Porém, ele novamente acorda só, já durante a tarde.

Lê um bilhete na mesa de cabeceira ao lado da cama.

“Meu mar, tive de ir. Volto com a noite. Sua Lúcia.”

A caligrafia era elegante, escrita em nanquim.

“Lúcia?”, ele pensa. Percebe que ela mentiu, mas não liga.

Liga para o escritório, diz que não vai hoje. Vai ao banheiro e começa a tentar desvendá-la pelos seus objetos. O cheiro de seu sabonete, a marca de seu perfume.

Acha um quarto pequeno com uma prancheta e vê o desenho em nanquim, desenho que não entende.

Não há televisão.

Ela tem poucos livros. A maior parte em francês.

Espera, contando as horas, deitado.

Ele não escuta quando ela chega. Mas é noite.

Sente sua mão sobre seu ombro, se vira e a beija. Apaixonadamente, fazem sexo atravessando a noite.

Só ao acordar no dia seguinte, percebe sua fome.

Não há bilhete nesse dia, apenas ausência.

Assalta, sem pena, a geladeira. Não há muito, mas há coisas de que gosta, inclusive bebida.

Come e bebe e deita-se. E ela chega.

Acorda-o com a cabeça entre suas pernas. E, novamente, entregam-se à noite.

“Novamente tive de ir. Me espere. Há comida e bebida, sintase em casa. Sua Lúcia.”

Ele ama sua caligrafia. Come, bebe.

Pensa em ligar para o escritório, mas seu celular descarregou. Vê seu carro, olhas as chaves, mas decide ficar.

Ela o visita com as estrelas. O devora e o sacia.

E no quarto dia, ele ouve a razão, mas a vontade acaba, quase no carro, e volta para a casa.

“Afinal, quem é ela?”, se pergunta. E come e bebe e aguarda. Dessa vez, olhando para a porta do quarto.

Não deixa de sentir um calafrio quando ela surge por trás de si.

Um calafrio de medo e excitação. Pois ela não deixou de ter poder sobre ele.

– Lúcia, pare.

– Não.

Sua resposta é seguida de gesto que é seguido de perder-se.

Ele luta para manter-se acordado, mas dorme.

E acorda só. Pensa em ir embora, mas lembra dos dias em que ficou sem ela.

Dos momentos de miséria completa, do buraco que ela preenche e que ele nunca havia notado antes do primeiro abandono.

Não pode deixá-la. Não quer.

Desesperado, chorando, ele a aguarda.

Ela aparece já dentro da casa. Ele não a ouviu entrar.

Fazem sexo na sala. Ele a segue até o quarto. Quer confrontá-la, mas se perde na sua carne, nos seus sabores.

No dia seguinte, a frustração dá lugar à raiva. E a espera com uma faca.

Percebeu que, enquanto ela existir, ele será escravo e não suporta mais.

Ela vem das sombras do quarto enquanto ele olha o desenho.

A figura é familiar, mas não reconhece bem por conta do ângulo. A imagem é estranha. É um corpo caído.

Sobressaltado, ele gira o braço com faca na mão, em um grande arco.

Ela grita e corre.

Seu arrependimento é tão lacerante quanto o som que ela produz.

E ambos lhe rasgam a alma.
Larga a faca no chão, sem olhar para a lâmina.
Ela o espera na cama. De joelhos.
Chorando, estende os braços abertos.
Ele vai.
E acorda só.
Come algo. Olha o desenho e vai ao banheiro.
Liga o chuveiro.
Leva a faca até o pescoço e corta.
Cai no chão, se debatendo, sem controle de si.
E morre, numa posição estranha.
Imitando o retrato.

O mar me abraça. Engulo água, sal e até sargaço. Cambaleando, me levanto na praia. Areia fria e úmida. Como o cadáver de um marinheiro. E não há nada. A noite é clara, com a lua que cobre o céu e não vejo nada. Cansado, desajeitado, vou, aos poucos, galgando a areia com pernas e mãos para, atravessando a duna, ver o além da noite.

E ainda não há nada.

Espere.

Há algo.

O prédio está longe, mas está. Há luz nele. Há?

Vou até o prédio, sem pressa. Não há pressa em minhas pernas mortas. Meus braços exaustos.

A estação não fica tão longe. Mas é como se fosse. Não há ninguém. Não há também veículos. A despeito do tamanho, não há guardas, não há nada. Olho e ando estranhando o vazio. Porque não há ninguém? O relógio marca duas da manhã. Talvez seja isso.

– Olá! Alguém aí?

O grito desaparece, engolido nas entranhas do prédio.

Surge, então, um eco, uma oca resposta.

Espero, sentado em um dos bancos vazios.

As luzes na estação me deixam mais cansado.

Suas várias cores, em alguns momentos, seu piscar.
E preciso ver gente. Conversar. Saber que estou, de fato, vivo.
Procuro uma estrada que saia de lá e vou para a frente do prédio comprido.

A noite, como o mar, também me abraça.
Está frio.

Larguei as roupas no mar, quando o navio, em um último esgar de dor e metal que se arrebenta, partiu-se, partindo.

Nadei para longe, evitando ser sugado.

Não ouvi gritos.

Náufragos gritam? Talvez.

Eu não gritei.

Agora, ouço um grito.

Ou uma risada? Não sei.

Talvez o vento.

A estrada é cheia de curvas, cheia de areia.

Sinuosa como a mente que se enche de imagens de pesadelo.

Os postes iluminam mal. As sombras se agigantam.

É um pássaro?

A risada vai e volta.

Admito para mim mesmo o medo. Medo óbvio depois do arrepio que senti.

E volto, correndo, mancando, quase rastejando, para a estação.

As sombras aqui não são mais hospitaleiras.

Entre as várias luzes, muitas sombras.

Por entre elas, vejo os sorrisos.

A satisfação do cruzeiro.

O amor correspondido.

A felicidade encontrada.

E, num espelho, meu ódio.

Afasto meu rosto e vejo o salão do barco.

Horas antes, antes do fogo. Noto sua mão, sem o anel.

Vejo os olhares, sinto meu ciúme, penso escarlate.

Estou de novo na estação. E minha imagem é outra.

O suor pinga do meu rosto salgado.

A gota cai no resto do meu corpo encharcado.

Tão frio. Olho as lojas e me pergunto se logo abrirão.

Mas não há ninguém. A estação continua vazia, habitada apenas pelos meus fantasmas.

Ladrões, todos eles. E ela.

Procuro ignorar o mar que ouço, forte, estúpido em sua fúria, ciumento da terra, que afoga as cinzas do incêndio, que cobre com toneladas de água o meu crime.

O relógio ainda diz que são duas da manhã.

Eu olho pra loja e vejo roupas. Procurro, então, algo para quebrar o vidro.

Tanta coisa e comida. E ninguém guarda o lugar. É tão estranho.

E, lá fora, ouço a risada novamente.

São pássaros. Um ganso, talvez? Corvos? Há corvos por aqui?

Não há nada que possa usar.

Vou para fora de novo. O vento corta, o frio anula.

E vejo pedras. E algo sobre elas. Não sei o que é.

Vejo olhos negros, dentes.

Entro assustado na estação.

O lugar é todo aberto. O que era aquilo? Um pássaro? Um cão? Um homem?

Não sei. Meu coração também não, mas bate, bate como um tambor forte, violento contra as paredes de meu peito, criminoso.

E ouço a risada.

Tenho certeza. É uma risada.

E acho que sei de quem é. É dela. A risada dela.

Eu quero gritar, mas eu paro. Não pode ser ela.

Ela está morta, todos estão. Calma.

Diabos de maldita estação sem ninguém.

Ouçó passos. Olho assustado para os lados. Não há ninguém.

Sombras. Ouço passos das sombras.
Que purgatório é esse?
As sombras parecem agora entrar na estação. Sentar-se. Beber café.
Ignoram-me. Cumprem seus afazeres. Coisas de sombras.
Eu tento tocar uma delas, mas é inútil.
No espelho, meus olhos são loucos.

De culpa, medo.

Eu corro, corro para fora da estação. Pela estrada.
Penso nas pessoas que morreram no navio.
No fogo que levou minha esposa e sócios.
Na traição de que suspeito.
Só suspeito.
E no fogo que ateio.
E no beijo de Beatriz.
(beijos?)
O toque frio de seus lábios.
Que sinto agora.
(do ônibus)
Que ia para a estação.

21

Alice

O sol desfilava em encantadora veste de luz.

No chão, Alice tratava o solo com desprezo. A enxada abria espaço para a horta, não uma plantação, mas um canteiro.

Ela suava. Seu braços agiam como extensão da ferramenta. Duros, escuros, sedentos, finos. Como os fiapos de carne que devorava na janta rala.

A menina dormia na escuridão. Chorando entre lençóis velhos, perfumados de raiz e folhas do sertão.

Ouvia a mãe respirando.

Com o ar, parece entrar uma floresta de espinhos longos, soltos, então, em gemidos intensos.

E seu choro crescia e afogava o mundo em sonhos.

O galo acordava Alice, num canto que sempre lhe parecia o último.

A menina pegava na enxada e brincava com o galo, fazendo que o ia acertar.

O pássaro velho, descolorido, pulava e batia suas cinzas asas, da cor de um dos olhos que na velhice se perdeu.

Mas parecia feliz, assim como a menina, que não ouvira ainda seu último canto de despertar.

A mulher coloca a comida da velha.

Raízes, pequenos frutos, aveia que comprou na vila, leite que ganhou do vizinho que a enxerga como vaca.

A menina come com a mãe. O olhar preocupado se despeja em gestos de cuidado, ajudando a pele esticada a achar a boca desdentada.

Carrega para o quarto o cansado saco de ossos.

Despeja o volume no estrado e olha a estrada seca.

Sussurra no ouvido peludo e vai.

Na venda, a mulher atrai olhares.

A carne não se esconde na sujeira do rosto e do vestido.

A mulher do dono da venda a olha com desprezo. Sabe ela, desde menina, que fora ontem e amanhã será.

E seu marido imita cão em beira de feira.

Pergunta-lhe das flores, da mãe, puxa o livro quase desfiado, de fiados, que são tantos.

A mulher escolhe sem pressa, em seu corpo de menina, com olhos emprestados pela velha.

Pega comida, uma boneca, absorventes, sabonete, uma panela... olha para o sutiã e, sem jeito, o mede por fora do vestido e o inclui na compra.

O homem anota sem pressa, mas sabe o olhar da esposa nas costas e não pia nem murmura.

Dessa vez.

Alice caminha em longas pernas, que, diminutas, chegam à casa sem jardim.

Olha a enxada e o canteiro. Olha o galo. Olha a porta e vai ver a mãe.

O corpo morto se mexe com o balanço.

Dura, a velha abre os olhos e sorri.

A menina acaricia as rachaduras que imitam a terra sob o sol.

Sorri, faz comida, fala da vila.

O silêncio lhe responde com olhares e voracidade.

Só abre a boca para comer e depois pergunta:

– O canteiro?

– Já?

– Por favor.
A menina olha triste para a mãe idosa.
Seu mundo era casa, era jardim.
Mas não era música. Era sol e chão.
E foi pegar a enxada.

O galo chamava a menina todo dia, que acordava, brincava e preparava o canteiro, que ficava fundo e sulcado e comprido, todo dia mais.

O vizinho olhava as pernas da mulher que labutava a terra e, como quem não quisesse nada, ele levava presentes.

Ausentes eram respostas que o mimassem.
Mas ele vira a mãe e sabia bem a dor da solidão. Esperaria.
E os dias iam, e o canteiro parecia se despir para a abraçar.

Ainda molhado era o lençol daquele dia, quando o galo, rouco, cantou uma última vez.

Serviu para a mãe no almoço e levou a velha para passear.

Deitou no canteiro e não levantou mais.

A velha chorou e esperou.

Chegando a noite, a menina enterrou bem a mãe para que animais não lhe devorassem a carne.

Deitou cansada, saudosa do galo.

A menina acordou feliz.

Foi para o canteiro, e viu, devagar, a mãe nascendo.

Não mais que uma muda, que se tornaria um dia, mulher.

Sem pensar duas vezes, deu nome a flor: Alice.

E saiu para a vila.

Precisava de um novo galo.

Elas sobem devagar. Aterrorizadas.

Escalam, jogando o corpo para um lado e depois para o outro, de forma desajeitada.

É um milagre que tenham conseguido subir tanto.

A parede, lisa, não tem pontos de apoio.

Não tenho pena delas.

Talvez as mate.

Não sei, porém, se consigo.

São, afinal, minhas únicas amigas.

Elas. E os livros.

Destes, tenho menos pena.

Pouco me resta deles, que não suporte, para a poeira humana.

E alimento para minhas amigas.

Não consigo parar de olhar para elas.

Subindo. Carregando seus casulos.

Mesmo enxergando mal, assim, na penumbra, mesmo com a chama parada.

Olho para a parede de livros.

Será que pode aguentar a força do desespero?

Estarei eu tão aterrorizado quanto as traças?

Acho que sim, para ambas as perguntas. Para tantas traças. Sim.

Sempre fui franzino.

E ninguém irá estranhar. Não até o próximo mês ou o outro.

Ninguém me conhece de verdade.

E os que poderiam se preocupar com minha ausência, por ora, estão pagos.

Quantos meses até iniciarem a caçada?

Em quanto tempo viriam, então, aqui, no meu *sanctum*, derrubando portas e paredes?

Com que espanto irão perceber que conjurei, do saber, minha mais forte muralha?

Um único e último encanto.

Também se espantariam com o modo como fiz uma cripta, erigida com paredes de livros, de onde o cimento ainda pinga por Avalovara e deixa úmida e fofa Carrie.

Olho para meu maior tesouro com tristeza.

Amigos silenciosos que irão, para sempre, me calar.

Estaria Poe rindo ao tornar-me um gato preto?

Nunca poderia saber. Nem se vivo fosse.

Afinal, sempre que pude, dispensei a companhia humana.

Ela pouco me fez bem durante todos esses anos.

Acendo mais uma vela. Talvez morra, antes da falta de ar, de puro e simples tédio.

Mas é essa, de fato, minha *causa mortis*, não?

Tédio.

Do alto de meus dezessete anos, já percebo o quão a humanidade é baixa.

Não me surpreendeu a lenta degradação do casamento de meus pais e a ignorância de meus pares.

Enfim, é um ciclo de postiços prazeres que fazem com que o ser humano não prenda o ar de vez após inspirar e enxergar o mundo como tal.

Mórbido? Niilista?

Realista. Desligue sua televisão por um mês. Assim que ligar novamente, será como se o tempo não tivesse passado.

Olhar para as traças é mais interessante que o fatigante caminho sem sentido que percorre a humanidade.

Fazer de meu quarto uma tumba é o mais perfeito ponto final para uma vida escrita sem sentido, pois o pó seria o único real legado.

Agora é esperar nas sombras.

Meu celular toca.

Meu celular TOCA???

É... É Júlia! JÚLIA?

Devo atender? Não, não...

Ela é insistente...

– Alô?

– Oi, Victor!

– Oi... Júlia. Tudo bem?

– Tudo sim, tudo ótimo! Olha, não sei se alguém te chamou, mas o pessoal vai fazer uma festa de despedida aqui em casa!

– ...É?

– É! Você vem? Vai ser no sábado.

– Eu?

– É, Victor Hugo! Você!

Ela ri.

– Mas é que...

– Olha, sei que a gente não conversou muito, por isso mesmo estou te chamando. Amei as aulas que você me deu. Sério.

– Foi?

– Foi, Victor, valeu mesmo! Bem, você sabe...

O celular desligou. Descarregou.

Sei? Sei o quê?

Sei que desliguei a chave geral e não sei o que ela acha que sei.

Júlia.

Ela me chamou para uma festa e vou estar aqui, morto.

Não. Não vou. Onde estou com a cabeça?

Maldita enciclopédia!

E esses livros de George Martin?

Não! Ceda! Ceda!

Parede, ceda!

Estou exausto.

Na minha cripta.

Cavando, sem ajuda de minhas amigas, por entre meus amigos, que nunca entenderão quem é para mim Júlia.

Quando Janaína ouve falar do culto, ela acha estranho. Não há nada na tevê ou jornais. Mas todos sabem dele. Todos falam em sussurros, nas sombras, através de sinais. É um mundo secreto que se abre, uma comunicação mágica. Porém, ela sabe, o culto é real. E aberto a todos.

E ninguém que ela conheça pertence a ele. O culto é secreto como o céu e igualmente distante. Mas é claro: esse culto, falam as vozes dos mudos, cura as pessoas.

Janaína certamente busca uma cura. Não, ela não sofre de nenhuma doença terminal. Exceto a vida. Janaína trabalha, cria seus dois filhos (seu marido, sim, teve uma doença terminalíssima), sai com amigas, faz curso de línguas e tenta, da melhor maneira possível, viver bem. Mas em silêncio, ela sofre.

Ela não procura uma solução para seus problemas. Ela batalhou e venceu os que surgiram, um a um. Independente, competente, inteligente, insistente, todos os outros bons tentes, que se pode tentar e conseguir, ela conquistou. Mas não consegue ser feliz. Nem as tarjas, de que cor forem, nem a análise, nem a igreja, nem o sexo, nem o amor dos pais, nem dos filhos. Ela não consegue ser feliz.

E ela tenta. Busca sempre conquistar esse demônio. As pessoas lhe parecem felizes, e ela busca essa aparência, mas sente, no seu íntimo, a pequena Janaína afogar-se em lágrimas.

Os rumores, com o tempo, tornaram-se relatos. Pessoas que falaram com o “Mestre” se tornavam mais próximas de Janaína. O “amigo, do primo, do amigo do irmão” tornou-se o “meu amigo”. Ela, então, tomou coragem, nada difícil, sempre fora um de seus talentos. E procurou um amigo, primo, namorada. Eles preferiam não falar a respeito. “Mas o culto, lhe fez bem? Ele realmente resolve isso, o vazio?”, eles não respondiam com palavras, numa atitude que para Janaína era cercada de religioso mistério, apenas sinalizavam positivamente com a cabeça.

Um dia, no elevador, um homem estranho entrou e olhou fixamente para ela. Seu olhar a incomodava, mas o ignorou, afinal, era um elevador, não um local distante e abandonado, local onde ela certamente teria corrido do homem. Então, outra pessoa entrou: um jovem. Ele olhou para ela, para o homem, e, assim, que a porta se fechou, disse: “eu sei que vocês devem estar se perguntando por que os trouxe até aqui”. Em seguida, entregou a mim e ao homem pedaços de papel dobrados. E saiu assim que a porta abriu.

Janaína, ainda sem entender, desdobrou o papel. Havia nele, parte de um mapa. Ela reconheceu uma rua. E o homem estranho lhe tomou o papel da mão e disparou pelo corredor do prédio onde trabalhava. Ela o viu juntando os pedaços de papel, tropeçando num vaso de plantas e caindo. Sem tentar espantar-se com sua atitude, saiu do elevador, pegou os pedaços de papel e voltou para continuar a viagem para o alto.

O culto, ela agora sabia, ficava na rua atrás da sua. Como ela sabia que era o mapa do culto? Estava escrito no papel, na parte que ficou inicialmente com o estranho. Havia um horário e data. Dezenove horas. Naquela noite.

Ela deixou os meninos na casa da avó. Vestiu-se de forma distinta, mas tão humilde quanto pôde. E saiu de casa. Quando ela voltou, Janaína não era mais

a mesma. Mas como saber disso? Como saber que nunca retornaria? Sua casa não era rio.

E sem saber, ela foi na casa. Era uma casa verde. Na entrada, um menino brincava com um cachorro. Ela olhou para o endereço no papel. O cachorro olhou sério para ela. Mas foi o menino que falou: “é aqui mesmo”.

Ela entrou. A sala não tinha nada. Pessoas ficavam nas portas que davam para o interior da casa. Um deles sorria. O outro estava sério. Ela não imaginou que não queria algo na cozinha, então foi até o homem sorridente. Ele lhe disse “não”, balançando a cabeça e com o sorriso congelado, apontou a cozinha.

A cozinha tinha uma mesa enorme. Era espaçosa. O homem sério puxou uma cadeira para ela. Então ele lhe ofereceu um sanduíche, que ela, sem jeito e achando tudo muito estranho (pois, afinal de contas, ela é uma pessoa normal), cheirou e mordeu. Era bom.

Logo, surgiu o “Mestre”. Esta palavra estava bordada em sua camisa, não havia como achar que era outro. Ele sentou no lado oposto da mesa, estendeu os braços, com as mãos abertas. Ela entendeu a deixa e segurou suas mãos.

- Qual o seu problema?
- Olha, eu não acredito muito nessas coisas.
- Qual o seu problema?
- É sério? Não trocamos duas palavras e você me pergunta isso?
- Qual o seu problema?
- M...
- Não, não precisa dizer. Eu sei.
- “Esse cara só pode estar de brincadeira”, ela pensou.
- Não estou brincando.
- “???” , ela pensou.
- Você não consegue ser feliz.
- “!!!”, ela pensou.
- E sei o porquê.

– Sabe?

– Sei.

– E vai “me curar”?

– Não posso.

– Pelo menos é sincero...

– Você não precisa de cura.

– Como?

– Você não precisa de cura.

– Eu escutei da primeira vez. Mas não é você que sofre, que é infeliz, que não sabe o que será de sua vida, que tem dois filhos para criar e não vê sentido na vida.

– Não. Essa é você.

– ...

– Você não precisa de cura.

– Olha, obrigada, vou indo... Quer largar minhas mãos?

– É você que está segurando as minhas.

Era mesmo. Ela o solta.

– Não há nada de errado com você, Carolina.

– Janaína.

– Não há nada de errado com você, Janaína.

– Isso é uma péssima piada.

– Sim, é. Mas não há nada de errado, nem com você, nem com ninguém.

O mundo é que nos faz crer que devemos, que precisamos ser felizes. É um engodo, Janaína. É uma ideia falsa que nos foi vendida, junto com os produtos que, prometem, irão nos tornar felizes.

– Bem, obrigado pelo discurso de autoajuda, mas vou indo.

– Mas vai voltar.

– Hã? Você não pode estar falando sério. Aliás, não sei sequer por que alguém fala desse culto, vocês são ridíc...

Ele coloca um dedo sobre seus lábios. Levanta-se e começa a andar.

– Você é, de fato, feliz, só que o mundo a faz pensar que não é, e você busca tanto por algo que já achou que se torna triste.

E ele a puxa para si e a abraça.

Ele a abraçou e foi embora.

Sem nada mais e sem vontade de buscar o que já tinha sem saber, Janaína se levanta e sai da casa.

Chega em casa, olha para os filhos e sorri.

Só então, ela percebe.

Ele levou embora sua felicidade.

Agora, ela pode ir atrás, de fato, daquilo que já tinha.

Um dia de cada vez.

Contente.

- Oi. Posso entrar?
- Claro, entra aí. Estou cozinhando.
- Cozinhando? Você tem fogão?
- Não, estou “cozinhando” no sentido mais amplo do termo.
- Eu quero ver isso... Aliás, quero não. Sério, Raul? Batatas fritas com ketchup, maionese e mostarda? E que batatas são essas?
- Um primo trouxe da França. Elas se fazem dentro do potinho, não me pergunte como. Mas são deliciosas. Você quer?
- Não, não, obrigada.
- Então, o que você veio fazer na minha humilde quitinete?
- Posso mesmo falar?
- Bem, eu perguntei, não?
- Mas é que vocês têm essa coisa de ética e tal...
- Você quer o quê? Que eu te trate como psicólogo?
- Mais ou menos...
- Então mais ou menos vou te dizer que não trabalho com isso, acho que noventa por cento deles são charlatões e você pode me dizer que diabos vêm a sua cabeça.
- Está bem. Bem, Raul, eu tenho tido esses sonhos...
- Sim?
- Nesses sonhos... Como posso dizer...
- Vamos, Carla, desembucha!

– Eu estou em um avião, meu ex está nele, nos fazemos sexo no banheiro do avião, então ele diz que vai dormir, vai pra parte VIP do avião e eu fico na parte econômica. Então, eu vou na parte VIP e não tem cadeiras. Ele está lá, deitado em uns pufes de seda... e o local está cheio de gatos, gatas, sei lá, tô falando do bicho mesmo. Aí eu olho ele, começo a chorar, sento na minha cadeira, espero o avião aterrissar e acordo...

– Bem, é simples.

– É?

– Sim, claro. Mulheres são os animais perfeitos para se fazer sexo, mas os gatos são a melhor companhia para os homens. Calígula não me deixa mentir. Aliás, você viu ele por aí?

– Raul, você é incorrigível. Pode me lembrar por que diabos eu ainda sou sua amiga?

– Por que, quando você quer, fazemos sexo sem compromisso?

– Ridículo.

– É, eu sei, ainda não fizemos sexo. Nunca é tarde, Carla, nunca é tarde.

– Bem, mas é sério, você tem alguma ideia?

– Não, nenhuma. Sou seu amigo, não sou seu terapeuta. Talvez, após uns 15 anos, depois de me contar toda sua vida, inclusive de trás para frente, quem sabe, houvesse alguma solução. Mas duvido.

– Que droga.

– Tentou mudar o sonho?

– Como assim?

– Sei lá, não fazer sexo no banheiro do avião, mandar os gatos embora, etc.

– Não, não tentei... Você acha que isso pode ajudar?

– Bem, atrapalhar não vai, certo? É só um sonho. Nada do que você faz nele vai afetar em nada sua vida, exceto, talvez, o que já vem sendo afetado.

– Está bem. Olha, você não quer um jantar decente?

– Não, não. Estou feliz aqui. Só preciso ver onde Calígula se meteu.

– Bem, eu vou indo então. Obrigada, tá?

– De nada. Não te ajudei mesmo.

Ele sorri, beija-a na face e fecha a porta.

“Onde diabos está esse gato?”, ele pensa, já cogitando em olhar dentro da geladeira.

A campanha toca de novo.

Ele abre a porta, vê Carla, sorri, percebe que ela está com uma roupa diferente e vê Calígula, morto, segurado pelo pescoço. A mistura de sentimentos gera o que as pessoas chamam de “choque”, popularmente chamado de “ele entrou em parafuso”.

Enquanto ele conclui que não se pode concluir muita coisa, ela bate no rosto dele com a arma e ele cai para trás, para dentro do apartamento.

– Você é um filho da puta, não?

– Carla, porra, você me bateu?

– Bati, seu idiota e aqui está a bosta do seu gato!

Calígula estala no chão.

– SUA CAD...

– Menos macho quando tem uma arma apontada na cara, né, Raul? Você não vale nada. E pensar que eu passei ANOS apaixonada por você. Que passei MESES sendo usada como um trapo velho. Seu grande filho de uma puta.

– Carla, do que diabos você está falando? Sempre fomos amigos e só...

– A Carla desse mundo, né?

– Hã?

– Sim, seu idiota, eu não “vim” “daqui”.

– Isso é alguma piada, alguma brincadeira de mau gosto?

– Não, Raul. Não é. Sabe, eu vim de um lugar em que as pessoas descobriram sobre como pular para outras realidades. Os cientistas usavam isso e depois a indústria de entretenimento passou a usar também. Eu uso muito. Já matei...hummm...doze Rauls.

– Isso é estúpido. O que impede as pessoas irem dessas outras realidades para matarem vocês também?

– Essa é a graça da coisa. Essas outras realidades são apenas sombras da nossa. São unidirecionalmente dependentes, há uma espécie de hierarquia quântica, Raul. Nós só podemos afetar as realidades que são nossas sombras e assim por diante. O que acontece aqui não nos afeta.

– Como em um sonho... nada do que você faz nele vai afetar em nada sua vida, exceto, talvez, o que já vem sendo afetado...

– Isso. E matar você, Raul, me afeta lindamente.

– Isso é ridículo, Carla. Você não tem remorso? As pessoas podem fazer isso à vontade, não há leis contra isso?

– É sério isso? Que leis? Vocês são sombras, Raul, nada mais. E remorso? Por matar algo que para mim não passa de um personagem indistinto de filmes, jogos, ou qualquer coisa assim?

– Mas eu sou real! Eu sou real no seu mundo!

– Sim, mas você é só uma sombra, Raul. Talvez por isso eu nunca vá me satisfazer plenamente, mas já é alguma coisa.

– Não aponta essa arma para mim, Carla. Isso é estúpido, não resolve nada. Lembre, eu sou psicólogo!

– Adeus, Raul.

– Não, Carla, não... Já ouvi falar em terminar histórias com um banguê, mas isso?

BANGUE.

Ele cruza o pedaço de terra entre o carro e a biblioteca e entra. Não há nada, no prédio negro e escuro, que lembre a grama molhada que o circunda. A torre baixa, salpicada de musgo vermelho, se abre e o engole, e seu interior, vermelho vivo, parece as entranhas de um verme que desponta do chão.

A escuridão cede diante da pequena joia que carrega consigo. Um presente do pai, artesão do Mormarat de Velliah.

O lugar está vazio, exceto pelos oitotuins. Tiltos levanta os braços e pega um. Ele é gordo e verde, com seda ainda escapando de seu abdômen. Sua pele é macia e guincha rouco, mas não representa ameaça nenhuma.

Tiltos coloca a criatura no chão que corre rápido para uma das paredes. O jovem segue pelos corredores largos, ornamentados com dizeres dos antigos cantores. Ele pensa na arte e se envergonha. Seu pai queria que ele fosse um dos maestros. Tiltos, interessado na aventura, viciado nas histórias de viagens, decidiu por outro caminho e abandonou Tiara. Suas aventuras estavam lá, esperando-o, mais também toda a sorte de dificuldades. Só soube de sua família mais tarde, da morte de seu irmão, da doença de seus pais, dos negócios que haviam sido engolidos por rivais mais atentos e duros.

E onde ele está agora? Pega uma outra joia, essa, herança de seu esforço, de suas desventuras, e a coloca sob a joia do seu pai. Ele sussurra levemente para joia, uma canção doce e curta, e da pedra escapam gases coloridos. Dessa fumaça surge o mapa. Mais alguns metros e ele poderá pegar seu prêmio.

Os corredores não têm sinal de uso, mas animais maiores evitam o local. Ele só compreende melhor as razões quando se aprofunda na torre e sente o local vibrando.

Não é um simples tremor, mas a frequência. Há algo de irritante, talvez até perverso na maneira como o caos se instala nas vibrações. Uma parte sua, irracional, quer correr dali e, só com muito esforço, ele consegue forçar seus pés a continuarem se movendo.

Em uma hora, ele anda dez braças.

E não se atreve a parar. Se parar, ele sabe, irá correr dali.

As horas parecem se esconder nas trevas da torre.

Quando chega na sala que procurava, está exausto, com fome e sede.

Ele olha, nada surpreso, os esqueletos de outros homens. Ele havia sido avisado, se não da armadilha, pelo menos da forma insuspeita com que outros haviam tentando buscar o mesmo prêmio e de como foram, ao longo dos anos, desaparecendo. E assim foi até que o tesouro fosse dado como impossível ou amaldiçoado. Ou ambos.

No entanto, Tiltos era diferente dos outros. Ele havia pesquisado sobre a torre. Ou melhor, seus ancestrais, que a construíram no meio de lugar nenhum para esconder o maior tesouro dos mundos da Tiara.

Então, ele canta.

Os pequenos cristais costurados na sua roupa o fazem levitar. Não é muito. Mas seu corpo não toca mais na torre.

São poucos minutos, mas ele espera que sejam suficientes. Afinal, ele já vê o tesouro a sua frente.

A sala onde entrou parece um funil.

No fundo do pequeno corredor, um brilho reina sobre cadáveres.

É vermelho, como as paredes, mas é raiado de dourado e negro.

É a maior peça de cristal que ele já vira.

Cristal cortado em ângulos estranhos, de uma inquieta perfeição que espi-ralava impossivelmente para o caos.

Dentro, partes douradas se mesclavam ao vermelho e, como se estivesse olhando para um aquário, via mover-se como um peixe uma faixa de sombra em seu interior, ora um líquido, ora fumaça negra.

Seu tesouro é uma chave.

Tiltos abre o saco que carrega às costas e espera que agüente o peso.
O cristal, porém, é leve. Parece feito de ar, como uma bolha de sabão, e tão delicado quanto.

A passagem para o nono mundo.
Excitado, move-se lentamente no ar para a saída.
Tarde demais, percebe o movimento a sua esquerda.
Os oitotuins se desenrolando em seda.
Eles agem em bando, amarrando-o, ele que não se atreve a tocar no chão ou paredes.

Ele pega e joga um deles, que explode ao contato com o chão.
Delicados, porém, numerosos. Enrolam-no com carinho na delicada seda.
Camada por camada de fios, Tiltos vai sendo aprisionado.
Ele grita e esperneia, mas nada mais pode fazer.
Nota agora os corpos de outra maneira.
Acreditava terem morrido de exaustão, fome, sede. Porém, fora a seda.
O tecido delicado fora consumido pelo tempo, mas via ainda alguns fios.
O cristal às suas costas é roubado.
E ele olha, abismado, os oitotuins.
Os pequenos animais, diligentes, levam o cristal para o mesmo lugar.
Ele tenta gritar, mas o som é abafado, e, afinal, quem o ouviria?
O rapaz ainda se debate.
Morre chorando, envergonhado do fracasso.

A pedra fica ali. Olhando.
O oitotuim morto é devorado pelos irmãos.
O tempo passa.
Outro aventureiro chega.
Seu destino não é diferente.
O tempo passa.
Mas para a pedra não importa.
Nem para a seda, ou para a rocha.
E os cadáveres também nunca reclamam.

Zero.

Felipe olhava para o cardápio sem entender bem o que via. Arte confusa, layout ruim, fotos em que não dava para ver se aquilo era mesmo comida. Mas havia um estranho apelo no lugar, algo que o chamava.

– Aceito. Fechado.

– Obrigado, senhor Porfírio. Foi um prazer fazer negócios com o senhor.

O árabe sai apressado, levando o cheque e guardando-o com cuidado em uma carteira grande. Ele entra no carro sem olhar para trás. O cheque, um pedaço de papel, representa mais do que a soma de tudo o que Felipe tivera, pois era também a herança deixada pelos seus pais.

Felipe nada entendia de restaurantes. Mas ele sempre teve esse otimismo cego, essa fé inabalável de que tudo dá certo no final. Em vão. Ele se viu obrigado a fechar o restaurante, após apenas três meses de sua compra. As dívidas também o fizeram vender o apartamento onde morava, outra parte da herança.

A cidade conhecia seus pés, seu caminhar. O hábito tornou-se comum para ele, que, sem perspectivas e profundamente deprimido, gastava o tempo a andar sem rumo. Seu dinheiro ia embora, assim como foram boa parte dos amigos e a namorada. Mas ele encontrou outros. Gente que, como ele, fora reduzida pelo mundo. Ele ainda tinha dinheiro, o suficiente para viver bem

sem trabalhar por um bom tempo, mas a companhia de mendigos, pensava ele, lhe fazia bem.

Ele apenas confidenciava sobre si para o Cão. A este ele nunca deu um nome. Era apenas isso, Cão. Nem achava que era seu, eram, sim, amigos.

O animal era magro e tinha um sufocante olhar pidão. O ápice da vira-laticie.

Um ano se passou. Seus antigos amigos não o reconheciam. Os novos, o achavam louco, mas o amavam a sua maneira. Havia uma ingenuidade sadia em seu jeito e isso cativava a todos.

Ele mantinha uma casa alugada, aonde voltava de vez em quando. Pegava as contas, pagava. Tinha dinheiro guardado, mas só ficava com o suficiente para sobreviver. Seus vizinhos sentiam nojo daquele rapaz malvestido, sujo, mas ele pagava tudo em dia e não ficava por lá, sendo ignorado pela maioria.

O nome dela era Rosa. Ela era vizinha de Felipe. Ele não sabia que ela existia. Mas ela sabia que lhe devia a vida. Não que Felipe fosse um herói, mas ele a salvou um dia, quando homens a tentavam roubar e, quem sabe, estuprar. O jovem alto, cabeludo e barbudo, brandindo um pedaço de pau, gritando coisas sem sentido, mais atrapalhado e intenso que propriamente assustador, afugentou o grupo. Felipe sorriu e seguiu seu caminho, sem dar maior atenção à moça. Mas Rosa, desde então, só deu atenção a Felipe.

A enfermeira passava o tempo livre seguindo seus passos, com receio de ser vista, com receio que algo acontecesse a ele. Ele comia mal. Dormia em qualquer lugar. Às vezes, tossia muito. Seus pés, ela via, tinham feridas. O coração de Rosa se apertava, e logo ela se percebeu apaixonada por aquele rapaz, que era, antes de tudo, um tolo, se não louco.

E ele, por fim, adoeceu. Refugiou-se em casa. O Cão rondava o local, a despeito dos vizinhos e até mesmo de outros cães, que desaprovavam sua atenção. A enfermeira cansou de esperar e tentou chamar Felipe, mas ele não respondia. Infeliz e preocupada, Rosa pediu ajuda a um vizinho que conhecia o dono da casa e chamaram um chaveiro. Ela encontrou Felipe quase morto. Levou-o a um hospital e cuidou dele após ter alta. Ele demonstrou gratidão e, com o

tempo, amor. O louco, enfim, tinha a rosa em suas mãos e esta agradecia o toque.

Rosa curou Felipe de várias maneiras, inclusive de sua depressão. Ele começou a procurar trabalho, mas, antes de achar algo, recebeu uma proposta em relação ao terreno onde ainda estava o restaurante, fechado fazia mais de um ano. A venda lhe deu mais dinheiro do que imaginava. Felipe criou, então, uma ONG, investindo na melhora de vida de mendigos, dos seus amigos de rua.

Felipe nada entendia de ONGs. Mas ele sempre teve esse otimismo cego, essa fé inabalável de que tudo dá certo no final.

E deu.

I.

Ele viu o gato preto na esquina. Sem entender muito bem por que, ele começou a segui-lo.

E o gato parecia que queria ser seguido. Cada vez que se aproximava, o animal andava um pouco, parava e parecia esperar e repetia sua meia fuga.

Ele estava curioso, pois o gato parecia, de fato, comunicar-se com ele, através de avanços e recuos.

Então parou e deixou que se aproximasse.

E viu a caixa. Ele não entendeu muito bem. Era uma caixa retangular, bem fechada com correias de couro. Parecia velha, mas não estava suja. E o gato lá, ao lado da caixa.

Lázaro pegou a caixa. Sentiu seu peso. Não era muito. Havia coisas soltas dentro, além de um suave som de roçar, uma delicada aspereza.

Enquanto o gato escapulia por um beco, ele pegou a caixa e resolveu levá-la para a casa.

Tinha curiosidade, mas não queria abrir ali. Sentia que seria indelicado, como se quebrasse uma regra social implícita.

Apesar de comprida, a caixa era leve e não o incomodava segurar. Na verdade, já sentia assumir um sentimento estranho de posse.

Mas, quando chegou em casa, estava muito próximo da hora de sair. Ele tinha trabalho. Deixou a caixa na sala, trocou de roupa e foi embora.

Ele já havia se esquecido da caixa quando voltou para casa.

Se não estivesse na sala, talvez ele nunca mais a tivesse visto. Ficaria perdida entre suas coisas, como se, de fato, fosse sua.

Mas lá estava ela. “Engraçado”, ele pensou, “ela parecia ser de outra cor e até menor”.

Mas foi preparar seu jantar, comeu e, antes que voltasse novamente a olhar para a caixa, foi dormir.

Ele acordou de madrugada com sede. Tinha tido um pesadelo. Qual deles, ele não lembrava.

Indo para a cozinha, notou a caixa. E agora ele tinha certeza, ela havia mudado de cor.

Seria uma tinta especial? Ele não sabia. Talvez uma ilusão simples que desse ares de magia.

Curioso, resolveu, então, abrir a caixa. Desafivelou com cuidado suas correias de couro.

Ouviu, então, um som diferente, entre um sorriso, choro e gemido enquanto ela se abria. E, por fim, um suspiro.

Porém não havia, dentro da caixa, nada de extraordinário. Contou alguns tubos de tela enrolados, dessas para pintar, também pincéis, tinta e outros equipamentos que um pintor usaria.

Mas ele nunca pintara nada antes e perdeu o interesse. Ele fechou a caixa e foi dormir.

Ele passou pela caixa ao sair para o trabalho e não sabia muito bem o que fazer com ela.

Notou novamente que as cores mudaram, mas não deu muita importância.

Talvez a vendesse. Não sabia bem como, nem para quem, mas estava inquieto.

Ele não sabia bem o que fazer, mas sentia que tinha de fazer algo.

Voltou um pouco mais cedo que de costume. Cansado. Mas abriu a caixa. Tirou uma tela.

Ele a esticou no chão da sala, com pilhas de livros que a prendiam firme. E, no chão, viu a tela branca.

Pegou um pincel, pesou na mão, o devolveu a caixa, pegou outro, gostou e, então, buscou as tintas, uma paleta, e começou a pintar.

Trabalhou por horas, mas ele não sabia bem o que estava fazendo. Não via muita utilidade naquilo, nem achava divertido.

Mas pintou até de madrugada. Em dado momento, percebeu que o mundo havia dormido, se assustou com a hora e foi dormir também.

Quando acordou, era sábado. Na luz que chegava pela varanda, a tela era iluminada.

Só agora tinha percebido o que havia feito. Ele havia desenhado uma casa.

Que casa era aquela ele não sabia. Mas a pintura estava pronta.

Ele não imaginava que pudesse ter pintado tão bem. Havia muitos detalhes, a tal ponto que, se visse a casa e a rua, ele a reconheceria imediatamente. Que lugar era aquele?

Ele ficou sobressaltado. Ligou para sua irmã. Perguntou se ela estava bem, que, por sua vez, se sobressaltou.

Não se falavam havia anos e devolveu a ele a pergunta. Ele não soube o que dizer.

“O que é estar bem?”, pensou. Ele não sabia mais.

Despediu-se, prometeu ligar outro dia, prometeu ver os sobrinhos e desligou.

Voltou à tela. Guardou com cuidado e pegou outra.

Lázaro tinha medo. Mas sua curiosidade ia além. Curiosidade que estava tão bem enterrada por anos, e a poeira em seus livros servia como prova cabal.

Pegou uma tela limpa. Estendeu na sala, ficando presa por Eco, Barker, Bergier e Crowley.

Novamente, em transe, pintou por horas até chegar a noite.
Pintou um mapa.

Tomou um banho frio.

Pensou na esposa e filhas, enterradas junto a seus poemas.

– O que é estar bem? Eu realmente esqueci.

Disse em voz alta, enquanto água e lágrimas escorriam pelo corpo.

Vestiu-se, pegou o mapa que ora era cidade, ora era cabala, e saiu de Malkuth.

Carregava alguns livros, uma vara de ébano, uma faca de prata ainda virgem. A caixa vinha a tiracolo.

Ele tinha medo. Agora entendia a caixa. Quem havia enviado. O que havia pago por ela.

Não demorou e o poeta chegou na casa. Ainda era noite, mas a noite era rubra.

O gato preto saltou na maçaneta, abrindo a porta para ele entrar, um óbvio convite.

De dentro, ouviu vozes. Algumas delas, conhecidas. Todas, esquecidas.

– Entre, Lázaro! E feche a porta ao passar, por favor.

Ao ouvir a voz, familiar e clara, o mago fechou a porta e foi ter com os seus.

Ele agora estava bem.

II.

Seu filho dorme. A noite se move lenta.

Vai no banheiro e percebe que a menstruação chegou.

No chuveiro, o sangue escuro corre pelo ralo.

O banho quente não a aquece, e, na varanda, busca repostas na lua, que se cala.

Ela volta para a cama e sonha.

Seu despertar é duro. O sol a agride, lhe revela a face e as marcas.

O filho desperta com preguiça e ela o apronta para a escola.
Vão juntos. Ele a faz sorrir.

Em casa, pega sua caixa e leva para a salinha.

O primeiro cliente chega. Ele é calvo, magro. Ela não gosta dele.

Mas lhe dá o que veio buscar.

Ele está apressado. Despedem-se.

Assim prossegue o dia.

Ela se banha a cada cliente. Mas sente que eles levaram algo dela, assim como deixaram parte de si.

Pega o filho apenas à noite. Cansado, o menino logo dorme, embalado em seus braços coloridos.

Olha-o no berço, lembra de suas promessas. Come sem paixão. Leva, então, uma bacia para a varanda e, em seu reflexo, conversa com a lua.

Um cliente chega. O primeiro da noite. Seus olhos escuros a empalidecem.

Na salinha, eles se despem. Ele, do paletó. Ela, da figura de mãe.

Ele é daqueles que perguntam. Que buscam.

Seus dedos são belos e ágeis. Sua voz, máscula e cheia de promessas.

Ela passa a noite com esse cliente. Ele é especial.

Diferente de outros, ele a reconhece. Reverencia.

Respeita seus belos braços tatuados, que se misturam em cores e beleza, as imagens das cartas.

Ela o deixa ver além. Além das promessas, há mistério.

Ele sai satisfeito. Promete voltar. Ela sabe: ele cumprirá.

Guarda, então, o baralho, se banha e vai dormir com a lua em sua face.

III.

Ele deita-se ao lado, exausto. Eu quero mais.

Giro por cima, o prendo com minhas pernas.

Ele desliza para dentro e o sugo até a última gota. E além.

O bebê chuta. Descanso então. Malandrinho. Logo agora?

Eu acordo antes de Raul e seguro seu pau duro.

Como ele ainda meio dormindo. Ele me come, já bem acordado.

Continuamos no chuveiro, no chão e no sofá da sala.

Ele sai antes que lhe arranque a roupa.

Preparo o almoço com carinho. Eles vão adorar. Despejo-me na comida em carinho e atenção.

Meus pés, me matam. O ventre, de certa forma, também.

Falta pouco. Acaricio a minha barriga e sinto ele chutar. Não tenho como conter o sorriso.

Então o telefone toca. Eu atendo e não entendo. Eu não entendo nada. Não entendo a voz do outro lado, o que ela me diz. Não entendo o chão. Não entendo a dor. Não entendo o hospital. Não entendo os médicos. Não entendo o choro de minha mãe. “Mãe, não chora”, eu digo, sem entender que chorava também. Não entendo o enterro. Não entendo os vazios. No peito. Na barriga. Eu não. Não. Eu não entendo.

Algumas feridas o tempo cura. Outras, nunca.

Ele me passa a mão pela barriga e desce devagar. Fico gemendo.

Penetra-me, goza. Eu olho a escuridão com olhos de peixe.

Outro homem, outro momento. Cedo, cedo demais.

O trabalho no centro ajuda. O projeto se forma aos poucos.

Ele parece vir de meu ventre. Nascido da morte de um filho. Germinando no cadáver do pai, meu homem.

E é lindo. Ele gesta, cresce, se avoluma. As pessoas perguntam que nome darei quando ele nascer.

Da planta, se curva o mundo para o receber. Um rebento de vidro, aço e amor.

Ando pelo centro em noites assim, frias. As enfermeiras me conhecem, dizem que meu prédio é lindo.

Eu olho os bebês. Amo os bebês. O meu ainda não tinha nome.

Deixo o prédio e prometo não voltar. Sou péssima com promessas.

Meu seios doem. Ele morde com força, desejo. Eu o amo? Isso importa?

Talvez. Ambos, talvez. O negro já foi, o tempo passou.

O vermelho me aborda mais maduro.

E com o tempo, as feridas curam. Nem sempre ele destrói tudo.

Só cinco meses.

Ele passa o rosto pelo meu ventre, descendo.

Grito, enfim. E entendo que é amor, sentindo o prazer e vivendo a esperança.

IV.

Eles invadiram suas terras, seu castelo. Saquearam-lhe tudo. Levaram sua família.

Ele jaz derrotado, corpo quebrado, sem emoção, quase sem vida.

Gritam a sua volta, pedem vingança, pedem que seja morto, pedem que ele mate.

Jurandir cansa do gosto de asfalto e levanta. Seu rosto e cabeça doem.

Sua perna esquerda falha. Ele vê seu canino no chão e agora sente o vazio na sua boca.

Olha para seu oponente, ele não o conhece. Ele é jovem, rápido, forte.

Ele vê o adversário. O homem que lhe roubou tudo o que tinha.

“Ódio é meu combustível, não compaixão. Ódio é o que me move, ódio é o que me alimenta”.

E parte para cima do homem que nunca vira antes, que ele odeia profundamente.

Não há mais técnica, não há mais luta.

Os animais se chocam com fúria renovada. Como um touro, Jurandir carrega o adversário para uma pilastra da ponte.

Ambos caem com o impacto. O jovem se recupera mais rápido. Tenta atacar o pescoço nu.

Jurandir captura sua mão. Bate com força no chão e o estalo o anima.

“Ódio é minha vida!”, pensa. E desfere o golpe que nocauteia o adversário.

Volta para casa ainda sujo. O apartamento pequeno, sem cuidados. Desaba o corpo no sofá.

Dorme ali mesmo, entre quatro paredes, com jornais que se acumulam no chão da sala, cheiro de cerveja azeda, TV que buzina horrores.

As fotos dos filhos formam um altar. A esposa (traidora), cortada das imagens como ele gostaria de tê-la cortado de sua vida.

Abre mais os olhos, sentindo o gosto de sangue na boca. O olho esquerdo não quer cooperar.

Lava a boca com cuidado, sentindo o caco do dente. O que antes fora perfeito foi destruído num instante.

Arruma a casa, limpa tudo. Cuida de seus machucados. Conta o dinheiro da noite passada. Faz compras.

O Rei recebe, em seu novo castelo, o seu algoz. Trocam palavras cordiais, uma dança de morte que não se conclui nesse dia.

A Rainha é mais gentil. Pede, com seus olhos, perdão. Olha os retratos rasgados, ainda na parede do castelo.

Ambos saem, esperam do lado de fora, vão se banquetear em outro lugar.

O Rei recebe, então, as maiores vítimas do crime que lhe cometeram. Reféns do destino, tramas, gestos velados, traição.

Afinal, ele pode passar o dia com quem ele mais ama.

Hoje é dia dos pais.

V.

Um padre, um ateu e um agnóstico entram num bar. Seria bom se fosse uma piada.

Todos são jovens e todos foram amigos em algum ponto de suas vidas. Não se pode dizer que ainda o sejam.

O padre foi batizado como Ricardo. O ateu chama-se Rafael. O agnóstico é chamado de Tony.

– Vão beber?

Pergunta o garçom, que nenhum deles conhece.

– Uma cerveja.

– Uma dose de vodca, pura.

– Água.

– Sério, Rafael? Água? Até no álcool você deixou de acreditar?

Eles sorriem, mas há amargura que é pouco disfarçada.

– Garçom, eu quero água. Quem sabe eu faço virar vinho, né, Ricardo?

– Basta ter fé.

– E fé resolve tudo, né, Ricardo? Karine achava isso também?

– Gente, vocês vieram mesmo pra brigar? Se essa é a ideia, vou tomar minha vodca e vou embora.

– Sim, Tony, foi mal. E desculpe Ricardo. Garçom! Com a água, me traz uísque. Aliás, água de coco e uísque. Valeu.

– Desculpe, Tony. E não, não viemos aqui para isso.

Eles ficam em silêncio, incertos.

– É hoje, Ricardo?

– Sim, Rafael. É hoje.

– Eu trouxe o que você me pediu.

– Eu também. Mas acho isso tudo uma idiotice.

– Eu sei o que você acha. Mas deve achar menos que pensa. Você veio, certo?

– Sim... Eu tinha de vir.

– Todos nós, Rafael. Então, Ricardo, o que a gente faz?

– Vamos beber e esperar.

– Esperar pelo que exatamente, Ricardo? Você não disse que era a hora?

– Sim, eu disse. Mas não exatamente nesse momento. Vamos beber e brincar a ela, tá bem?

As bebidas chegam. Eles brindam a Karine, irmã dos três.

A Lagoa do Prata fazia jus a seu nome. A luz iluminava os três irmãos que caminhavam pelo mato alto. Cada um trazia um pequeno volume.

– É aqui?

– Sim. Aqui mesmo, do lado oposto à casa.

– Ei, peraí, meu pé prendeu na lama!

– Shhh! Rafael, não fala alto!

– Então me ajuda aqui. E você acha que Ricardo sabe mesmo o que ele está fazendo?

– Sim, Rafael, eu sei o que estou fazendo. Vocês querem vir aqui? Não temos a noite toda.

Os três irmãos formam um triângulo na lama. Ricardo pega um pó branco e desenha com ele, formando um quadrado, com outro triângulo por dentro.

– Ricardo, você sabe mesmo o que está fazendo? Lembra...

– Sim, Tony, eu lembro. Eu lembro todo dia. Eu lembro também no que errei, está bem? Me deixa em paz um momento.

Ricardo termina de despejar o pó, pega uma garrafa de cachaça, bebe e despeja o resto dentro do outro triângulo.

– Rafael, agora você lê o livro.

O ateu pega um livro velho e, com o celular, ilumina suas páginas enquanto vai lendo. O som é estranho, mas, às vezes, uma palavra ou outra ele reconhece em alemão. Ele lê por três minutos. Tira uma foto da página do livro com o celular, que joga no triângulo onde a cachaça ainda forma um poço. O celular mergulha em cachaça e lama.

– Espero que não tenha sido caro.

– Isso não é brincadeira, Tony. Você trouxe?

– Sim...

Ele revela as facas feitas de ossos. Os restos de Karine. E passa cada uma delas para os membros sobreviventes de sua família.

Os irmãos tiram as suas roupas. Riscam, com cuidado, em diferentes graus de dor e velocidade, os seus corpos, desenhando sobre si o nome da irmã. Por fim, jogam as facas ensanguentadas no triângulo. – Preparem-se, diz Ricardo, que acende o fósforo e o lança no outro triângulo.

Nada acontece.

– Ricardo...

– Não é meia-noite ainda, Rafael. Espere.

– Ricardo, já passou de meia-noite.

– Vocês dois querem parar com isso? Tenham paciência.

– Ricardo, irmão. Desculpe.

– Vocês podem ter deixado de acreditar, mas eu nunca deixei. Se quiser, vão embora. Abandonem ela de novo!

– Abandonar? Foi você, seu cretino! Você é que gaguejou, lembra?

– Se eu lembro? Por que você acha que fiz o que fiz todos esses anos, Rafael?

Me tornar padre, romper, então, com meus votos, trair tudo em que acredito?

– Olha, vocês podem ficar brigando. Eu vou embora.

– Claro que vai, Tony! Não é você que sempre vai embora?

Ricardo quase cai com o soco, mas permanece no triângulo. Eles se calam por um momento.

As chamas voltam a crepitar, acendidas por um invisível fogo-fátuo.

De prata como as águas, levanta-se Karine.

– Vocês brigam tanto.

Ela diz, com voz de água. E sorri, com a transparência da noite.

Eles conversam. Choram. Riem. Por não mais que cinco minutos, que parecem eternidade.

Karine, então, se derrama de volta às águas, que abraçaram seu corpo.

Em silêncio, os irmãos se vestem e andam em direção aos carros.

– Ricardo, desculpe ter batido em você.

– E desculpe por tudo que lhe disse antes.

– Não. Me desculpem vocês.

Eles se abraçam e cada um vai para seu caminho.

Um deles menos padre, outro, menos ateu, e outro, ainda agnóstico, mas com fé renovada em sua família.

VI.

Seus corpos pareciam dar um nó, no apartamento pequeno e escuro, eles eram o mundo.

Mãos, falo, língua, pelos pareciam cobrar uma aproximação maior, uma atração necessária, além, até mesmo, do próprio desejo.

Buscavam seus cheiros e gemidos, sabores e deleites, num respirar crescente que envergava a alma em gozo.

Cansados, homem e mulher voltavam a ser isolados, cada um em seu mundo, sua escuridão, ligados pelo delicioso toque de seus dedos.

Tatearam pelas suas roupas, se vestiram nas trevas, que compartilhavam com amor, se despediram com beijos inflamados, cada um seguindo, enfim, seu caminho.

Alguém esbarra nela e quase a derruba. Ela sequer registra, não reclama. Sobe o ônibus, senta e espera a parada de sua casa. Fica lembrando dele. Seus cheiros, seus sabores. O toque delicado e indeciso.

Em casa, fala com seu pai como se nada houvesse acontecido.

Mas ela sabe que eles sabem de algo. Eles podem ver coisas que ela não pode.

Afinal, eles podem ver.

O Amor, como a maré, talvez nunca morra, mas tem lá seus altos e baixos.

Para eles, esses momentos eram mais sutis, pela forma sensível com que percebiam o mundo.

Pelo tremular da voz, o toque fugidio, a despreocupação com perfumes e delícias.

Como que guiados pela lua, fazem menos ondas e, cegos, num oceano de sentidos, nada mais percebem, além das correntes.

A voz dele era viril e macia. O texto emoldurava sua voz, não o contrário. Esse som distinto, único, preenchia suas terças.

A leitura variava. Contos, poesias, romances curtos. O poder dessa voz, não.

Chocava-se contra ela como um vendaval, que parecia lhe arrancar as roupas, devorar sua carne, morder seus seios e abrir suas pernas.

Cada encontro, uma nova tempestade. Via-se roubando cheiros. Toques. E sentia-se idiota. Parva em suas palavras, gaguejava, ria quando não devia.

As terças pertenciam ao desejo. E seu namoro, esmorecia ainda mais.

Ele, saindo atrapalhado de cima dela, sujos.

Ela não mais conhecia bem seu apartamento. Havia cheiros diferentes ali, algo que mudara, familiar e, ao mesmo tempo, irregular.

Se possível, lhe pareceria mais escuro e mais cheio de odores.

Cheio de um vazio, um espelho de seu coração que, para com ele, tornava-se estéril.

Precisavam conversar.

– Jorg...

– Lídia, eu...

– Fale.

– Não, não. Fale você.

– Jorge, eu andei pensando. Não acho que dê mais certo.

Um suspiro.

– Jorge, você está bem?

– Sim, sim. Sabe, Lídia, eu também. Eu gosto de você. Acho que ainda te amo, mas, bem, aconteceu algo.

– Eu entendo. Eu também. Você vai ficar bem então?

– Vou sim. Você?

– Também, também.

Acham suas roupas no escuro, se vestem. Ela, apressada. Ansiosa por sair de lá, procurar o novo amor.

A chuva é surpresa, o chão, armadilha.

Refaz seus passos para a casa de Jorge. A chuva é forte, o telhado vibra.

Junto à porta, seu sangue gela.

O frio não é da chuva. É da voz.

A voz das terças.

A voz que vem da casa.

A voz que beija Jorge.

A voz que grita de prazer.

A voz que lhe cala o coração.

Ela sai andando na chuva.

Como suas lágrimas que se perdem a esmo nas calçadas, nunca se sentiu assim, tão cega.

VII.

Morreu. Mas morreu, bonitinho. Eu sabia que ia dar em dar merda.

E, claro, por causa de mulher, né? Posso até ver a cara de minha mãe balançando a cabeça.

Bem, outra coisa que morreu.

Vou precisar de água, comida, algo para me aquecer a noite e algo que me cubra de dia. Tinha tudo isso no carro para uma emergência, só não achava que nada disso ia acontecer. Ninguém espera, certo?

Errado. Todo mundo quer que a viagem dê em merda. Ninguém cruza o Saara esperando que tudo dê certo, que seja uma viagem chata com uma vista linda. As pessoas aqui buscam falhar. Pura e simplesmente. Eu queria isso, e consegui, mesmo tendo feito tudo para que nada desse errado. Não planejei que o carro quebrasse, mas queria isso desde o princípio. Queria ficar aqui, preso, no deserto, enterrando a mim e minhas memórias. Então, pra que ficar me lamentando? Vou andando.

A água deve durar uns cinco dias, se eu não racionar, pelo menos o que consigo carregar. Duas latas de comida por dia, 20 latas. Isso vai me quebrar as costas, mas não tenho alternativa. Parto assim que anoitecer.

E logo me arrependo. A noite não é fria, é gelada. O carro me protegia da maior parte do calor e frio e simplesmente não fazia ideia.

Minha esperança é encontrar alguém, algum poço, alguma rota e esperar. A chance é pequena, até ridícula, mas é isso ou esperar morrer. Não há equipes de resgate aqui. Não há anjos da guarda. O que há é areia e solidão.

Caminho no frio, cantando na minha cabeça letras de música incompletas, baladas românticas, rock pesado, forró de Gonzaga, canções de Chico.

O vento me arrasta. Mas não arrasta as memórias que me perseguem noite adentro. De meu pai brincando comigo quando eu ainda era criança, dele me abandonando, de minha raiva de tudo na adolescência... de minha raiva de sua ausência, e, enfim, sua volta e frieza, e uma segunda e definitiva separação, dessa vez, emocional, se não física. Da última vez que o vi, ainda bebia e ria,

num humor que interessava apenas a si, um solipsismo social, vindo de uma arrogância e solidão próprias.

Seu fígado cedeu, e enterramos a cabeça branca em um janeiro. Enterramos? Não. Eu não estava mais lá. Abandonei seu corpo sem alma, como ele me abandonou muito tempo atrás. Deixei que os outros o enterrassem. Ignorei seu luto e raiva. Não muito diferente do que meu pai fez comigo, fingi que não existiam, com moderado sucesso.

Vagar à noite pelo deserto, procurando uma estrela e assombrado por fantasmas, não era o que planejava. Não há outra alternativa. Não me atrevo a dormir nesse frio, não me pedem passagem as lembranças, simplesmente entram, vão, trafegam.

Durmo apenas de dia. Pai, mãe, irmãos e filhos que nunca tive repelem esse enterro tardio. As lembranças, em conjunto com o deserto, parecem querer me devorar. Como tentaram em vida. Estou aqui eu, o mais velho dos rebentos, o último sobrevivente e com fantasmas a querer me arrastar para o calor de uma cova na África.

Deserto estéril. Estéril como eu. Dois casamentos, nenhum filho. E, sempre, sonhos do deserto. Sonhos que ainda tenho, dormindo sob um sol que ignora minha existência, mas que me pune por cada inspiração. Dá-me de presente areia e calor, não muito distante do que dei às mulheres que me amaram. Um homem árido e frio, deserto de emoções, vazio de atenções.

O deserto, de fato, nos transforma? Todos dizem isso sobre essa viagem. “Quem entra não é o mesmo que sai”. Será? O que é sublimado de nós aqui, que não seja a cristalização de nós mesmos, a mais purificada forma numa alquimia de alma, de alguém que se perde em pensamentos, por não ter outra alternativa?

A noite cai e já estou andando. Não me sinto mais só aqui do que em qualquer outro lugar. Somos todos sós. A inteligência é uma maldição. Não vejo diferença entre estar aqui e num bar, numa festa, no trabalho, numa aula, numa praia, no carnaval, numa missa, num tribunal... estamos sempre sós. O que nos une, nós, humanos, não passa de um vago desejo de eliminar a solidão, uma busca incessante, crua, nua, desesperada e infrutífera. Todos morremos sós, em desertos diferentes.

Minha mãe não pensava assim, mas se foi sem deixar nem o pó. Crava-se apenas na memória, que cava a si para fora dessa cova sentimental, buscando fazer do deserto um desterro. Eu não deixo. Não sinto saudades. Dela me preparando para a escola, me ajudando a aprender a ler, me ensinando a dirigir, suas reprovações ou aprovações, sua constante torrente de conselhos, sua desaprovação de Alice e, depois, de Regina. Estéril. Uma vez ela me jogou na cara, como se fosse culpa minha. O que quer que seja que ela tenha dito, não lembro o que foi, me parecia apenas que queria um neto para tomar como filho. Incapaz de viver sua vida senão através dos outros.

O câncer a matou lentamente. Também não fui a seu enterro. Corpos não me interessam. O luto eu já o tinha antes de sua morte, durante os vômitos, as sessões de químio. Estéril se tornara a sua vida. Um deserto. Os amigos pareciam temer a radiotividade, como se o câncer fosse emitido dela a partir de ondas, um vírus que traria os tumores para sua vida, onde fariam deles jardins de horrores. Ela morreu com muita dor. Eu vi. Mas já não sentia nada. Havia sepultado ela meses antes.

Os fantasmas e a noite andam lado a lado. E o tempo passa. Uma semana e não há viva alma. Água é pouca. Mas estou mais leve. Não apenas mais magro, mas sobra menos comida, menos latas a serem carregadas. Arrasto-me como uma pipa caída, vagando sem rumo pelo deserto.

O sol me traz esperança. Ou morte. Não sei ainda. Há um brilho distante e vou em sua direção. Não se pode dar-se ao luxo de escolher como se morre no deserto.

Um carro. Um corpo dentro, com fotos e roupas de mulher. O casal viajava, e apenas o homem ficou para trás, para ser enterrado pelo vento. O vidro quebrado pelas balas que perfuraram seu corpo. Os tuaregues saquearam o veículo, mas não o levaram.

Olho para os lados, me sentindo, nesse lençol tremulante como uma enorme bandeira, muito, muito vulnerável. Mas não há ninguém. Só eu e o homem, abandonado pela mulher que agora, talvez preferisse estar morta.

Cansado, puxo o cadáver e o enterro.

Os nômades não levaram tudo. Resta um pouco de água, algumas latas e barras de comida. Procuo também por meias de meu tamanho. E, enfim, tomo coragem e olho sob o capô.

Meu coração afunda por um momento. Areia, fios arrancados, peças entulhadas. Eles quase levaram todo o motor. Porém, deixaram exatamente o que preciso. Seria sorte? Não sei. Mas posso não morrer no deserto. Calculo, febrilmente, como voltar ao meu próprio carro, se os mantimentos serão suficientes e volto a andar.

Levo mais tempo de volta do que na ida. Meus passos não podem ser retracados, assim como na vida, todos os nossos caminhos são únicos no deserto. As memórias são também diferentes. A morte de meu irmão e sua esposa. De minha irmã e sobrinho. Cavo seus lugares na areia enquanto caminho, enquanto durmo, bebo, urino, como e defeco e ando, sobretudo eu ando, caminhando sobre suas covas infelizes, num lugar perdido por Deus.

O carro está como o deixei. Esperando-me. Troco a peça, tento consertá-lo. Ele responde. Quase amoroso. E, enfim, saio do deserto...

Onde enterrei minha família, onde perdi meu peso morto, onde esqueci do mundo, onde tudo que há de ser sempre estéril ficou.

VIII.

Ela termina de preparar a planilha e beber o café. Preto, forte, sem açúcar. Olha para o relógio. 15 minutos para ir para casa.

Ela termina de fazer o jantar. Uma receita “light” que aprendeu com Luciana.

Ela faz esteira por uma hora. Toma um banho quente, relaxa. Prepara um drinque leve, que bebe enquanto lê na cama.

Ela dorme.

Acorda.

Observa a fogueira, que ainda arde, restos de brasa, que não se apagaram com a umidade da pequena gruta.

Aquece o resto de pão e um pedaço de queijo e os come antes de sair do local com atiradeira em punho e lança cruzando suas costas.

Caminha lenta pela floresta tropical, que engole seus sentidos. Cores demais. Sons demais. O cheiro é de planta e chuva.

Busca a besta, a fera que destruiu sua vila com garras, presas e fogo.

Caça o dia inteiro, mas vê apenas as pegadas, as escamas vermelhas. Colhe frutas, mata um esquilo, janta.

Dorme.

Ela acorda.

Ela toma um banho frio. Prepara e come seu café da manhã. E se veste. Ela chega calada no funeral. Eles a olham. Ela os olha, muitos, com desprezo. Sai calada do funeral. Ela chora. Escondida em seu escritório, ela chora. Prepara a reunião de amanhã. E chora. E espera quando todos já saíram e vai. Ela prepara e come seu próprio jantar. Sua amiga, Luciana, liga. Desliga logo, se esconde. Chora na casa, sem beber, sem ler. Ela dorme.

Acorda.

A chuva fina toca as folhas como carícias. E ela vê a Besta.

Delicadas cortinas de água separam ambas. A fera só a percebe agora, após terem dormido quase juntas.

Levanta-se, procura a lança e percebe que não terá tempo. A Besta pula em sua direção e a joga no chão com força.

Dentes escapam de lábios escarlates e dardejam com sua língua em sua direção.

Salta, pega o animal pelos pequenos cornos e o dobra, derrubando a Besta com força.

Com mãos nuas, subjuga o monstro, corta fora seu coração e o come.

Antes de dormir, lava-se e chora.

Sem rumo. Sem a Besta. Sem sentido.

Dorme.

Ela acorda.

Ela lê um trecho de Moby Dick. Pensa. Toma seu banho, come seu café.

Ela se veste com roupas leves. Pega seu carro e vai para a casa da Besta.

Ela toca a campainha. Espera a Besta abrir, e esta o faz com espanto.

– Maria?

– Oi, Márcio.

– Não sei o que você faz aqui, não temos mais o que conversar, não quero ouvir mais suas ofensas não...

Ela o beija. Ele a beija. Abraçam-se, como se precisassem disso para viver. Ela sente suas lágrimas na face dele, lágrimas de ambos, que se misturam e salgam seus lábios sedentos. Mas se afasta e fala.

– Desculpe. Não devíamos ter brigado, Márcio. Sinto muito pela morte de seu pai. Eu amava seu Mauro.

Ele a olha, não reconhecendo a mulher que ama e que magoou ambos, tanto, tanto. Mas ele sabe, ele a ama.

– Vai me deixar entrar?

Derrotado, ele deixa. E vai viver.

IX.

O céu é de uma cor profunda, um azul cobalto. Um céu sem nuvens, salpicado de estrelas.

Um céu sob o qual só andam os solitários.

Os excluídos.

Os invisíveis.

Conheço cada um deles. Meus irmãos.

Escondem-se nas sombras, caminham sós.

Devorando os detritos que a sociedade gera na sua fome incessante.

Somos uma enorme irmandade, formando uma multidão de abandonados.

Tive vida diferente de meus irmãos.

Minha transformação não se deu da mesma forma, igual a todos.

Se é que há uma maneira certa. E não há.

De garantir que se nasça, para ser só.

O meu nascimento foi recente.

Ainda estou descobrindo o que há por detrás das luzes, do barulho incessante, por dentro do sonho que tudo funciona e que há perfeição.

Ainda lembro a noite em que nasci, não muito diferente dessa.

Mas a Lua podia ser vista. Iluminava as ruas como um pálido sol.

Nem sempre a solidão foi minha única amante.
Antes, uma amiga entre tantas.
Conheci meu pai numa noite como essa, de céu azul e escuro.
Numa noite como essa, foi a primeira vez que o vi.
Como eu, ele parecia sedento por vida humana.
Saímos ambos do mesmo bar. Na mesma hora.
Numa noite como essa.
E nós nos reconhecemos um no outro.
De repente, dois estranhos eram ambos, pai e filho, ambos ao mesmo tempo.

Assustado, resolvi andar apressado.
Ele me seguiu.
A faca me cravou o peito e abdômen.
Numa paródia de amor, ela me penetrou e saiu, incontáveis vezes.
Passei meses em vão, sem saber bem, o que era me recuperar.
Perdido entre outros vampiros.
Devorando o tempo dos doentes que cuidavam de nós, saudáveis monstros.
Buscando o porquê de meu nascimento.

Procuro meu duplo nas ruas desertas.
Vazias de sentido e cheias de corações vazios.
Ecos do passado ecoam com meus passos.
Às vezes, o vejo entre carros, nas sombras de cães, nas sobras do mundo.
O sono, quando chega, é sorrateiro, e, desaparecido, mergulho sob pontes.

Meu nascimento, meu desaparecimento.
O mundo parou e eu desci.
Ao som da faca cortando a carne que sedia à lâmina que matava a mim.
Não podia mais viver com eles. Tão doentes, em suas casas cômodas, suas vidas longas, em seu silencioso desespero ruidoso, num shopping de domingo.
Não fugi, eles fugiram de mim e iniciaram minha procura.
A busca. Pelas razões de meu pai. Pela morte inconclusa. Pelo sangue na roupa.

E eu o acho. Em outro bar. Não somos mais tão iguais.
Ele sai só. Ele não me vê.
Mas eu me mostro para o monstro.
Assustado, ele resolve andar apressado.
Eu o sigo.
Meus dentes cravam suas costas, minhas unhas, seus olhos.
Faço amor com minha boca, mastigando sua carne, ouvindo gritos que não podem ser de gozo, gozo.
Chuto a carcaça de Cronos, devoro suas facas com meus bolsos.
E saio, encantando a noite com meus passos.

O dia é seguinte.
A manhã, ensolarada.
A casa, a mesma.
Minha velha mãe, meu saudoso pai.
Meu irmão cretino, minha irmã vagabunda.
Abraço com carinho a todos, agora bem e de volta.
Pronto para um dia, de um novo duplo, me fazer nascer.

X.

Ele abre a porta do casebre. Não há nada lá. As únicas coisas que sente são a faca em sua mão e a fumaça em seus olhos. Onde ela está? Onde estão suas promessas e ofertas? Onde está o súcubo que o devorou através de juras vazias, mas que só lhe dar pesadelo e sangue derramado?

Sua cornucópia de horrores se desvela em suas memórias. O veneno que desperdiça a vida, amores e esperança, despejado de seus lábios...

O médico buscava uma resposta. Eu, na máquina, imóvel como um autômato morto, esperava em meio a calafrios. Camila não me acompanhou. Não ligava, ou fingia muito bem seu desinteresse. Quando não estava trabalhando comigo, ignorava tudo e só pensava em sua música, suas drogas...Compartilhávamos a mesma cama e nada além disso. O médico terminou seu exame.

Sua voz soava como a de um juiz aplicando uma sentença. Eu estava morrendo. Seria isso Justiça? Karma? Eu preferia morrer pela espada.

Quase que atendendo meu pedido, ele apareceu. Estávamos eu e Camila num bar. E ele senta. Comecei a levantar e olhei para ele. Havia em seu olhar, um misto de confiança e tristeza que implorava para contar sua história. Eu o deixei falar e ouvi sua proposta. Ele queria vingança. Eli é um dos chefes de crime local e Yúri roubou sua esposa. Ele queria ambos mortos. Havia mais para ser contado, pressentia isso, mas não o pressionei. Ele queria que sua vingança partisse da destruição da fachada social de Yúri, um empresário importante na área de biotecnologia, sua empresa, visionária em suas pesquisas e soluções, não só no Nordeste do Brasil, mas na América Latina.

Eli nos indicou uma agente sua, que já promovia espionagem industrial. Weslane nos passaria documentos secretos, críticos para pesquisa. Iríamos dar algumas informações para a imprensa e então vender o que não fora divulgado para os rivais de Yúri. O restaurante onde nos encontramos me incomodava. Pássaros exóticos em gaiolas, música eletrônica, árvores que serviam de colunas. O ambiente era desnorteante. Mas, em teoria, dificultaria a gravação de nossa conversa.

De lá, fomos à casa de Weslane, onde ela havia guardado o material, tanto em cópias físicas, quanto em seu computador. Chegamos tarde. O apartamento estava arrombado, um ruivo, agente de Yúri, abriu fogo. Weslane morreu num instante. Camila e eu respondemos, o ruivo caiu no chão morto. Eu o queria vivo. Camila nunca presta atenção. Os dados já estavam destruídos. O apartamento seguia o caminho de sua moradora, quando fogo e explosões começaram a ocorrer em volta do prédio. Fugimos por pouco. As chamas pareciam cuspidas pelo dragão, engolfando o prédio e logo se espalhando pela vizinhança.

Em meio aos caos, ficamos agradecidos com o agente de Eli que surgiu, dirigindo para longe dali. Ele nos deixou em Boa Viagem e Camila me levou até um bar. Ela precisava beber algo forte. Eu concluí que também. Lá eu vi o

súcubo pela primeira vez. Vera se reunia à legião de inimigos de Yúri. Esposa, chefe de pesquisas de sua empresa, mulher traída. Foi assim que ela se apresentou. E nosso alvo secundário.

Mas eu era sua presa, desde o princípio. Fui seduzido e usado. A pesquisa que as empresas de Yúri faziam? Tratamento de câncer com nanotecnologia. Ela me prometeu um protótipo, que, dizia ela, seria capaz de me curar. Isso não me comprou. Não me fez trair Eli e Camila. Suas coxas, porém, deram cabo do resto de minha vontade. Nas semanas seguintes, me tornei seu amante e assassino. Planejamos juntos a morte de Yúri, nossa fuga. Camila, que não prestava atenção, eliminei com minhas próprias mãos.

O diabo não perdoa. E cá estou eu, no casebre, após ter matado Yúri. Onde está Vera, sua cura? Só há fumaça e vazio. Para quem me vendi?

O carro chega enquanto ainda estou saindo do casebre. Vera me olha por detrás do vidro. Carlos vem dirigindo. Irmão de Yúri, seu principal tenente. Eu me apoio no umbral, sangrando. Camila prestou atenção suficiente. Carlos desce do carro com uma arma na mão. Confiante. Estúpido. A faca espatifa sua frente com força. Horrorizada, Vera tenta ir para o volante, mas já estou do seu lado com a arma de Carlos na mão.

“O câncer”, eu penso. “Foda-se”, eu penso a seguir. Os primeiros disparos não rompem o vidro, mas assustam Vera, e abro a porta que Carlos não fechou. Eu a mato com um tiro na boca. Depois, miro em meu tumor e disparo. Dizem que alguém sobrevive por segundos após ser atingido com uma bala na cabeça. É mentira.

XI.

Camila acordou com ressaca. Havia saído para um bar novo e exagerado na bebida. Como sempre. Mas havia também estado com um homem, e isso fazia toda a diferença. Ela se levanta com cuidado, pesada e vai, lentamente,

para o banheiro. Seu ventre parece a ponto de explodir. No boxe do chuveiro, ela se agarra às paredes e, sobre uma bacia grande e funda, faz força.

O ovo cai após sons desagradáveis. Ela se banha e se veste para o trabalho. A ressaca é, sim, das piores. Ela chega na redação e, após uma breve reunião de pauta, começa de fato a trabalhar, escreve suas matérias, vai fazer uma entrevista, faz contato com possíveis personagens. Almoça na própria redação, mas ouve conversas interessantes. Camila sai satisfeita e as horas passam devagar até ela largar do jornal.

O ônibus sujo sempre incomodou Camila. Os homens que tentam se aproveitar do local apertado. Má educação de motorista e cobrador. Hoje, ela não pensa nisso.

Quando volta para casa, sequer troca de roupa. Entra no quarto onde deixa os ovos em enormes caixas de feltro turquesa, arrumados pelas estantes de madeira de lei, e pega um deles. Carrega o ovo negro em uma sacola, saindo do apartamento e pensando se é vista por algum vizinho.

A casa é em Afogados. Quase um pequeno prédio, com dois pobres pavimentos sobre um pobre primeiro piso. Não há cães e ela agradece a seus deuses. Camila se esgueira para um ponto escuro e se estica. Seus braços e pernas são agora longos e finos, ela não mais pode ser vista, um arame de gente, exceto sua cabeça que permanece como estava antes, mas o corpo em nada parece humano. Assim ela passa o muro com facilidade e logo escala as paredes.

Camila acha fácil o quarto do bebê. A criança dorme. A mãe dorme no mesmo quarto. Ela é funcionária do jornal, e ainda fofocam sobre sua gravidez. A coisa-aramé carrega e deposita com cuidado o ovo no berço.

Sua boca então se estende, se alonga, os ossos estalam. Em um único movimento, devora o bebê, que já desperta em sua enorme e estendida boca. Seu choro é abafado pelo couro e mucosa.

O ovo se parte e um bebê, idêntico ao que está sufocando, sai dele. Olha para Camila com olhos turquesa, antes de, em uma piscadela, tornarem-se castanhos. Ela se despede de seu filho com um suspiro e escala novamente a parede.

Num canto escuro do quintal, Camila esmaga o bebê com poderosos músculos de sua boca. A criança desce em sua garganta, uma pasta, enquanto ela passa do muro e volta a parecer humana. As roupas que havia deixado numa

pilha do lado de fora estão cobertas de formigas. Ela as sacode e as veste apressada. Sente-se gorda.

Volta para casa e agora toma um banho. Vai para a academia para queimar as calorias extras. Flerta. Ela gosta de homens musculosos. E dali já vieram alguns bons ovos.

Camila volta para casa, sozinha, mas deixou várias promessas de encontros no ar. Ela não tem pressa. Ela tem tempo.

Causa e efeito, intermináveis constâncias. Ela lembra de seus pais, da tribo. Ela nunca os viu, mas a memória da sua espécie passa, fragmentada, de mãe para filha.

Lembra quando os portugueses chegaram. Lembra quando trouxeram suas doenças. Lembra de seu povo, deuses que, com seus ovos, plantavam os terrores da noite no mundo. “E indistintos de lendas perdidas, sumimos”, pensa.

Alguns, imunes à maior parte das doenças, prosseguiram. Aprenderam a fazer filhos com homens e com os filhos dos homens. Desenvolveram talentos e formas para se esconder entre eles, primeiro em seus quilombos, depois em suas vilas e cidades.

Camila derrama uma lágrima quando vê, clara, a imagem de uma ancestral refletida em um rio. A majestade de um horror incontido. Olha para si num espelho. Uma armadilha para os homens, uma beleza exótica e doce. Justiça.

XII.

Acho que todo mundo chega a essa ponto. Um dia, todo mundo se pergunta: vale a pena?

Pode-se dizer que cheguei, sim, a esse momento. Opa. Banquinho bamba esse.

Natural, não? Depois dos 30, é mais fácil enxergar a vida, como ela se processa, o que dá ou o que não dá certo.

Qual será o custo disto e daquilo? Pois tudo nos custa algo.

Assim é que é estar com a corda no pescoço. Aquela “fase de eclipse”, entre estar morto ou vivo, tudo por conta de um banquinho, peso e gravidade.

E, claro, vontade.

- E então? Terminamos aqui?
- O que você acha?
- Não sobrou mais nada.
- Se você diz...
- Sofia...
- Não, não. Você está certo.
- Eu vou indo, tá?
- Está bem.

Há poucas coisas mais tristes que um apartamento vazio.

Okay, eu exagerei. Sempre exagerei. Acho que isso é que complicava tanto nosso relacionamento.

Conflitos inexistentes, cobranças indevidas. Todo um drama criado do ar. Claro que ele se irritou.

O caminhão de mudanças na entrada do prédio. Caixas com livros, CDs. DVDs, roupas...

Espalhada nesse “lar” está a minha vida. Fragmentos de incertezas, próximas e distantes.

- Sofia!
- Rodrigo! Tudo bem?
- Tudo sim. Que faz aqui?
- Só vim pegar algumas coisas, diploma, essas coisas.
- Então, terminou tudo?
- Sim, sim.
- Não. Eu quero dizer. TUDO.
- Rodrigo, será que a gente vai de novo discutir isso?
- Não. Eu já entendi.
- Ei! Não fica assim. Não ia dar certo.
- Não. Você acha que não ia dar certo. Flávio não gosta de você, Sofia.
- Rodrigo, não começa.
- Não há o que começar. Adeus.
- Rodrigo...

Ele se matou dois meses depois. Câncer. Eu não fazia ideia.

Não sei ao certo o que ele queria. Não sei também se sabia que estava doente quando a gente se falou.

O que seria de minha vida com ele? Ele queimava. Flávio, bem, é diferente. Flávio me dava segurança.

A segurança de um amor tranquilo. Acho que Legião Urbana tem uma música com algo assim.

E aqui estou, incerta até com pequenas coisas.

Em pé em um banquinho idiota, com o pescoço prestes a ser quebrado se essa porcaria se mexer mais.

Rodrigo talvez resolvesse isso num piscar de olhos. Ele me amava. Será que minhas incertezas o mataram?

Nunca vou saber.

– Eu quero ir embora.

– Mas, Flávio...

– Não. Nada de mais. Não aguento mais esse apartamento.

– Tem sido tão ruim assim para você?

– Sim, Sofia, tem.

– Mas eu estava pensando...

– É, você sempre pensa. Pensa demais.

– Tá bom, Flávio. Quem não quer discutir mais agora sou eu. Vou na esquina, tá. Até logo.

– Essa conversa não acabou, Sofia.

– Lálálá lálá, lá lá...

É, às vezes, sou infantil e incerta. Mas será que a gente precisava brigar tanto?

Até por coisas tolas a gente brigava. Coisas sobre as quais, eu sabia, estava errada.

Lembro da discussão que a gente teve sobre lâmpadas, se compraríamos logo todas fluorescentes.

Eu sempre achei a luz de uma lâmpada fluorescente, sei lá, doente.

Claro, ele estava certo. Ilumina melhor, mais econômica, etc.

Mas fui teimosa. Nas minhas certezas e teimosia é que se reflete melhor minha insegurança.

O medo de errar e perder tudo.

- Então, compramos tudo?
- É, acho que sim.
- Como assim, “acho que sim”??
- Eu deixei as lâmpadas...
- Pelo amor de Deus. Olha, você dirige. Vou andando.
- Flávio, são quase dois quilômetros e no sol.
- É melhor. Vai ver sou eu o cabeça dura e o sol amolece o quengo.

Ele é muito calmo, mas acho que faço qualquer um perder a paciência.

E, assim, ele faz com que eu faça o que ele quer. Trouxe também a lâmpada.

As caixas. Metade das caixas vazias. Metade da casa pronta.

Eu admito, também não aguentava mais aquele apartamento. Pequeno, longe do trabalho de ambos, vizinhos chatos.

Espero que ele traga um almoço legal, que lembre que eu odeio carne vermelha, pelo menos uma vez na vida.

O banquinho balança, mas me sustenta.

Finalmente troco a lâmpada.

Essa é fluorescente. Eu que comprei.

XIII.

- Oi, Sílvia, tudo bem?
- Tudo. E com você, Sales?
- Tô legal. Sabe, eu estava pensando... Bora desmarcar?
- O cineminha?
- É, o cineminha.
- Mas a gente sempre vai...
- É, eu sei. Mas, sabe, rolou uma coisa.
- Que foi? Você está bem?
- Sim, tô bem sim.

– Sales, eu não tô entendendo.
– É que estou gostando de alguém.
– Agora entendi. Bem, você podia ter dito logo. Sem essas pausas dramáticas! Eu conheço?

– Conhece sim.
– É Rita? Márcia? Eu lembro que você e Rafaela flertam muito...
– Eu prefiro não dizer, Sílvia. Pode ser?
– Sales, você está estranho. Tem certeza que não quer pegar o cineminha? A gente pode conversar depois. Tomar um chope.

– Não, não dá. Eu não tô legal. Sei que ela não gosta de mim e queria, sei lá, ficar em casa, sabe?

– Sales, deixa de onda, Foficho. Quer que eu vá aí?
– Não! Não. Sílvia, vou ficar bem, tá bem?
– Se você está dizendo. Me liga se não estiver bem, tá bem? Você sabe que sou sua amiga, né?

– Sei, Sílvia, claro. Beijos e obrigado.

– Beijos, Foficho.

Sílvia desliga o celular. Cobre de novo a cabeça com o travesseiro e chora. Ia contar hoje para ele que havia esquecido de Guga. Que descobriu que sua amizade por Sales tinha ido além. Muito além do que haviam planejado, concordado.

Ele esteve ao seu lado quando sua mãe morreu, ajudou e as acompanhou em duas mudanças, por um breve período, dividiram apê. Ele que lhe apresentou Guga para curá-la de Tiago. Ela chorou em seus ombros, usou tanto de seu ouvido. E mesmo afastados, o cineminha no sábado era o momento sagrado entre eles, mantendo a presença de um na vida do outro. E, enfim, percebeu que o amava. Que já o amava faz tempo. Que podia viver sem ele. E Sílvia, que sempre fora tão forte, bebeu uma caixa de remédios que misturou com vodca.

Sales estava confuso. Irritado consigo mesmo e paralisado. Afinal, como dizer para uma mulher de quem fora amigo fiel por tanto tempo que, enfim, não podia mais ser seu amigo? Que não aguentava mais sentir seu cheiro, seu olhar, ouvir suas voz, participar de brincadeiras e piadas só deles, e que a desejava ardentemente? Ela que sempre lhe foi fiel. Com quem já partilhou tanto

de si, suas amarguras, temores, com quem chorou abertamente como nunca fez com ninguém mais. O amor é, sim, uma vingança, uma cobrança, é uma bomba cármica que nos pune por aliviar a dor dos outros. Porra, só pode! Enfim. Era a morte.

Ou não. Ele podia desistir dela? Ele queria, mas o peito, o peito arde, explode, eletriza, queima... o peito se aperta e obriga a sair de onde quer que se esteja, como uma força que desafia até mesmo a gravidade. E ele se torna fraco. E pega o carro. E entra no prédio dela. E abre a porta. E a vê caída, vômito no chão, azul. E vê a vodca. Vê os remédios. E romeuticamente, bebe, engolindo tudo, porque o amor é vingança. E morte.

O enterro é singelo.

Anos de amizade, enterrados na areia.

O dia cresce silencioso.

Os presentes se abraçam.

Uma morte trágica.

Sílvia...

Sílvia ainda podia ouvir o freio do ônibus.

Sorvetão morreu na hora. Sales carregou o bichinho já morto e o enterraram no quintal da casa.

Sales escolheu a casa. Sílvia, disléxica, tinha muitas dificuldades para ler.

Odiava os pequenos anúncios de jornal.

Assim como bulas de remédio.

Que bom.

XIV.

Ele liga pra ela de novo. Ela não atende. Acende um cigarro com dedos trêmulos. As horas passam. A garrafa que sempre pareceu estar pela metade, finalmente se esvazia. Ele liga novamente. Ela não atende. Ele folheia o jornal, busca notícias, quaisquer notícias, mas só enxerga um imenso vazio, mesmo refletido em folhas e letras.

Ele sai andando. Lembra do que, para ele, era a música deles. Uma música de que ela nunca gostou de fato. Escreve uma mensagem em seu celular e a envia. Certo de que ela não irá responder. Acha um bar, senta, pede, bebe, bebe, bebe, bebe.

Acorda em casa. O cheiro do vômito, o gosto de bile. Tão familiares agora. Vai para o chuveiro, sua cabeça dói, e o mundo, o mundo não é mais o mesmo. Agarra-se, se arrasta nas paredes. A água cai sem perdão. Nada lhe lava a alma. Dor, desejo, delírio. Desespero. A água lhe cobre o rosto, lhe enche a boca, disputa em seus olhos o espaço com as lágrimas. Só agora lembra de tirar a roupa. E o vômito sobe de novo, em ondas que o estremecem, pois não há mais nada, nada.

O dia passa lento. Chega ao trabalho. Os colegas o olham com antecipação, esperando que ele lhes dê um convite para seu velório. Morto, caminha para seu computador. Senta, liga para ela. Ela não atende. Ele tenta trabalhar, mas só vê seu rosto. Sente seu cheiro, doce cheiro de flores, sempre seu preferido. Lembra de seu vestido florido. Sua pele pálida. Liga para ela. Ela não atende.

A hora do almoço é um limbo. Uma hora vazia de razão, um momento de contínua obsessão. Olha sem esperanças para o celular. Os antigos amigos, cansados de o chamar, agora cochicham em suas costas. O que se comenta, não se repete. Punhais soltos sem amor ou compaixão. Não há pena, só desdém. Gostaria de almoçar silêncio. Gostaria que se calassem.

O trabalho continua. Como um contínuo autômato, ele realiza o que lhe pedem. A única parte de si ainda imune a ela não passa de outra fuga, só interrompida pelas ligações que faz, que não são, nunca, atendidas. Seu chefe o chama. Sua sala é pequena. Ele fala, implora, por fim, grita. As palavras, manhas e furiosas, chocam-se contra seu rosto de sucesso. Não há mais vida, não há mais esperança. E ele volta pra casa.

A garrafa vazia vai embora, uma nova companheira a substitui. Ela tem sua beleza, sua luz própria. Virgem, se entrega a ele para conhecer, em sua

existência, apenas um homem. Ele a devora. Sorve dela cada pedaço. E liga. E ela não atende. Vomita suas mágoas, um jorro de vazio. Um lento suicídio, abençoado seja ele.

Ele dorme e sonha. Sóbrio. Com ela. Sempre sóbrio, sempre controlado. O tempo, não. A chuva, não. O carro, não. Um rodopio. Uma ponte. Sangue. Alguém gritando. Sua voz gritando. Vê o braço dela, mas só o braço, que segura o celular. Não vê o resto dela. O resto. Dela. Dela. Lê ainda o texto. No celular. Para a mãe. Vou contar a ele. É menino.

Eles a remontam. A colocam no caixão. Mas ela não está lá. Não está nessa roupa florida que odiaria. Não está nesse cheiro de flores que odiaria. Não está morta. Ela odiaria. Odiaria não ser mãe. Não se remonta. Nada.

Ele liga para ela. Ela não atende.

XV.

Ele se cerca de sua vida. Vazia vida. Por mais preciosa que lhe pareça, sua vida é tão rica quanto a de qualquer outro. Mas é tudo, assim mesmo, passado, e, assim, não mais. Deus não registra o tempo. Não há um arquivo do passado, não há sombras sendo lançadas do presente, nunca haverá viajantes do futuro. O que se foi foi. E os livros se acumulam, a poeira de amontoa. Isso, enfim, é viver.

A fotos não contam histórias. Só remarcam o presente. Quando o olho sobre elas repousa, cicatrizes se abrem em triste jorro. As mulheres que comeu e traiu, as que amou e de quem teve ódio. As que o odeiam, as poucas que ainda o amam. Os amigos de qualidade dúbia e aqueles de qualidade alguma. Os falsos que um dia o traíram, mas o caluniam e o denunciam. Família que se perdeu a cada ano, em meio ao silêncio da vergonha e culpa. Irresponsáveis em seus próprios papéis, atuam mal, seja em palco ou vida.

Seus escritos se acumulam em pilhas infundáveis. Poesias, contos, os romances inacabáveis, letras de música. A tinta que banha o papel é para sempre, inútil. Não toca os corações, não aproxima mentes. São gestos vazios contra a solidão da existência, fruto do ego, do id, da controlada ira. Verdades não ditas, sempre escritas, encontram no não leitor seu único fã.

As roupas espalhadas, lhe pronunciam mais que sua face. O terno surrado e mofado, as roupas que parecem tapetes. As marcas que desfilam e nada representam em sua vida. Camisas, cuecas, calças mudas. E dizem tanto. De seu sapato social surrado até seu cheiro tênis novo. Sua casa é seu closet, onde cada item é deixado em cuidadosa desordem.

Não há adega. E poucas são as garrafas (ainda não vazias). A cerveja vodca do vinhoso uísque se entorna em sua casa como chuva em Recife. Há dias em que não chove, mas na madrugada. A cidade sempre bebe. Só, solitariamente acompanhado, em copos ou seios, a bebida seca. Giram ocas as garrafas. As visitas, saem vazias. E lhe deixam apenas o vapor, o copo por companhia, a ressaca que retina, em estridente denúncia.

Cinzas e pó fazem parte de seu arsenal, armando seu apartamento com uma camada fina de restos de si e do mundo. A fumaça já tocou cada teto, cada móvel, quarto, objeto. As paredes são lambidas e fixadas com cheiro de cigarro. Vício com ares de vil amor, que lentamente o afaga enquanto faca crava e afunda no peito.

E tudo, tudo agora queima. Pois o Diabo não sabe apagar cigarro, quando dorme depois de bebedeira.

XVI.

O prédio parece se levantar do nada.

Nascido, puro, da escuridão.

A noite, circundado de árvores, espera a alvorada.

Pronto para a devorar.

A luz o banha, laranja e forte.
As pessoas entram, ignorantes, da fome.
O prédio treme de prazer.
Silenciosos tremores de gozo, minúsculos, poderosos em seu segredo.

O homem entra. Sua esposa o espera. Ele não se importa.
Escala.
Cansado.
As escadas.
Deixa parte de si nos corrimões.
Devorada.
Sua vontade.
Seu prazer.
Como casca seca, abre a porta.
Come sem sabor.
Banha-se sem alívio.
Dorme sem descanso.

A mulher encontra vazio. O apartamento, quente. O gato mia, se encolhe.
Ela o olha, chora. A cama, fria. O armário, saqueado.
O sono chega, mas imita sua vida, um sono de abandono, seco, vazio.

O velho chega. A porta se escancara lenta.
Como o pó que se move em vagalhões de pena.
As fotos, imóveis, consagram momentos imortais, já mortos.
O assoalho gasto imita sua perna manca. Velha. Só.

A menina chora. Olha para o quarto. Teme o sono.
Pais irritados, surdos, denunciam o absurdo.
Ignoram o horror, a dor do medo, o pesadelo que abocanha.

Escondido nas sombras, oco, o gigante sorri.
Digere os amores, até mesmo as dores.

Um festim.

Que vive.

Morre.

Em si.

XVII.

32 dias, 7 horas, 16 minutos e cada vez menos segundos.

Foi quando nos separamos.

Ela me deu aquele sorriso enigmático com olhos que lembram um gato e me disse adeus.

Tempo demais sem a ver.

Tento, em vão, falar com ela.

Dias se passam sem contato.

A carícia desumana de ouvir sua voz por uma máquina seria melhor que o silêncio.

Ela sorri e se despede.

Fecha a porta atrás de mim, me abandona no vácuo.

Tento não lembrar, mas checo minhas mensagens e apelos.

Confissões e medos.

Nessa espera, a noite e dia se intercalam sem substância.

Não há solidão pior que a outra.

Tudo que devoro é pálido, não há vida sem sua luz.

Apenas os mesmos filmes, livros, músicas.

Apenas o barulho das máquinas.

Pulsam como um coração artificial.

Um amor perdido no espaço.

Duas carcaças feridas, dardejando no espaço.

O módulo, eu sinto chiar, se arrastando.

Os sóis que ofuscam até mesmo as estrelas, tornando tudo tão negro.

Como um titã ferido, sinto o pulso, que ainda pulsa.

Mas é só.

Mergulho em direção a um epitáfio, que nunca será lido ou cantado.

Na minha frente, as esferas se abraçam.

Amantes, que jorram gás e calor.

Abraçados numa noite sem fim, despejando-se de si um desejo infinito.

Dardejo, lento, ferido e pálido, em direção a corações de luz.

São meus últimos minutos.

Minha pequena Eva, onde estás?

Irás me perder no espaço de um instante.

Não há nada, a não ser uma solitária estrela entre os dois gigantes.

Uma solitária estrela...?

Se for, é feita de metal, é habitada por uma amante.

Ela brilha, escorrega na escuridão. Chameja.

A saudade é maior que o medo da morte.

O desejo, maior que a fome, ferimentos e cansaço.

A espera agora é curta.

A vida será feliz e longa.

XVIII.

Era Lisboa e chovia.

A lua guardava meus dias.

O sol inclemente dormia.

Escondido no mar que chorava.

O canto bêbado crescia.

Nos bares onde Lisboa chovia.

O cão espera na rua.

Passos brasileiros, trôpegos.

Sob o luar ibérico, entre o mar e a montanha.

Uivam cães e cantam amigos.

O passaporte suado, surrado.
O pernambucano molhado, amassado.
Cacos , urina, restos mortais.
Vazias garrafas de Sodré ao Cais.
Ele desce empertigado. Sério, lavado.
Corre chuva por olhos, cabeça, corpo e pés.
A cerveja e o bourbon descem por dentro.
Iluminam as entranhas com fogo cênico.
Calor ilusório e sem intento.

– Você está bêbado.
Ele olha para o cachorro.
– Estamos.
Responde o cão.
– Disso não posso discordar.
E descem as ruas sujas, entorpecidas por lixo e garrafas.

O outro cão olha para eles e uiva.
A lua, com voz de Lis, olha para eles, incrédula.
Duplamente cansada, desce ligeiro.
Ignora a maré que avança, um puxão, um tesão.

– O autor está bêbado, não percebem?
O cão olha para fora do texto e se volta para a Lua.
– E?
Responde ela, olhando pro cão, e volta para o céu, obviamente irritada.

As cartas da mãe se acumulam nos bolsos do bêbado. Mais cartas que euros, ele bem sabe.

Ele muda de bar, mas bebe ainda vodca. E cerveja. E vinho. E vômito.
O cão o espera lá fora. Se cansado, não demonstra.

Pega na roupa o passaporte, a passagem.

Na chuva, não dissolvem.
Lembra-se da mãe. Decide pelo delírio.
Mas os próprios cães o levam até o aeroporto.
Traído, o bêbado, procura dentro de si, um equilibrista.
Uiva com ódio contra os cães.

Anda se arrastando, como o câncer no Brasil.
“Meu filho” dizia a carta. “Conversei faz duas semanas com o médico”.
E havia mais o que falar?
De Portugal, só iria para conhecer o cadáver.

No aeroporto cancela a viagem.
Saiu na chuva. Espera um táxi.
A Lua desce, lhe oferece carona.
A garrafa de vodca some após o vidro quebrado.

Ele se despede dos cães.
Mergulha na água salgado.
Deixa-se levar.
Deixa-se lavar.

As memórias escorem, misturam-se com o mar.
Algumas visões de uma mãe que está(rá) morta.
Existe saída?
Ele não sabe. Com o rosto choroso, olha para Lisboa, onde chove.

XIX.

Acordo e escorrego da cama. O quarto está escuro, mesmo com o adiantado da hora. Não há ressaca. A garota-da-noite-passada ainda dorme. Visto-me, ligo para a recepção, deixo uma nota com um poema e telefone, pago a pernoite, nosso consumo, deixo pago também um café da manhã para ela e

vou embora. Sem despedidas, sem drama, sem falsidades. Foi bom, foi bom, bye, bye.

O carro entra na garagem. Suave, suave. A esposa dorme ainda, meus filhos também. A empregada abre a porta, entro, tomo banho, chamo todos para o café da manhã. Comemos bem, conversamos muito. Piadas, brincadeiras, sorrisos. Ficamos depois na piscina. Passamos assim a manhã.

Almoço com a família e vou ao Centro beber com amigos. Cerveja, uísque, gim e rum, cada qual com sua persona alcoólica. Damos muitas risadas. Esposas nunca tornam-se o tópico. Futebol, política, mulheres. Duas mulheres. Uma olha para mim, flerta. Dou tchau para os meninos e saio com as duas.

Porra, noite louca. Muita bebida e as duas se drogam. Lindas, ambas. Passamos a noite no motel e acordo cedo. Pago o quarto, pago o consumo, vou embora. Uma delas ainda quer uma rapidinha no chuveiro, aproveito e ainda tomo banho. O carro ronrona, um grande gato preto. E saio do motel. Sem pressa.

Diferente da carreta que bate no carro com tanta força que sinto que meu corpo ficou no lugar e eu saí voando. Mas ele veio. E bateu no asfalto. Numa parede. O crânio racha. A pele rasga. Nem sei mais o que quebrou e se partiu por dentro.

A esposa e filhos olham para mim com nojo. Paralítico, deformado, irreconhecível. Chegam alguns amigos na primeira semana, mas não voltam e as notícias devem se espalhar como fogo mesmo. Ninguém mais vem na segunda. Nos meses seguintes, só recebo advogados. Metade de mim ficou no asfalto, a outra metade, na sala de audiência.

Seis meses. Minhas pernas não respondem. A insônia me propôs casamento. As cirurgias têm me restaurado, mas o custo é enorme. Estou arruinado. Conto as horas, segundos. Meu tempo se divide em sessões de fisio, comida horrível, a hora de defecar, tomar banho, urinar.

O que mais me dói é a reação das mulheres. Olham-me com horror, desprezo, nojo. As cirurgias feitas e planejadas vão mudar isso. Mas dói. Sempre as tratei bem. Sempre satisfeitas, pediam por mais. Agora, não apenas as assusto, mas nada tenho a oferecer...

E mais um dia chega. E a luz invade, devagar, o quarto. O sol brilha sobre mim e sinto, depois de meses, o meu pau.

Nem tudo está perdido.

XX.

Meus pés molham a areia. Ando sem pressa para chegar a lugar nenhum. Ontem eu fui julgado. Hoje, deixado ao alcance da praia. Não consigo ainda compreender minha condenação. Eu sei que sou culpado, mas não sinto a culpa ou remorso. Isso me deixa confuso e perdido. Cometi o crime, mas não sei por que deveria me arrepender.

Não vejo árvores, mas podem estar logo atrás das dunas. Não me atrevo a investigar. Tenho de chegar até a prisão antes do anoitecer. Mais que isolado, me sinto desolado. Aqui é tudo diferente. Tenho quase certeza que há nativos atrás das dunas, mas suas vozes chegam distantes, só reconheço uma palavra ou outra.

Agora também vejo outros na praia. Prisioneiros todos nós. Iguais em crime e pena. Caminhamos na mesma direção. Alguns ainda lutam com o mar. Ninguém o ajuda. Devemos, cada um de nós, buscar nosso próprio caminho. É como me ver afogando-me. Somos, enfim, iguais.

O sol queima meu corpo sem piedade. Nus, sem número, sem identificação, sem nada. Nossas posses foram leiloadas minutos após a pena ter sido oficializada e o que não foi vendido foi reciclado. Nossas posses. Nossas identidades. Aqui não sou nada, nenhum de nós é nada.

A noite chega. O som de feras e o frio. Ouço a luta, gritos, animais. E não podemos correr, cansados de caminhar na praia. O medo e horror são enormes, mas também o senso de fatalidade. Não há nada que possamos fazer, a não ser ir em frente ou sermos devorados.

Quando chego, já é manhã. O muro é alto. Somos apenas uma dúzia. Fomos massacrados à noite. A porta ignora qualquer sentimento de pesar e, lenta, se abre. Por trás, uma vila. Uma faixa com símbolos estranhos. Gente mostrando os dentes. Aproximam-se e gesticulam, sinalizam paz. E entramos.

Dão-me um banho, tratam de minha pele e pés feridos. Vestem-me, alimentam-me, abrigam-me. Ensinam-me a ler, a participar de seus rituais, festas. Ensinam-me a sorrir. E, por fim, me dão um nome. Acordo feliz, depois de muito tempo, feliz. Talvez, pela primeira vez na vida, feliz. Vou brincar com as crianças na praia e corro sorrindo.

O operador desplugue O46J-OskeR3534 da máquina. Liga-o em outra no qual sua personalidade e memórias são triadas e colocadas em um novo corpo, idêntico. O corpo antigo é reciclado. O operador faz uma oração para A Máquina e leva o novo clone para o centro de distribuição. Lá, o novo padrão é implantado e colocam seu corpo num veículo que segue para a zona de produção. Eles o despertam e lhes dão seu equipamento.

Ele volta à sociedade. Um carro. Uma parceira. Uma bela residência. Seu trabalho é novamente essencial. Um drone como tantos outros. Renascido. E morto para sempre.

XXI.

A leitora anda pela cidade, suando muito, ela está obviamente em Recife. Então, quando vê uma porta aberta e sente o ar frio saindo, não pensa duas vezes, joga o cigarro fora e entra.

– Olá, posso ajudá-lo?

Diz Felipe. Ele não deve ter mais de trinta anos e irradia paz. Adriana olha para ele desconcertada.

– Não, não. Desculpe, entrei só por causa do ar.

– Fique à vontade. Mas... já fez trabalho voluntário? Trabalhou com hospitalais?

– Não...

– Bem, leve nosso panfleto.

A leitora sai e desce a Boa Vista. Caminha, buscando as sombras.

– Oi, Isabela.

A leitora se vira, tira o lenço da cabeça. Nunca viu o homem ou o gato.

– Ei!!!

Isabela grita quando o homem estica o braço e pinta sua testa. Ela procura um espelho na bolsa e quando olha, o homem não está mais ali. “Que diabos!”, pensa a leitora, exasperada. A marca já borrou com o suor, mas a tinta era de um vermelho vivo.

A leitora sente tontura e entra numa rua escura. Outra porta aberta, mas ela não entra. É puxada.

– Ei!!!

Diz Júlia, quando a mulher alta e magra, de tatuagens que cobrem quase totalmente seus braços, não só a puxa, mas a empurra para uma cadeira.

– Não se assuste.

Ainda tonta, mas de quente sangue ariano, Júlia tenta se levantar, mas, sem a força de suas poesias, volta até a cadeira.

– Calma. E por favor, corte.

Júlia corta o baralho. Beatriz revela as cartas com cuidado. O Tolo. O Mago. A Sacerdotisa. A Imperatriz. O Papa e cada carta seguinte, seguindo a ordem numérica...

– Você embaralhou?

– Sim. É você. Você está fazendo a jornada do tolo. Desculpe, não devia ter trazido você aqui, eu tenho um filho. Vá. Beba isso, vai se sentir melhor.

Júlia olha desconfiada e bebe. E sai da casa.

A leitora anda pela Manoel Borba, entra na Ilha do Leite. Vê a maternidade. O prédio é lindo. Um sonho feito de aço e vidro. Uma ruiva esbarra nela e sorri.

Laís, também ruiva, corresponde o sorriso. A grávida segura seu vestido, diz algo baixinho e continua indo em direção ao prédio.

Laís está intrigada, mas, depois de tudo por que passou hoje, a leitora prefere seguir em frente.

Ela não sabe bem para onde. Para onde a narrativa a leva, que caminho, que destino.

O leitor vê, então, o homem alto, segurando a mão que parece o foco de dor. O homem o vê e se aproxima.

– Quebrei a mão, doutor.

Júlio não entende por um segundo, mas se recompõe.

– Vá na minha clínica. Não tenho como lhe examinar agora.

– Deus lhe pague, doutor. Meu nome é Jurandir, vou ver o senhor.

O leitor acha o encontro estranho. “Mais um entre tantos”, pensa ele. Mal se vira e um padre joga água nele, o abençoa e sai andando.

– Vá tomar no cu!

Mas o homem ignora o grito de Júlio. “Porra”. E se vira e vai em direção a um bar.

O leitor senta e pede uma cerveja. Um casal de homossexuais o para. Ele nota que um deles é cego. Justamente esse se levanta e sussura no ouvido de Denisson: “O seu trabalho falso, é real”. E volta para a mesa. Denisson termina a cerveja, procura seu carro e segue para a Caxangá. O carro para. Um homem se aproxima e abre seu capô.

– Quer que conserte?

– Cobra quanto?

– Pra você? Nada. Já fiz uma viagem assim.

– Eu não estou viajando.

– Está. Você só não percebeu ainda.

Denisson deixa o homem consertando o carro e vai na esquina olhar o jornal que está na banca.

A leitora começa a ler o jornal e uma mulher o tira de sua frente. Clara olha a mulher, bem mais velha, e a reconhece. Não sabe bem como, mas a reconhece. A mulher exala vitalidade. Um poder primitivo, instintivo, belo, que não consegue esconder nos seus trajes de executiva. Ela olha Clara nos olhos, e a menina mal consegue sustentar-se diante da Força daquele olhar e diz:

– Cuidado com o Diabo.

– Hã?

Clara responde aturdida, mas jura se lembrar disso. Antes que possa dizer algo, a mulher segue em frente, as pessoas na rua saem de seu caminho, de seu passo apressado e poderoso.

A leitora tenta segui-la e a multidão se fecha. O leitor olha para os lados, preso num mar de gente.

Eduardo força sua passagem e mal vê a faca. Desajeitado, empurra o homem de olhos estranhos e corre.

Ele para quando um jornal voa na sua direção, lhe cobrindo a face. A notícia de múltiplo homicídio e suicídio tem destaque, mas ele se preocupa mais em contar os erros da jornalista, averiguando com precisão sua ortografia.

– Eu escrevi essa matéria.

Eduardo olha a mulher e estremece. Ela lembra uma aranha, um monstro em um RPG que jogou.

Ela percebe seu medo, sorri. Ele vê a sombra dela se deslocando e não espera mais, corre.

A leitora se cansa. Arfa. Tássia olha para os lados. Ela tatala. E vê o casal vindo. Neles, ela vê a morte, ou superação de morte.

Mas fica lá, calada, olhando. Bem tatalante. Eles param em frente a ela, dão uma bula de remédio. Sorriem e vão embora, braços dados.

A leitora fica confusa, confusa como o diabo. Por um momento, ela quase lembra, mas esquece. É a noite. A noite lhe é estranha nesse cemitério. Qual? Da Várzea. Ela escuta um toque de celular que parece vir do chão. “Absurdo”, ela pensa, e Tássia tatala assustada para longe dali.

O leitor anda apressado. Não gosta de cemitério. Queria estar com seus amigos, seus livros, sua crítica literária, e Daniel foge. E vê o incêndio. Um homem sai queimado, queimando, tropeçando no ar, mas não cai. É o diabo. Ou vítima dele. Ele chama Daniel. “Cuidado com o diabo”, ele pensa. E se joga sobre o homem, ambos rolam na areia, ele apagando as chamas, o homem, sobrevivendo.

Liga para o Samu e espera.

A leitora se cansa de esperar. Tem de ler, escrever, escrever MUITO. Pensa no seu artigo, nos seus cabelos ruivos, em seu relógio Cartier e não,

não conhece Recife. Anda em direção ao prédio. Ela o percebe tarde demais. O miasma emocional a atinge. Deprime. Ela se ajoelha. Chora. Ana olha pra cima e, então, vê a estrela. Uma nave espacial que parece destinada a levar uma Eva e se levanta e corre. Prossegue com a jornada, desafiando os erros de ortografia que o autor coloca como bem cuidados obstáculos.

Ela esbarra em um homem. Ele se desculpa, com forte sotaque português, mas, ela percebe, é brasileiro. Isabella, que se sentiu também exilada por tanto tempo, o abraça. Ele chora. A lua os ilumina, ele se solta, beija ambas suas mãos, pega suas malas e parte. Ela se senta no chão, e se levanta Marília.

– Você chegou.

Ela olha o homem, bem mais velho, com ataduras no rosto. Os traços que escapam são bonitos. Quase filosóficos.

– Cheguei onde?

Ela pergunta, tirando um cigarro da carteira, que vira um copo de café.

– Ao fim.

E Marília senta em frente ao micro. Lê a história de um homem que não é nada, sequer ninguém, que não sonha nem com o próprio nome numa praia perdida em algum ponto de um futuro esquecido. Pensando, desliga o micro e olha para o autor. Seu amigo.

Ele a olha de volta e para todos. Leitores, leitoras, personagens.

Seu mundo.

E desliga, ele, o micro.

E se volta para o vazio de si.

Ginnungagap.

GINNUNGAGAP: UM LIVRO DE CONTOS E COMEÇOS

FORMATO

15,5 x 22 cm

TIPOGRAFIA

Swiss 721 Cn BT

Minion Pro

Editora
Universitária  **UFPE**

Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 | Várzea,

Recife - PE CEP: 50.740-530

Fones: (0xx81) 2126.8397 | 2126.8930 | Fax: (0xx81) 2126.8395

www.ufpe.br/edufpe | livraria@edufpe.com.br | editora@ufpe.br

ISBN 978-85-415-0176-7



Este é um dos 17 títulos publicados com o selo da *Coleção Novos Talentos* (edital 2012). A iniciativa é fruto de uma ação conjunta entre a EdUFPE e as Pró-Reitorias para Assuntos Acadêmicos (Proacad) e de Gestão de Pessoas e Qualidade de Vida (Progepe) e visa incentivar a publicação de obras inéditas, produzidas por servidores técnico-administrativos e estudantes em nível de graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A proposta é democratizar a possibilidade de publicação através da descoberta de novos autores que, embora ostentem inegável talento para as letras, têm difícil acesso ao mercado editorial por serem neófitos. Todos os títulos foram analisados pela Comissão Editorial da EdUFPE, composta por cientistas da UFPE com notável saber científico, e representam importantes contribuições para diferentes áreas, tais como literatura, música, teatro, pedagogia, gastronomia, administração pública e tecnologia.